

Minidicionário
da Indumentarista
Sophia Jobim

Com ilustrações em preto e branco
da própria Sophia





Minidicionário
da Indumentarista
Sophia Jobim

Com ilustrações em preto e branco
da própria Sophia



Fausto Viana e Sophia Jobim

São Paulo
ECA USP
2021

ISBN 978-65-88640-43-2

DOI 10.11606/9786588640432

Organização e textos: Fausto Viana e Sophia Jobim

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Capa: Maria Eduarda Borges

Revisão: Márcia Moura

**Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

V614m Viana, Fausto
 Minidicionário Sophia Jobim [recurso eletrônico] : com ilustrações em preto e
 branco da própria Sophia / Fausto Viana, Sophia Jobim. – São Paulo : ECA/USP,
 2021.

209 p. : il.

ISBN 978-65-88640-43-2
DOI 10.11606/9786588640432

1. Moda. 2. Vestuário. 3. Dicionários. I. Jobim, Sophia. II. Título.

CDD 21.ed. – 391

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no Minidicionário Sophia Jobim. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontra-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020



Esta pesquisa é resultado de uma pesquisa desenvolvida com apoio da Fapesp, através de um auxílio-pesquisa regular.



Texto de Sophia Jobim explicando o seu ex-libris, um selo normalmente colocado na contracapa ou na folha de rosto do livro, que indica a quem ele pertence. Expressão do latim, significa, literalmente, “dos livros”. Pode trazer uma ilustração, uma frase ou ambas, que servem para identificar o lema do dono do material. Vale lembrar que a palavra **Σοφία**/sofia quer dizer sabedoria.

Seria inútil que alguém tentasse descrever materialmente a beleza do vestuário da Grécia Clássica. Ele se espiritualiza diante de nossos olhos encantados, quando observamos que há 3.000 anos não foi preciso realizar a árdua tarefa de um corte anatômico para que se vestisse magnificamente o belo “edifício” do corpo humano.

Retângulo saído do tear, algumas fíbulas, ou melhor, espinhos de plantas, e um raio de imaginação, aqueles soberbos “Christian Dior” da Hélade, cujos nomes a história ignora por omissão inexplicável, construía suas roupas com naturalidade.

Aquele triângulo saído do tear servia milagrosamente para vestir um filósofo, uma hetaira, um herói, um escravo e... até mesmo um deus!, variando apenas o seu panejamento.

Os artistas da Grécia Clássica foram os únicos a realizar o milagre de fundir a mulher ao traje. Segredo antigo que se perdeu infelizmente na evolução dos tempos modernos... Eva se depreciou nas mãos de costureiros de hoje (mais hábeis?), vindo a ser agora apenas um suporte ou manequim para a exibição de suas modas profanas.

Escarnecendo de seu pudor, eles acentuam maliciosamente as curvas do corpo humano, sem procurar seus belos efeitos, às vezes. N'outras, escondendo todas as formas que o Criador aprimorou para incentivar o amor, condena a ver, num excesso de panejamento, riqueza de detalhes supérfluos.

Como era harmoniosa e augusta a indumentária da Grécia Clássica! Como sabiam aqueles artistas da Antiguidade se servir de panos em casa pelas suas próprias mulheres.

O tear naquele tempo, na Grécia Antiga, bem como em Roma, era o emblema das virtudes domésticas. Note-se que a mulher daquela época, com capacidade e firmeza, dirigia a economia da sociedade sem precisar sair do lar.

Surpreende-nos observar que hoje, depois de 30 séculos de história, esta indumentarista, querendo resumir num símbolo a mais bela concepção artística do traje de todas as épocas, só consegue encontrar, na vasta galeria das modas, a beleza de um kiton ou de uma himação clássicos.

Daí a razão deste “ex-libris”, improvisando a esplêndida draperie de seu traje apenas com os ângulos saídos de seus domésticos teares e inspirados por um raio de sua imaginação.



Altar de Nossa Senhora das Vitórias, na Igreja de Santo Inácio, Copacabana. Foto: Fausto Viana.

Sophia provavelmente dedicaria o trabalho à Nossa Senhora das Vitórias, aos pés da qual ela rezava na Igreja de Santo Inácio, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

Fausto dedica ao Padre Raphael Bluteau, por seu trabalho como lexicógrafo.

Agradecimentos

São Paulo:

FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo; Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; Maria Helena Bastos; Elizabeth Azevedo; Kathia Castilho; Eduardo Crispino Torres; Dalmir Rogério Pereira; Kim Chicaroni Viana; Gabriel Crispino Torres; Ângela Messias da Silva; Josana Ferreira Bassi de Moura; Maria Eduarda Borges.

Rio de Janeiro:

Escola Nacional de Belas Artes; Profa. Dra. Maria Cristina Volpi Nacif; Equipe do Museu Histórico Nacional; Vera Lúcia Bottrel Tostes, diretora na ocasião do início do projeto; Rosângela Bandeira; Daniella Gomes dos Santos; Eliane V.da Silva; Isabel Cristina M. dos Santos; Jeane Mautoni; Vera Lúcia Lima; Adriana Bandeira Cordeiro; Biblioteca Nacional; Vinicius Martins; Família Jobim: Luís Jobim e Quita Mendonça Jobim.

A leitura da obra neste volume poderá ser complementada com as seguintes publicações:

COCHERIS, P.; JOBIM, Sophia (trad.); VIANA, Fausto (org.) *As vestimentas primitivas*. São Paulo: ECA/USP, 2020.

LAVÉ, James. (Traduções e anotações de Sophia Jobim e Fausto Viana). *Estilo no traje*. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2020.

MÉSANGÈRE, Pierre de la; JOBIM, Sophia (trad.); VIANA, Fausto (org.) *A moda pela imagem do século XII ao século XVIII*. São Paulo: ECA/USP, 2020.

VIANA, Fausto. *Dos cadernos de Sophia Jobim: desenhos e estudos de história da moda e da indumentária*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

VIANA, Fausto. *Almanaque da indumentarista Sophia Jobim: um guia de indumentária, moda, reflexões, imagens e anotações pessoais*. São Paulo: ECA/USP, 2020.

Sumário

1. Apresentação	11
2. Minidicionário	15
3. Ilustrações em preto e branco	
<i>O lendário Egito I</i>	134
<i>O lendário Egito II</i>	140
<i>A Grécia Clássica</i>	145
<i>Chaperon</i>	152
<i>Rabicho chinês</i>	158
<i>A deformação do pé chinês</i>	162
<i>Ilustrações diversas</i>	166



“A troca das duas princesas da França e da Espanha no Rio Bidassoa em Hendaye, 9 de novembro de 1615”.
Museu do Louvre, óleo sobre tela de Petrus Paulus Rubens (1577-1640), 3,84m x 2,95m.
Ano da pintura: entre 1600-1625.
Acervo: Museu do Louvre.

Apresentação

Ai, palavras, ai, palavras
que estranha potência a vossa!
Romanceiro da Inconfidência,
de Cecília Meireles

Este livro é um desdobramento de algumas publicações feitas sobre Sophia Jobim e seu legado desde 2010, a partir de um projeto que teve início em 2006 e se desenvolveu a partir de 2007: foram apresentações e palestras em seminários, colóquios e eventos. Ao longo da trajetória da pesquisa, fui percebendo a necessidade de trazer a público o trabalho de Sophia Jobim (1904-1968), a primeira autodeclarada estudiosa de indumentária da América Latina – ou indumentarista, como ela gostava de dizer. Hoje, Sophia seria classificada como historiadora da moda.

Sophia era paulista, mas desenvolveu sua carreira de maneira efetiva no Rio de Janeiro. Era apaixonada pela indumentária e pela moda e atuou neste ramo em diversos segmentos: foi professora de corte e costura em uma escola que ela fundou em 1932, o Liceu Império; à medida que a atuação profissional do marido se expandia para o exterior – e a trajetória profissional e afetiva de ambos era muito interligada – ela foi se desenvolvendo no exterior como pesquisadora de têxteis e trajes, experiência que ela “materializou” em formato de museu que fundou em sua própria casa em Santa Teresa; foi também professora da Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e teve intensa vida social.

Em 2015, uma primeira publicação – *Dos cadernos de Sophia Jobim: desenhos e estudos de história da moda e da indumentária* – trouxe os desenhos coloridos de Sophia. Posteriormente, outros lançamentos foram feitas destacando aspectos da obra de Sophia Jobim: traduções que ela iniciou, mas não teve tempo de acabar, por exemplo. O *Almanaque da indumentarista Sophia Jobim*, lançado

em 2020, cobria diversos aspectos de seu trabalho: textos em prosa e poesia; um glossário de A a Z; um caderno de costura e um livro de culinária.

Sobraram muitas coisas a serem exploradas sobre Sophia Jobim, e muitas delas eram... palavras!

Ao longo do trabalho com mais de 125 cadernos manuscritos de Sophia, que hoje fazem parte da Coleção do Museu Histórico Nacional, *passim* – aqui e acolá – surgiam palavras que Sophia anotava ou comentava. Se eram textos seus, não acredito que vá ser possível dizer. Nossa aposta nos leva a crer que eram anotações que ela fazia de termos que via em diversos lugares: livros, jornais, revistas... Ela chegava mesmo a anotar, em alguns casos: “para o meu livro”. Às vezes, dava o crédito ou a referência, em uma breve anotação. Por exemplo: A.Blum, que não necessariamente fornece uma ajuda muito eficaz para se identificar uma fonte. Seria uma alusão ao livro *Histoire du costume*, publicado em 1928 pelo autor francês André Blum, que continha uma introdução do mítico Maurice Leloir?

Podia ser. Assim, sempre que havia uma indicação mínima, mantive a anotação e acrescentei, como será possível ver, em qual caderno da coleção a entrada estava, para que outros pesquisadores no futuro possam recuperar a informação e, quem sabe, ampliar sua identificação.

Mantive, sempre que possível, as anotações exatamente como foram feitas, com parte em francês, ou espanhol, ou outro idioma, mas com a base sendo em língua portuguesa. Evitei ao máximo as atualizações do texto.

Essa decisão foi tomada por vários motivos, além do óbvio respeitar o trabalho do autor e seu estilo. Sendo esta uma publicação dedicada a historiadores da moda e da indumentária, manter as anotações como foram feitas entre os anos de 1940 e 1960 é resguardar importantes fontes de pesquisa para quem estuda. Uma das possibilidades é poder identificar como uma determinada peça era chamada então, já que a moda e a indumentária muitas vezes recebem a mesma denominação.

Por exemplo: vestido. No verbete “vestido” desta publicação, consta, entre outras definições, que “O vestido, desde a antiguidade é o vestuário por excelência da mulher”. Qualquer observador mais atento da moda atual dirá que o vestido é uma peça associada ao guarda-roupa feminino, geralmente em uma peça só, única. Mas nem sempre foi assim. No verbete “tabard” está escrito: “Tabardo dos antigos, vestido longo, utilizado na Idade Média para o frio”. Oras, mas o tabardo era um casaco que se colocava por cima das armaduras – aparato exclusivamente masculino! Assim, ao recorrermos ao Dicionário do Padre Bluteau, de 1728, veremos que vestido é: “o com que nos cobrimos, para a honestidade e para defender o corpo das injúrias do ar” (p.458) e outras definições que nos permitem concluir que vestido é uma palavra que pode ser usada para ambos os sexos.

Mas há diversas outras possibilidades de se usar o *Minidicionário Sophia Jobim*. Uma delas é entender o uso do vertugado. Ou vertugadin, ou vertugale... Ou anquinhas? Mas que tipo de anquinhas são essas que mudam tanto de formato e material?

Por isso, mantivemos as diversas anotações de Sophia sobre o assunto. Veja:

Vertugadin Cad. 22 - Original da Espanha

Vertugade - adotado na França por Claude de France, primeira esposa de Francisco I, que reinou desde o seu casamento em 1514 com seu primo Francisco I até a sua morte em 1524. Na Espanha se chamava vertugado. A adoção deste acessório da toilette, que durou três séculos, com suas variantes, será uma fonte de inspiração. A vertugade criou a vertugadin, os paniers e a crinolina. A vertugade ou vertugale, mais tarde vertugadin, era uma saia de baixo, jupon, de grossa entretela (canevas) recoberta de uma barra de tafetás espessos, às vezes armado em baixo por um anel de vime ou junco, o que alargava a saia na sua parte inferior. Sua forma era cônica e ela se prendia à cintura sobre o pano da basquine. Ela dava à robe, na parte inferior a forma de um cloche. Esta moda incômoda durou mais de 100 anos. A vertugade sob Luiz XII continuava a ser usada, porém com o nome de vertugadin. A saia continuava, pois, a mesma em cloche. A grande reforma foi no corsage (corpete). As mangas não foram mais crevées, mas bouillonnées, “rebras” no punho, isto é, grandes manchettes de renda. No decote rabats ou golas. Pela primeira vez no século o busto se mostra sem ser deformado pela robe. Declínio do vertugadin: sabe-se no que consiste o vertugadin do século XVI, espécie de jupon (anágua) em forma de cloche que no fim do século XVI e sob Henrique IV, foi sustentado por círculos de ferro dando à mulher a aparência de estar dentro de um barril ou cilindro. Até 1630 o vertugadin subsistia, mas se modificando. Não mais essa inchação em volta dos quadris, inchação tão desgraciosa que ele tinha no começo e de outra parte ele foi atenuando, diminuindo nas suas duas extremidades e formou ponta. Não foi mais que uma armação achatada. Este efeito (mais sábio) do vertugadin e do corps de cotte (isto é, do corset) e todas as formas gerais nós constatamos nos admiráveis trajes de Isabelle de Bourbon e de Anne d’Autriche, célebre quadro do Louvre “L’échange des deux princesses”.

Vertugadin Cad. 33 - anquinhas.

O fato de citar uma obra pictórica como a do Louvre, que está na abertura desta apresentação, também nos permite referenciar visualmente o que se deseja definir, ao menos naquele período histórico.

As ilustrações da segunda parte deste trabalho, todos trabalhos em preto e branco (com a irresistível exceção de três imagens coloridas) de Sophia Jobim, também são, ao seu modo, informativas. São ilustrações que ela usou “na Cadeira de Usos e costumes”, que ministrou no Conservatório Nacional de Teatro do Ministério da Educação, conforme ela esclarece em seu currículo vitae (ver VIANA, 2020, p.83). São cinco conjuntos de desenhos: O lendário Egito I, O lendário Egito II, A Grécia Clássica, Chaperon, Rabicho chinês e A deformação do pé chinês. As demais ilustrações foram retiradas da coleção do Museu Histórico Nacional e, certamente, complementam as definições anotadas por Sophia ao longo de sua jornada profissional.

Ao trabalho, pesquisador-leitor!

Há muito a ser lido, discutido e acrescentado. Quem sabe o próximo passo a ser dado para a ampliação da obra de Sophia Jobim não será justamente o seu?



Figura 1 - Assírios, desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Ailes de Moulin Cad. 7 – Grandes laços que guarnecem os sapatos. A nobreza usa um sapato de salto alto e com fivela às vezes, laços, rosetas etc. A peça do peito do pé era em geral vermelha como o salto, quando o nobre já tinha sido apresentado ao rei.

Amadis Cad. 33 – Mangas justas.

Amigaut Cad. 7 – Fenda aberta na gola de uma vestimenta, para abotoar. Do século XII ao XIV, o amigaut se fechava por um grande colchete ou fechadura (fermail). O amigaut do colete ou da cotte se fechava também por um atacador (lacet) ou *cattoire*. A partir do século XIII o amigaut do pourpoint de homem ficava aberto, os ângulos se dobrando em revers (lapela).



Figura 2 – Amigaut. Fonte: LELOIR, 2012.

Anglaises Cad. 33 – Cachos em saca-rolhas (espiral).

Anquinha Cad. 6 – Ancas postiças (de anca). Algibeira, retesada com barbas de baleia. Outrora no século XVIII, espécie de sobressaia saliente, guarnecida de barbas de baleia. “Os vestidos de anquinhas”.

Attire Cad. 6 – Atavio, adorno, ataviar, adornar.

Avant-garde Cad. 7 – Vanguarda, parte de um exército ou de esquadra que vai à frente.



Figura 3 - Bizâncio, traje imperial. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN

Balandrau Cad. 6 – Opa, usados por certas irmandades em solenidades religiosas. Capote largo e comprido. Vestuário com capuz e mangas largas.

Balangandãs da penca baiana Cad. 34 – Um dente de javali incrustado em prata; um pandeiro de prata; 2.000 réis do Império (D. Pedro II); um caju; um peixe movediço; um cacho de uva; um golfinho; uma sereia; um galo; uma pomba; uma chave do tabernáculo; um abacaxi; um pau de angola; uma goiaba; um tambor; um quartinho; uma cabaça; um machado; uma figa de prata pequena; uma grande figa de chifre.

Baldequino Cad. 7 – Tecido de ouro, originário de Bagdá, cuja fabricação transportou-se a Chipre e a Palermo. Do séc. XII ao séc. XVI se chamava “drap d’outre-mer”.

Bandeau Cad. 7 – Faixa, cinta, tira. Bandeau Royal, diadema, venda, véu, toucado de viúvas.

Bandelette Cad. 7 – Tirinha, pequena faixa.

Bardocuculle Cad. 7 – Capuz com pele longo usado nos primeiros séculos da nossa era pela gente do povo. Cuculle.

Baudrier Cad. 33 – Bodrie, talabarte, talim, correia a tiracolo que segura a espada.

Baudrier Cad. 7 – Forte couro de vaca curtido e adoçado e preparado sem sebo (suif) para os fabricantes de baudriers. Talabarte, bandoleira de tiracolo. Suspende a espada etc.

Bavalette Cad. 33 – Coifa, toucado de saloia. Atrás tinha uma espécie de lenço sobre a nuca.

Bavolette Cad. 7 – Espécie de pequena bandeira, de bordado sobre a nuca, quando cai nas costas das criadas. Luiz XIII símbolo de sua condição.

Bayadère Cad. 6 – Bailarinas indiáticas.

Bespoke tailoring Cad. 6 – Alfaiate sob medida.

Bicorne Cad. 7 – Foi no fim do século XVIII que o chapéu masculino de 3 cornos perdeu um corno. Os soldados da Revolução o usavam comumente ao viés. Durante o Diretório, os elegantes ditos Incroyables, tinham chapéus tanto em petit-bicornes, como em enormes demi-lunes. O bicorne, depois de 1800, passou por todas as formas. Ele era ainda utilizado no fim do século XIX usado “en bataille” (cornos à direita e à esquerda, para a gendarmérie, os cocheiros de pompas fúnebres). O bicorne, usado “en colonne” (isto é, cornos na frente e atrás) ornado de plumas e usado por oficiais generais, os membros do Instituto, os embaixadores e sem plumas pelos garçons do Banco e Politécnicos.

Bigarré Cad. 33 – Variegado, matizado, puntalgado, colorido com diversas tintas.

Biquíni (Sobre o) Cad. 18 –

1. Amarre o tecido do lado esquerdo em volta dos quadris;
2. Dobre em macho o excesso;
3. Depois as pontas em remate, para centro;

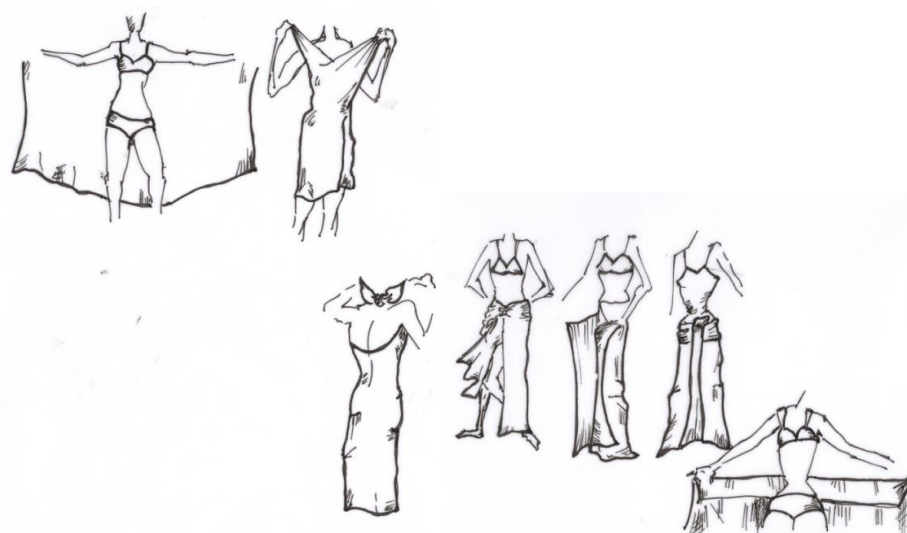


Figura 4 – Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Posado sobre Biquíni

1. Centralize o tecido – sentido largura – a altura dos quadris, dobrando-o para dentro a fim de atingir o comprimento desejado;
2. Ajuste ao corpo – arrematando em nó no centro;
3. Deixe cair as pontas de cada lado.

Birre Cad. 7 – Na Antiguidade, usava-se um capote de nome de birre, cobrindo a espádua e a cabeça sob o queixo.

Bliaud Cad. 7 – É de lã ou seda, fendida a meia-altura dos lados. Bliaud, bliaut, também chamado

Blaude Cad. 7 – espécie de túnica de cima usado pelos dois sexos depois da época carolíngio até séc. XIII. O bliaud se ajustava na cintura por um cinto. Para os homens as mangas eram ajustadas ao pulso, enquanto eram evasées para os vestimentos femininos. No século XII os bliauds dos dois sexos desceram até os pés e as mangas bem evasées retombam quase até o solo. No século XIII o bliaud veio a ser uma roupa de criança ou vestimenta popular.

Bliaud court Cad. 7 – Blusa ajustada à cintura, usada no século XI.

Bombazine Cad. 6 – Bombazina, antigo tecido de seda, tecido riscado de algodão, imitando veludo.

Botillon Cad. 7 – Calçado de mulher, muito na moda de inverno depois de 1940. É propriamente uma botina curta, cujo interior é forrado a pele, excedendo e servindo de ornamento.

Bouffons Cad. 33 – Tufos de cachos espessos em saca-rolhas.

Bourdaloue Cad. 33 – Cordão de chapéu ou trança guarnecida de uma fivela para os chapéus eclesiásticos. Sobre um chapéu de civil é uma fita de gros grain com fivela ou no chato. É também uma banda de couro envernizado, guarnecido o exterior do shako.

Bourdalue Cad. 7 – Tecido comum no século XVII.

Boute-en-train Cad. 7 – Na toilette feminino do século XVII, laço de brilhantes suspenso a um colar. Chamava-se também tâtez-y (tater = apalpar, tocar, menear, experimentar).

Braiel ou Brayer – é um cinto que retém os braies. Desde o século XVI, chama-se assim braiel uma cinta ortopédica destinada a manter a hérnia.

Braies Cad. 7 e 34 – Espécie de calça estreita. Bragas, calções, cueiro, fralda. Todos os povos asiáticos e bárbaros inclusive os gauleses eram vestidos de braie. Esta espécie de caleçons ou pantalons enrolado na cintura como o braiel, descendo até o tornozelo. Mais tarde os Gregos e os Romanos adotaram. Na Idade Média os homens e mulheres usavam os braies. As fivelas ou prendedores permitiam arregaçar os braies sobre os quadris. Os antigos manuscritos fornecem muitos exemplos, logo que se usam chausses independentes um do outro a prendem sobre os quadris na cintura, os braies foram uma espécie de caleçon de banho curto, vestindo a bacia, por cima da qual a camisa pendia na frente e atrás. É destas longas braies, conservada pelos marinheiros, que derivam os grèques e as chausses à la mariniere, os nossos caleçons e pantalons.

Braies ou grèques Cad. 7 – Todos os povos asiáticos e bárbaros e compreendido o gaulês estavam vestidos de braies. Era uma espécie de caleçons ou pantalons enrolado à cintura com o “braiel” (cinto), descendo até o tornozelo. Mais tarde os gregos e os romanos os adotaram. Na Idade Média homens e mulheres usavam braies. Fivelas ou atacadores permitiam arregaçar os braies sobre os quadris. Os antigos manuscritos oferecem muitos exemplos. Quando se usa chausses independentes uma da outra, prendendo sobre quadris à cintura, os braies foram uma espécie de calção de banho muito curto, vestindo a bacia, por sobre o qual a chemise pendendo na frente e atrás. É destas longas braies, conservadas pelos marinheiros que derivam as grèques e as chausses à marinheira, ancestrais dos nossos caleçons e pantalons.

Brassiere Cad. 7 – Camisola, coletinho, estar constrangido.

Brial Cad. 6 – Espécie de camisola que os cavaleiros armados vestiam sobre as armas, ou quando desarmados sobre o fato interior. Vestido feminino de pano precioso.

C



Figura 5 - Carlos Magno. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

(A) Calça (traje europeu) Cad. 22 – Foi no Período Bárbaro – no fim do século IV e no princípio do século V (quando as tribos germânicas, Bárbaros do Norte, se expandiram) que o traje começou a adquirir formas, que mais tarde se chamariam “trajes europeus”. Os trajes dos germanos eram simples e cômodos, mais fáceis de serem usados. Os homens cobriam-se de peles, às vezes com trajes de lã e linho parecidos com a túnica. Mas bem curtos. O mais original dos romanos era cobrirem as pernas, até o tornozelo, com uma espécie de calçotes que não passavam do joelho. Os romanos não conheciam o calçote que a princípio era encarado com desprezo e desdém. Começaram, porém, a observar as vantagens que ele oferecia e aos poucos foi sendo aceito e por fim tal foi o abuso que em 397 houve uma lei que proibia o seu uso sob pena de prisão, confiscação de bens e desterro. Nada adiantou, pois a moda era cômoda e os homens venceram a partida. A princípio, os calçotes chegaram até os joelhos e aos poucos foram se encurtando, sendo usados debaixo da túnica. No tempo da dinastia merovíngia, “o traje” usado pelos francos compreendia 3 peças: 1 cobria o corpo, outra as pernas e finalmente o que era colocado sobre os ombros (manto ou capa). No tempo de Carlos Magno a moda era importada de Bizâncio. Nesse tempo, os homens cobriam o corpo com uma espécie de “saio” curto que só chegava até as coxas. Esta peça tinha manga. Por baixo levavam uma espécie de calça, que prendiam acima do joelho, sendo as pernas cobertas com uma tira ou espécie de faixa. Sobre tudo isto, levavam um manto preso por uma fivela no ombro direito. As mulheres vestiam como os romanos dos últimos tempos. “Saio” era uma espécie de casacão largo e curto. Na Idade Média (século XI), os homens usavam duas peças separadas para cobrir as pernas, e os quadris eram abertos com a braga – espécie de calção um tanto comprido e incômodo. Levaram vários séculos para se decidirem a unir as partes da braga e dar princípio às calças. Apenas no século XV, na corte de Borgonha, que a moda dos trajes ficou centralizada. As duas peças que os homens usaram para cobrir as pernas e os quadris foram unidas numa só, dando lugar a calça.

De 1789-1815 – traje dos homens revolucionários.

1799-1814 – George Brian Brummel, acatado pelo príncipe de Gales (mais tarde Jorge IV da Inglaterra).

1813 é que se adotou definitivamente o traje masculino, calça comprida, colete, frac ou casaca (azul ou verde escuro, Brummel). A calça comprida foi mal recebida e taxada de imoral.

(A) Camisa Cad. 22 – (Enc. Do A) – No século I da nossa era, a mulher gaulesa usava como camisa a “palla”, a stolla e a dalmática. A palla – espécie de mantilha muito comprida, aberta de ambos os lados, para deixar passar os braços, era presa ao ombro por um broche. Esta camisa constava, pois, de 2 panos, um sobre o dorso, outro sobre o peito. A stola era presa na cintura por um largo cinto. A dalmática possuía amplas mangas flutuantes. Eram de tecidos muito grosseiros. O corte da camisa se modificou na renascença. As camisas foram largamente decotadas em quadrado, o tecido tornou-se muito fino, transparente. A célebre Mme. De Talhen, a bela Recamier, a cidadã Beauharnais nos descreveu a camisa sob o Diretório – época de amor e volúpia.

Cabeção Cad. 6 – Gola larga e pendente. Coleira de sacerdote. Colarinho largo de senhora.

Cadenette Cad. 6 – Sob Luiz XIII longa mecha de cabelo que os homens deixavam pendurada à esquerda ou à direita e cuja moda foi introduzida por Henry d’Albert (Senhor de Cadenet) e irmão de Condestável de Luynes. No século XVIII trança de cabelo enroscado com uma fita, dos dois lados da cabeça, usada sobretudo por alguns corpos de tropa (hussards, granadeiros, etc.) postos na moda depois de 9 de Termidor, pelos Muscadins.

Cadenette Cad. 7 – Trança comprida, rabicho, chicote de cabelo.

Cafetan ou Caftan Cad. 6 – Nome turco, espécie de roupa forrada de pele, que é em uso no Oriente.



Figura 6 – O caftan. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Calça Cad. 22 – A primeira calça de seda (*Recorte de Jornal, ver anotação de Sophia na imagem*). Não importa quais houvessem sido as consequências – não foi uma mulher, no desvario da faceirice, a primeira a lançar a moda das calças de seda. Por incrível que pareça, coube isso a um homem, o elegantíssimo rei de França, Henrique II. Enquanto na noite de suas núpcias com Catarina de Médicis o noivo ostentava maravilhosas calças de cetim, a noiva trazia sob suas ricas e volumosas saias, calças feitas de grosseiro pano de algodão branco!... Queixem-se, portanto, de um de seus companheiros de sexo, os maridos que lamentam o preço de todas essas custosas calcinhas que andam por aí e pelas quais tanto gosto tomaram as mulheres.

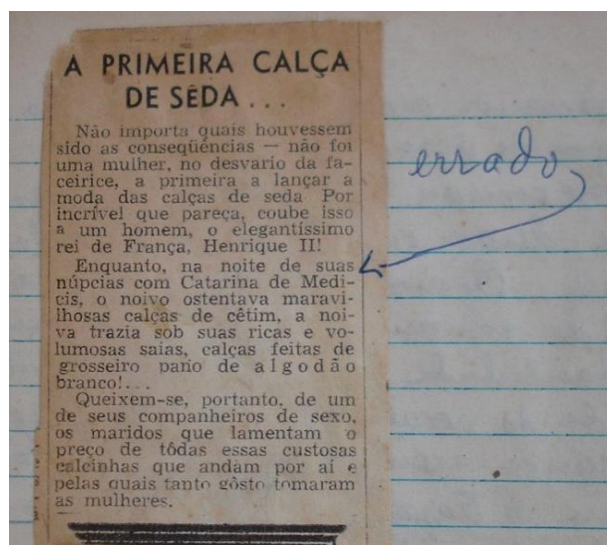


Figura 7 – Recorte de jornal no Caderno 22 da coleção do MHN.

Canons Cad. 7 – O nome canon é sinônimo de tubo. Em matéria de traje, os canons constituem um estojo para os membros inferiores. No começo do reino de Luís XIV, as meias retombam em canons por cima da liga. Foi em 1660 que os canons se tornaram uma ampla guarnição de tecido de lingerie e renda que se franzia e ligava sob o joelho acompanhado de uma liga (jarretiére) de fita formando muito topes e rosetas. Os canons se tornaram engomados em forma de abat-jour, obrigando os elegantes a andar de pernas separadas (ver Molière, *Escola de Maridos*). Canons em balística é o nome genérico de peças de artilharia de todos os calibres e designa também o tubo, liso ou raiado, das armas de fogo portáteis.

Capacete Cad. 22 – Vem do latim caput. Armadura defensiva de couro ou metal para proteger a cabeça. Capacete de ferro ou bronze foi resguardo militar por excelência da cabeça entre os antigos assírios, os gregos e os romanos. O seu uso reapareceu no século X. No século XIV os armeiros lombardos chegaram a forrar duma só peça capacete. Os elmos, as capelinas, as borguinholas, as celatas, os moriões, os almetes, são outras tantas variações do capacete. O uso do capacete abandonado no século XVII em França, recomeçou no fim do século XVIII e no tempo do Império e generalizou-se nos corpos de cavalaria de linha e de cavalaria pesada. Nos nossos tempos o capacete foi adotado por todos os Estados e por todas as armas. Durante a grande guerra, os combatentes dos diversos exércitos usavam capacetes denominados do capacete de trincheira. Heráldica – os capacetes que se colocam sobre o escudo são elmos representados de frente ou de perfil e abertos ou fechados conforme a antiguidade da nobreza da pessoa que o usa.

Caracalla (Traje) Cad. 6 – Espécie de blusa usada pelos Gauleses. Este traje foi introduzido em Roma por Antoninus Bassianus, filho de Septime-Sévère que lhe deu seu nome “Caracalla”. Ele se impôs entre a gente do povo que aparecia diante dele e aos soldados. Mas ele modificou a caracalla fazendo-a tombar até o salto do sapato. E juntava comumente um capuchon.

Caracalla Cad. 34 – Espécie de blusa ou blouse usada pelos gauleses. Esta vestimenta popular pareceu prática, no ano de 215, ao Imperador romano reinante, que a impôs aos seus soldados; em réplica lhe

deram o apelido de Caracalla. Esta vestimenta se modificou a ponto de tocar a terra e de levar um capuchon. Primeiro Caracalla, depois vem a lacerne ou paenula.

Carocha Cad. 6 – Nome português. Bonet pontudo imposto aos criminosos e notadamente aos condenados da inquisição e cujo cartão era coberto de figurinhas relativas aos atos que se reprovava. Afrancesava-se o nome escrevendo-o “caroche”.



Figura 8 – A carocha. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Carrick Cad. 6 – Nome inglês, vindo talvez de John Carrick. Redingote ou manteau com muitas golas sobrepostas, largas como pelerines.

Casack Cad. 6 – Vestuário cerimonial para homem, com abas que não chegam à frente.

Casaque Cad. 33 – Casaco de mangas largas, capote que usavam os mosqueteiros em França.

Casaquin Cad. 33 – Casaquinha de mulher. Japona que usavam os homens.

Castor Cad. 6 – Tecido de lã vermelha

Cauda Cad. 22 – Carlos IX e sua mãe Catarina desdenhavam o luxo para eles mesmos, mas sabiam encorajá-lo em volta dos outros. No dia de seu casamento em 16 de novembro de 1570, Elisabeth d'Áustria (com Carlos IX) usou a longa cauda cuja história da França faz menção. Media 25 metros de comprimento e era carregada por 3 princesas de sangue real. Cada uma levava 8 metros de cauda.

Charles IX e Elisabeth d'Autriche habitavam o château de Saint-Germain-en-Lay e para onde a Corte se transportou. As toaletes deste período perturbado se ressentiram no momento dos sangrentos massacres como aqueles da Noite de São Bartolomeu e dos caprichos de uma regente como Catarina de Médicis. Os poetas elogiaram estas modas. Encontra-se em Ronsard coisas atraentes sobre a Moda. Sob Luiz XIV - no tempo de Luiz XIV uma ordem suntuária assinada pelo rei em 1710, fiscalizava o comprimento das caudas femininas. A rainha podia usar 10,80mts. As "filles de France" (princesas): mais ou menos oito metros. As "petites filles de France" - 6 metros. As princesas de sangue- 4,50 metros.

Caul Cad. 6 - Rede ou coifa de mulher. Caul - membrana que envolve a cabeça do recém-nascido.

Chainse Cad. 7 - Chainsil - Túnica de cambraia de linho ou de chanvre (chainsil) descendo até os pés, que as mulheres, homens e crianças usam desde a época romana até o séc. XIII. Esta vestimenta análoga ao b্লাuid usado por cima da camisa, tinha sempre mangas soltas e deixava o amigaut aberto. A chainse era às vezes fendida sobre os lados para poder montar a cavalo. Ela era comumente bordada.

Chamarré Cad. 6 e Cad. 33 - Agalado, recamados, agalvado, cheio de fitas de veludo, enfeites, cores variadas.

Chamarrer Cad. 6 - Agaloar, apassamanar, bordar, dar um vestido, etc. Carregar, cobrir.

Chamarrure Cad. 6 - Alamares, modo de bordar. Outra definição em Cad. 33 - Bordados, galões, passamanes, rendas sobre tecidos, modo de bordar.

Chamois Cad. 6 - Camurça cor esbranquiçada.

Chapéu - O cabanez - Sevilha, Espanha, para homem e mulher. Alentejano em Évora - Portugal. Barrete campino verde - homem do campo. Barrete preto é dos pescadores de Nazareth. Daced - em Balmoral - Escócia. Glengarry - em Edimburgo - Escócia.

Chaussette Cad. 6 – Meias curtas, meias sobre outra.

Chausson Cad. 6 – Chinela, escarpin, Sevilha.

Chausson Cad. 7 – Peúga, coturno, sapato de pano de flanela ou de ourelo.

Chaussons Cad. 7 – Antigamente, em Roma, usava-se já os chaussons sobre as sandálias. Fizeram sempre chaussons cobrindo acima do tornozelo em drap, em bière (lontra, castor) ou pele, em feltro com sola espessa de feltro. No século XVI, os camponeses usavam constantemente chaussons sem solas, retidas por um sous-pied e deixando o pé nu. Usava o chausson nos esclots, sabots e galoshes, como hoje se faz.

Chenettes Cad. 7 – Cadeiazinha.

Chicorées Cad. 7 – Maneira de recortar o tecido em forma de folha de chicória. É assim uma ruche formado de bandas de étoffe recortado desta maneira.

Chlaina Cad. 6 – Nome grego. Xale de lã usado pelos padres e guerreiros da época homérica.

Clâmide Cad. 6 – Manto rico dos antigos, seguro por um broche ao pescoço ou sobre o ombro direito. Outra definição em Cad. 6 (21) – vem do grego klamus, udos. É o manto de origem tessálica. A clâmide era uma peça de lã retangular, fixada no pescoço por um colchete ou gancho, ou broche. Seus panos tombavam literalmente. Em todos os países gregos ela foi a vestimenta do caçador e dos cavaleiros. Em Atenas foi a dos efebos. A partir de Alexandre, a clâmide púrpura serviu de manteau real.



Figura 9 – A clâmide. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Cliquanter Cad. 6 – Recamar, guarnecer de lantejoulas ou palhetas de metal.

Cochade Cad. 6 – Tope ou laço usado no chapéu.

Coifa Cad. 6 – Rede com que se amparam as tranças das mulheres.

Colletin Cad. 33 – Coleira, peça de armadura defensiva do pescoço e da parte superior do peito, usada nos séculos XIV e XV.

Collets débordes – Transbordante, excedente.

Coque Cad. 6 – Nó de fita ou tecido que se faz com um pedaço aproximando as duas extremidades. Formação de cachos que se reúnem em seguida para fazer um arranjo de toucado. Coques de cheveux. Guarnição de chapéu ou roupa. Coques de ruban.

Corne – Chapéu que o duque de Veneza usava e que tinha atrás uma ponta (também chamado Zoia. La corne ducal ou corne d'or).

Cornette Cad. 33 – Cornette, diminutivo de corne (chifre). É a parte do chaperon formando ponta, que em seguida se enrola e que se chama “cercle de têtê” ou “chapel”. Mais tarde a cornette veio a ser um pano de cabeça que no século XV, caía sobre a cabeça. Havia a cornette de noite para usar no leito. Esta peça se estende a todas as coiffes à ailes acompanhando os hennins. Chama-se também cornette à coiffure de algumas religiosas entre as quais as da “Filles de la Charité”, irmãs de caridade.



Figura 10 – Irmã de São Vicente de Paulo. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.



Figura 11 - Extrema severidade no chapéu. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Cornette (Charles Blanc-1882) - Como todos os outros elementos do traje, o chapéu das mulheres é uma indicação dos costumes, e não pode ser senão pela relação com o sentimento. Veja passar esta religiosa votada à caridade que usa o nome da virtude que ela exerce: ela está vestida como uma grande cornette branca que esconde o perfil de seu rosto, e não deixa à vista senão os órgãos da vista, da respiração e da palavra; a cabeleira é invisível e mesmo o nascimento dos cabelos sobre a fronte é escondido por um “béguin” (touca de criança). Engomada, rija, esta cornette exprime a ela o desprendimento de tudo.

Sua única prega é desejada e prevista; ela não é tocada por mão alguma. Sua brancura lisa é a imagem da castidade, da pureza. Observe hoje uma mulher dos nossos dias que encontrou um meio de usar um chapéu sem cobrir a cabeça e que, longe de esconder os cabelos, os realça, os faz bouffar, os encrespa, os exhibe e junta mesmo uma abundância artificial. Não cobre mais em matéria de chapéu, os dois extremos entre os quais encontra lugar todas as variantes da severidade ou da coquetterie. É verdade que o cuidado de cobrir os cabelos e o mais possível a visão se liga a um sentimento de severidade, que no tempo de Isabel da Baviera, no fim do século XIV, as viúvas juntavam ao véu e a “guimpe” que cobria toda a fronte, as faces e todos os cabelos, uma “mentonnière” chamada “barbete” que só deixa ver a boca, e que é considerada um símbolo de luto. Daí a imitação de véus, guimpes e mentonnières entre as religiosas das diferentes ordens que pela sua castidade e sua renúncia, são por assim dizer, as viúvas voluntárias e místicas do mundo. Quando domina a devoção, verdadeira ou falsa, às vezes ela está na moda do dia - o chapéu é um abrigo contra os olhares indiscretos ou

furtivos. Ele impede os olhos de ver e de ser visto a furtar. Assim era o chapéu na França, no tempo da Restauração, quando certa ostentação religiosa fazia parte do bom tom e do bom gosto. À medida que a austeridade diminui, o passe do chapéu diminui. No dia que os quakers renunciaram suas ideias (de sua seita) eles mudaram seu chapéu uniforme que era um símbolo de suas crenças. Que se a liberdade de costumes cai sobre a decência ou a hipocrisia, não resta mais do que a forma e as fitas do queixo.

Cornos Cad. 22 – Os cornos tomaram grande parte no simbolismo dos povos sobretudo no Oriente. Era um atributo de força e da pujança em virtude da coragem e de vigor fecundante do touro – animal sagrado no culto primitivo. Muitos dos deuses e dos gênios da Caldeia, da Assíria e da Bolonha usaram cornos (nos baixos relevos que nos chegaram). Este atributo divino passa ao Ocidente com as navegações. Os diversos povos gauleses tinham “deuses cornudos”. Por uma associação de ideia, toda natural, os guerreiros ornaram seus capacetes com cornos, como os gauleses, mas mesmo entre os gregos e os romanos. Entre os romanos o nome *corniculum* (pequeno corno), designava ainda os ornamentos de metais, fixos no capacete ao lado, e que tinha a forma e a posição de um par de cornos. Os cristãos que olhavam os deuses do paganismo como demônios e que não duvidavam nunca dos títulos de sua pujança fizeram dos cornos um dos atributos do demônio (Satã) e de seus satélites. Conforme as dimensões os cornos chamaram-se *cors*, *cornets*, *conichets*. Eram usados pelos mensageiros e *veilleurs*, chama-se “*olifant*” o *cor du chevalier*. Chama-se *cornet* ou *trompe* o de mensageiro. Os “*cornes à boire*”, remonta as épocas mais bárbaras, quando os gauleses e os francos bebiam nos cornos dos bois selvagens – troféus de caça que circulavam cheios de vinho ou de “hidromel” nos festins, onde figuravam até serem esvaziados, do contrário não podiam parar em pé. Um costume igual existe ainda nas festas guerreiras dos Abissínios. Na Idade Média guardaram a moda dos “*cornes a boire*”, mas eram munidos de vários pés donde fizeram imitações de joalheira. E então entram na categoria dos “*hanaps*” que vemos nos quadros dos mestres flamengos do século VII, exemplos magníficos de cornos assim montados para servir de prêmio aos atiradores de arco. Fizeram também relicários em forma de cornos, munidos de pés ou de anel de suspensão. Existe um assim

feito em Colônia, do século XIV com ouro e pedras preciosas. Na mitologia – Corne de abundância. Cornos também é ângulo no inglês é corner. Assim os chapéus bicórnio, tricórnio.

Corset (diminutivo de “corps”) Cad. 22 – Espécie de corpete reforçado com barbatanas, destinado a desenhar ou acrescentar a cintura das mulheres e a sustentar o seio. Os homens também usaram coisa parecida para afinar a cintura. O corset lãche e sem barbantes que se usou no tempo do Império Francês, chamou-se também corset à la paresseuse. Se as mulheres gregas e romanas ignoravam o corset, elas tinham coisa equivalente: as gregas tinham o strophion, o stethodesmis; as romanas tinham a taenia, a zona, as fascie mamillares, etc. Pela variedade de bandelettes de tecido podemos afirmar que não usaram o couro para estes fins. Todas eram para sustentar os seios e também para comprimi-los na medida, que exigia a ideia que os antigos faziam da beleza feminina. É facilmente que durante a Idade Média, quando suas vestimentas modelando as formas do corpo até as ancas as mulheres abandonaram o desejo de ter a cintura bem justa. Então reparar que elas usam, sejam dois robes superpostas e artisticamente ajustada, seja uma espécie de justaucorps ajustado, que desenha seu busto, desde o colo até os quadris e que aparece nitidamente sob a “robe”. A cottehardie – se modelava sobre o seio, não sem lhe comprimir às vezes. No século XIV o decote era de uso corrente: Isabel de Baviera – a mulher de Carlos VI abusava dele; em consequência se atribuía a invenção do corpete reforçado de lâminas metálicas ou de baleia. Daí a basquina de veludo com uma armação de ferro e um busc em chifre, madeira ou metal, fazendo parte do enxoval das mulheres. Os museus de Carnavalet, de Cluny e de outras coleções conservam os espécimes de armadura de ferro que parecem antes instrumentos do suplício do que objetos de toailete. A moda desses engenhos durou séculos, pois Marie de Médicis importou da Itália o vertugadin, que ampliava os quadris e o corset baleiné ou “fausse panse”, que retificava o ventre. Encontra-se ainda as armaduras de busto até Luiz XV e Luiz XVI. Elas faziam com que as cinturas parecessem mais largas; eles faziam que os seios subissem como as cinturas. A Revolução, no seu amor pela imitação da antiguidade, sonhou com as bandelettes gregas e romanas. E assim procederam até 1815. Mas sob a Restauração o “corset baleiné” retomou todo o prestígio e não foi mais abandonado. Entretanto, pode-se esperar que com o auxílio dos

exercícios físicos praticados, as nossas gerações da juventude (jeune-filles), os colettes com barbatanas irão se unir nos museus às armaduras dos nossos antepassados e que às mulheres do futuro, mesmo no interesse sua beleza, os higienistas recomendam não usarem roupas que não permitem que seu corpo cumpra livremente suas funções. Quanto à palavra corset, ela não tomou sua significação moderna senão nos primeiros anos do século XIX; nenhum dicionário a menciona antes de 1820. Os corsets da Idade Média eram o cors ou surcot, com ou sem manga, usadas pelos homens. Os das mulheres eram robes de cima, ordinariamente sem mangas e de comprimento variável. O corset à armer era um terno pelo qual se entendia na Idade Média todas as defesas do corpo em couro, em aço, em lamé ou de uma só peça que defendia o tórax. No século XV, corset veio a ser sinônimo de corselet. Há os corset ortopédicos para corrigir o corpo defeituoso. “Corset cousu” e corset-tissé. Corset cousu – é um conjunto de diversas peças, cujo ajustamento é uma simples operação de costura. Corset tissé ou corset-sans-couture é feito de uma só peça de fazenda tecida de uma maneira conveniente a fim de oferecer o alargamento para se adaptar ao busto.

Coussinet Cad. 6 – Pequena almofada de crina.

Crémone Cad. 7 – Espécie de fichu italiano (bouillonnées).

Crève-cœur Cad. 7 – Pequeno cacho colocado sobre a nuca na coiffure à la Fontange.

Criardes Cad. 7 – Os modestos “paniers” que se começou a usar no fim de Luís XIV, depois os 1^a paniers da Regência, tinham círculos reunidos por um tecido engomado que, a qualquer movimento faziam ranger o tecido. Este barulho lhes fez chamar criardes. Em geral o tecido era de crina para manter rijas as anáguas que armavam as saias.

Crinière Cad. 7 – Tufo de crina de cavalo fixada ao alto dos capacetes de certos corpos e tropas como os couraceiros e os dragões. Os guardas Republicanos em grande toilette (tenue) usam ainda o capacete com cimeira (crinière) preta salvo as trompettes (trombeteiro, clarineteiro) que as usam tintas

de vermelho e flutuando sobre o pescoço (casque e Cimier). A cabelereira (crinière) de crina protege dos golpes de sabre que deslizam sobre as crinas.

Crinière de Lion Cad. 7 – Juba cabelereira de leão. No tempo de Luiz XIV era em geral a cabelereira ruiva para parecer à juba de um leão o que dava ao homem ao aspecto feroz que se desejava. Aqueles dos trajes femininos eram abertos mais largamente e debruados de “letices”, pequenas bandas de pele.

Crinolina (vem de crin) Cad. 22 – (Lar.gr) – Tecido de crina empregado para diversos fins, particularmente nas toaletes de senhora. Balzac referindo-se a ela dizia: “Ces affreuses e frauduleuses sous-jupes en crinoline”. Vasto “jupon bouffant” mantido por lâminas de aço ou de baleia e que substituiu os paniers do século XVIII. Toussenel disse: “La femme commence a tenir beaucoup de place dans le monde, comme le prouve la crinoline”. Em todos os tempos as mulheres procuraram corrigir as imperfeições corporais ou a fazer valer suas vantagens físicas. Os cômicos e os sátiros gregos e latinos realçam os meios empregados no seu tempo de suprimir a ausência dos quadris. Em algumas épocas o costume exagera a ideia de esconder seus defeitos, em vez de corrigi-los. Desta ideia nasceram:

- Os vertugadins no fim do século XVI e XVII, espécie de bourrelet que se amarrava em volta da cintura e que dava à saia uma roda exagerada.
- Os paniers do século XVIII, saia feita rígida, por círculos de madeira, barbatanas ou aço. Enfim no século XIX a crinolina, constituída primeiramente por saias de tecido de crina que terminam por serem verdadeiras gaiolas formadas de círculos de aço. A crinolina desapareceu mais ou menos em 1868.

Cruche Cad. 7 – Em 1685, mais ou menos, o penteado das mulheres à la fontange se enfeita de dois cachos em forma de vírgulas colados sobre a fronte acima da sobrancelha e chamados cruches. Esta moda durou até a Regência. Comumente no à La fontange, o chignon (birote) é preso no fundo do

bonnet, ao qual se prendem 2 abas flutuantes. Na frente se erguem os tuyaux de rendas em carreiras e mantidas por uma carcaça de fio de ferro. A combinação dos cachos leva o nome de:

Bourgognes Cad. 7 – Touca normanda (coiffe normanda)

Confident Cad. 7 – Cacho de cabelo tombando sobre o pescoço – (século XVIII)

Crève-coeur Cad. 7 – Pequeno cacho colocado sobre a nuca no penteado à la fontange.

Favorites Cad. 7 – Coiffure da época de Luiz XIV. As mulheres deixam prender um tufo de cabelos sobre a face.

Fentre Cad. 7 – Tecidos de pelos aglutinados. O melhor é feito de castor. Serve-se comumente coelho e lebre com os pelos de camelo ou de cabrito se faz a um feltro inferior.

Fichus Cad. 7 – Peça de tecido ligeiro, algodão, mousseline de seda, que as mulheres guarneciam o pescoço e os ombros, sem amarrar. (século XVIII, XIX)

Firmament Cad. 7 – Alfinete com cabeça de brilhante usado na Coiffure à la Fontange sob o tempo de Luiz XIV.

Passagères Cad. 7 – Coiffure da época de Luiz XIV, 2 tufos encacheados sobre as têmporas.

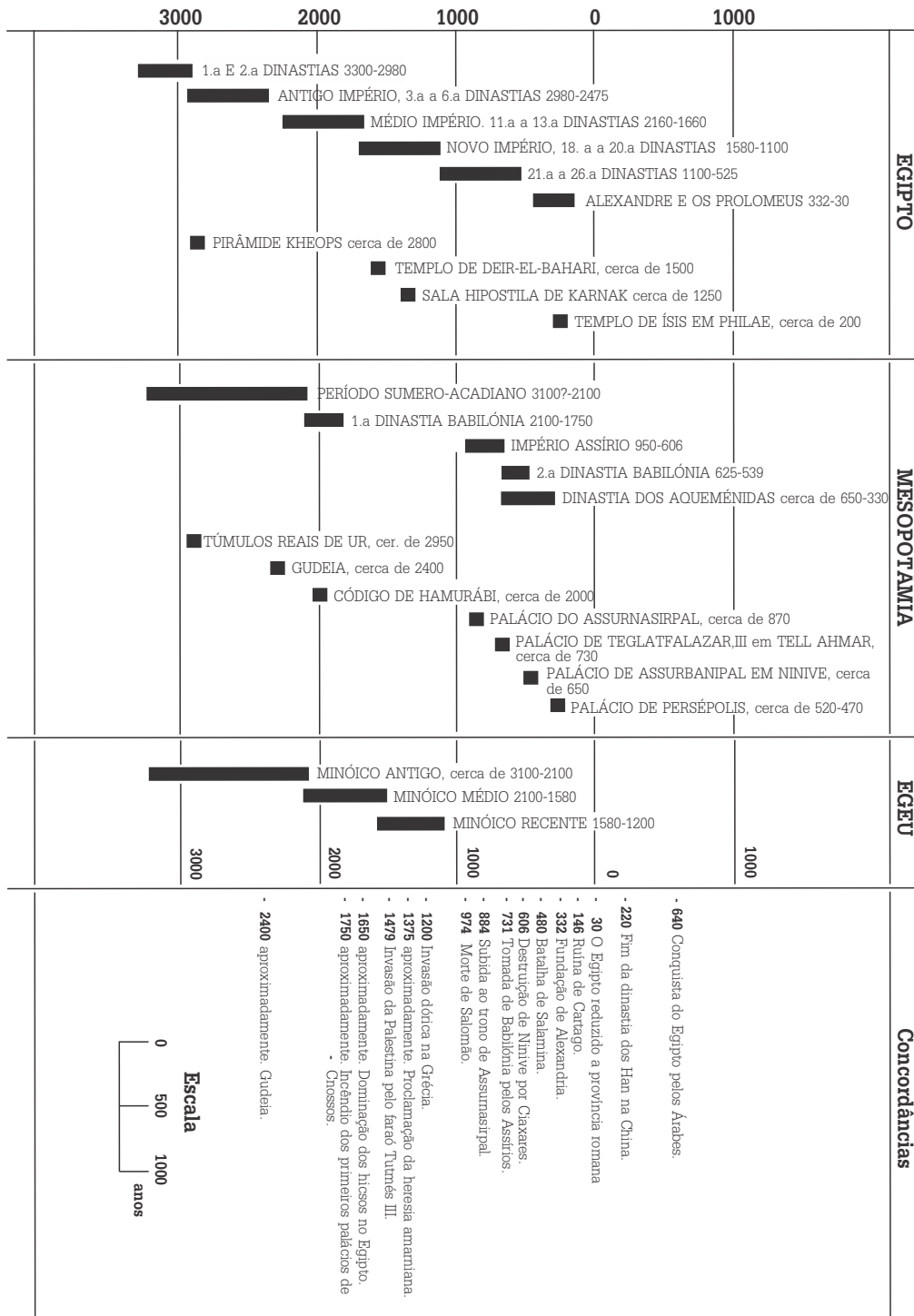
Cuculle ou coule Cad. 7 – Vestimenta de lã grosseira com capuz, usado antigamente pelos religiosos e civis. Nas ordens monásticas, os Postulantes não têm a coule. As noviças a usam sem mangas e os Pères têm com mangas. Empregada às vezes como sinônimo de bardocucule.

Cucullo – (do latim cucullus) Capuz, nome do escapulário, nos religiosos cartuxos. Hábito ou traje de capuz, de tecido grosseiro, que cobre a cabeça e o corpo.

Culbute Cad. 33 – Chinon redondo, do cabelo que cobria o alto da cabeça (atrás).

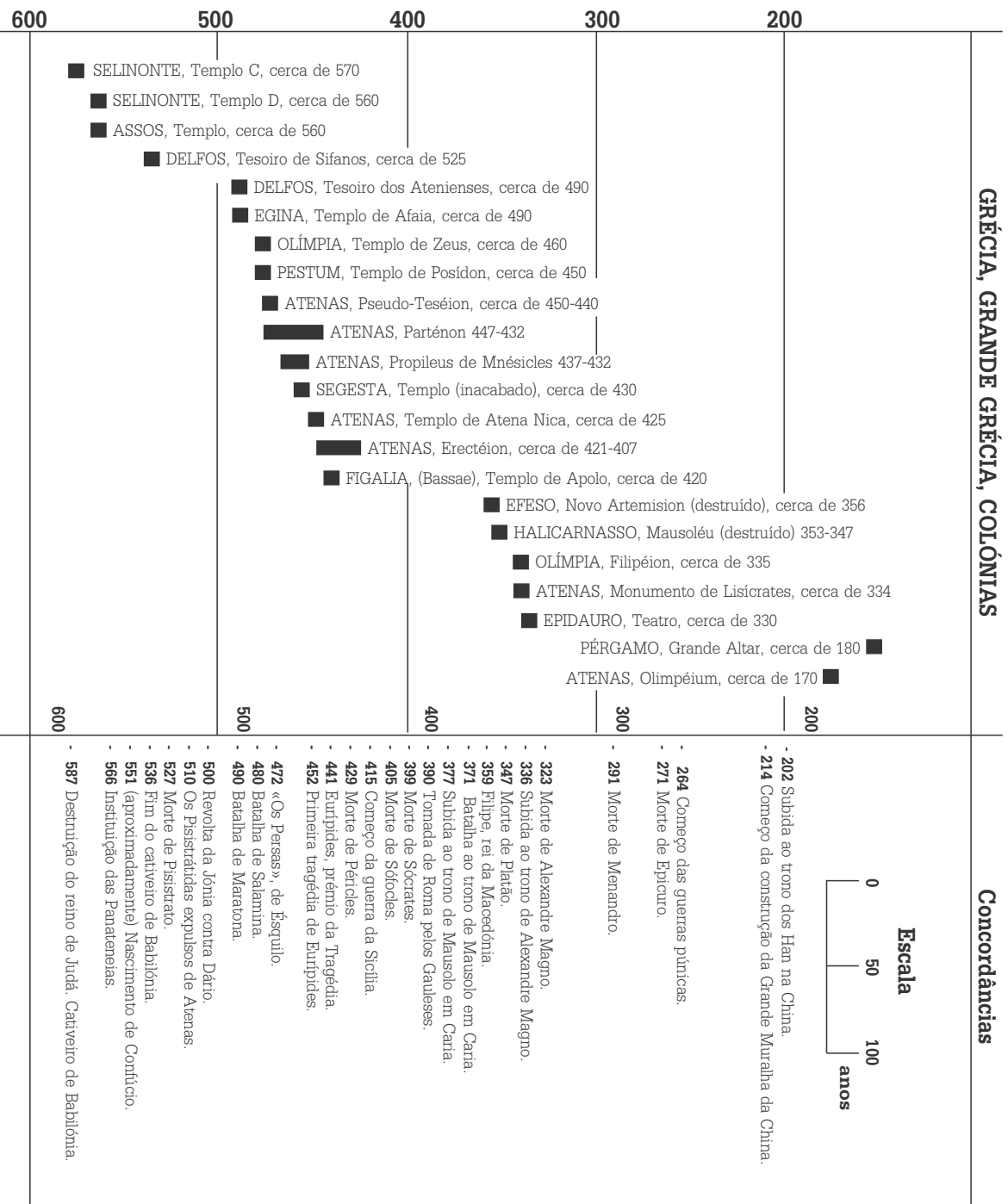
Cronologias

PRÓXIMO - ORIENTE

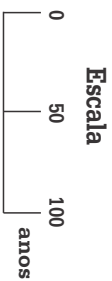


GRÉCIA

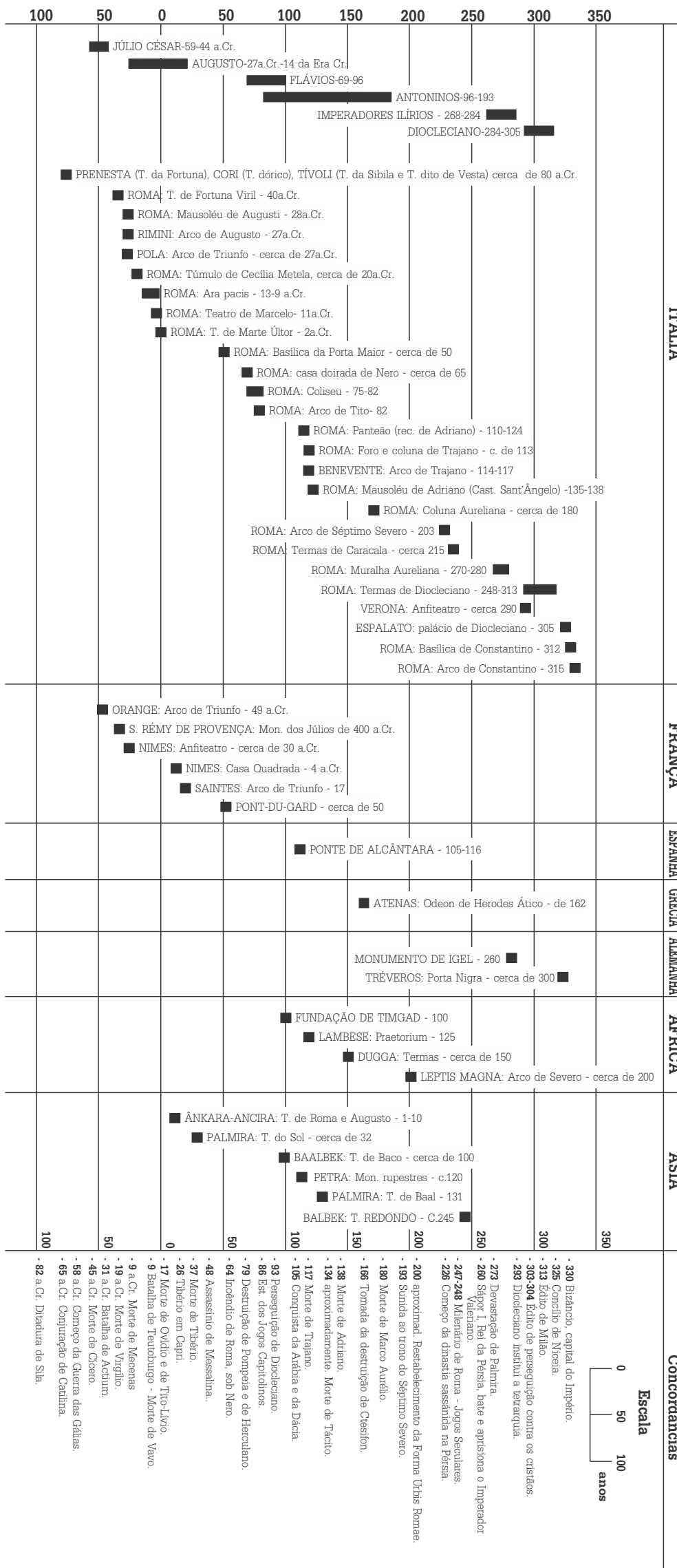
GRÉCIA, GRANDE GRÉCIA, COLÓNIAS



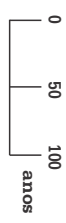
Concordâncias



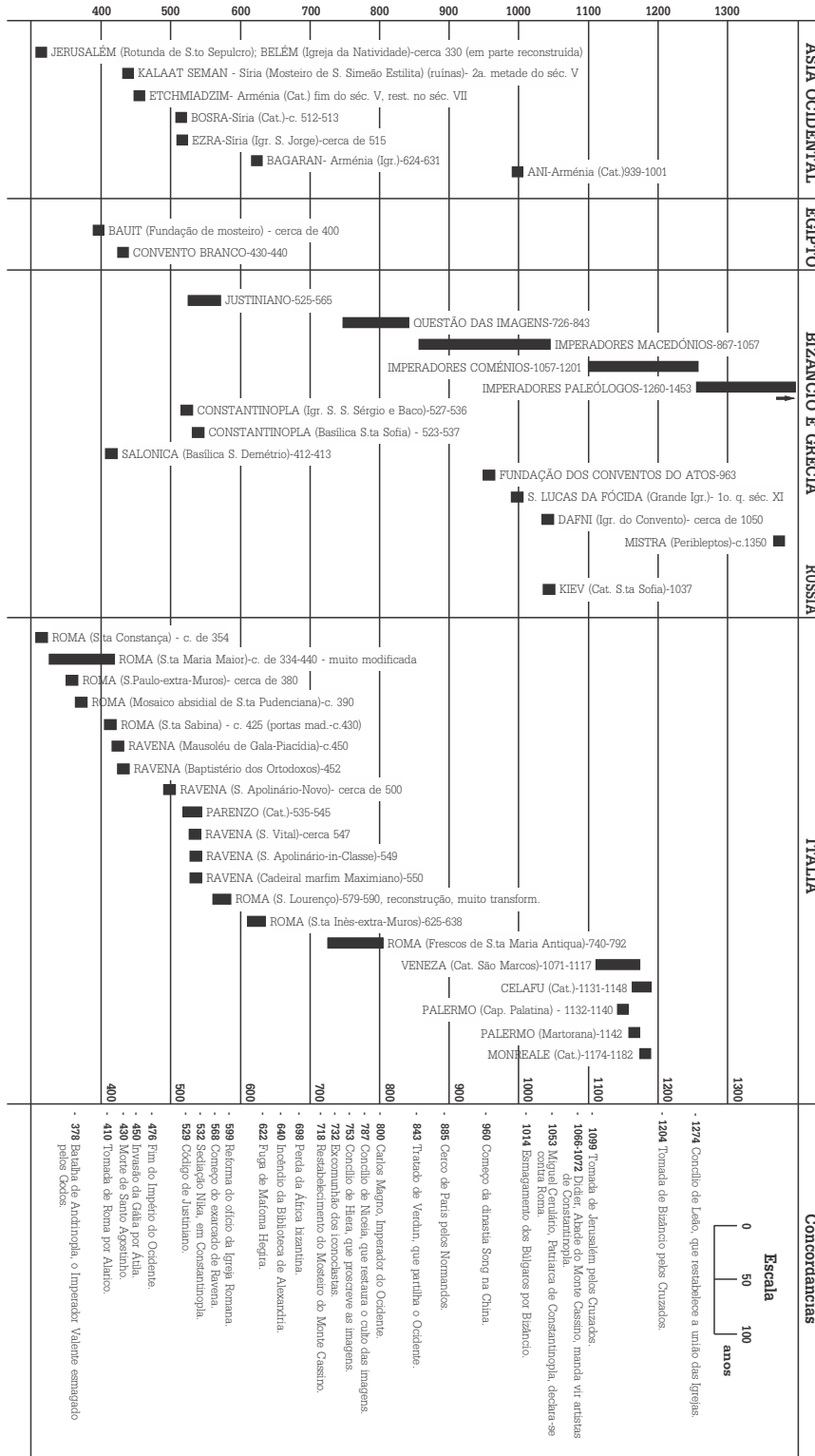
ETRÚRIA E ROMA



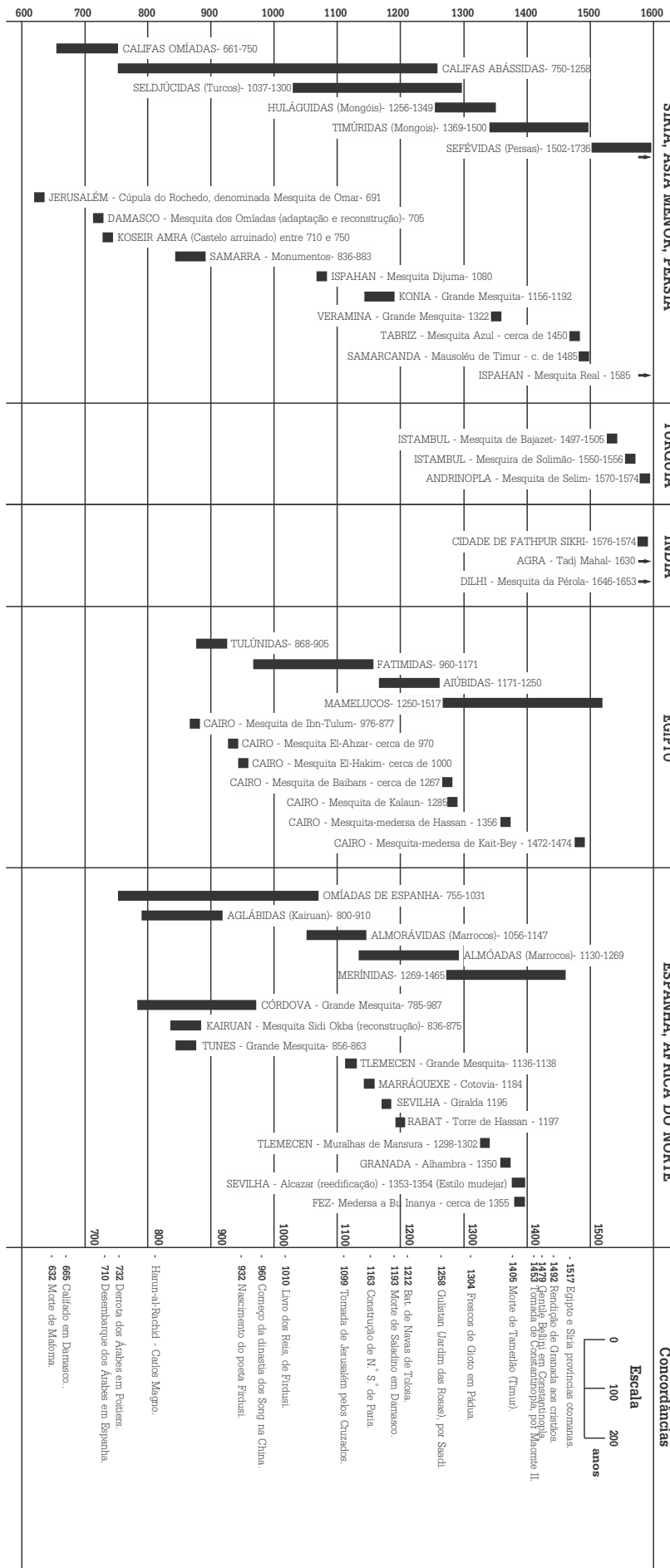
Concordâncias



- 330 Bizâncio, capital do Império.
- 325 Concílio de Niceia.
- 313 Edito de Milão.
- 303-304 Edito de perseguição contra os cristãos.
- 293 Diocleciano institui a tetrarquia.
- 273 Devastação de Palmira.
- 260 Sapor I, Rei da Pérsia, bate e aprisiona o Imperador Valeriano.
- 247-248 Matarão de Roma - Jogos Seculares.
- 226 Começo da dinastia sassânida na Pérsia.
- 200 aproximad. Restabelecimento da Forma Urbis Romae.
- 193 Suinta ao tombo do Séptimo Severo.
- 180 Morte de Marco Aurélio.
- 166 Tomada da destruição de Ctesifon.
- 138 Morte de Adriano.
- 134 aproximadamente. Morte de Tácito.
- 117 Morte de Trajano.
- 106 Conquista da Arábia e da Dácia.
- 93 Perseguição de Diocleciano.
- 86 Est. dos Jogos Capitólios.
- 79 Destruição de Pompeia e de Herculano.
- 64 Incêndio de Roma, sob Nero.
- 48 Assassinio de Messalina.
- 37 Morte de Tibério.
- 26 Tibério em Capri.
- 17 Morte de Ovídio e de Títo-Lívio.
- 9 Batalha de Teutoburgo - Morte de Varo.
- 9 a Cr. Morte de Mecenas.
- 19 a Cr. Morte de Virgílio.
- 31 a Cr. Batalha de Actium.
- 45 a Cr. Morte de Clélio.
- 58 a Cr. Começo da Guerra das Gálias.
- 65 a Cr. Conjução de Catilina.
- 82 a Cr. Ditratura de Sília.

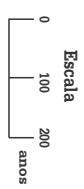


ARTE BIZANTINA



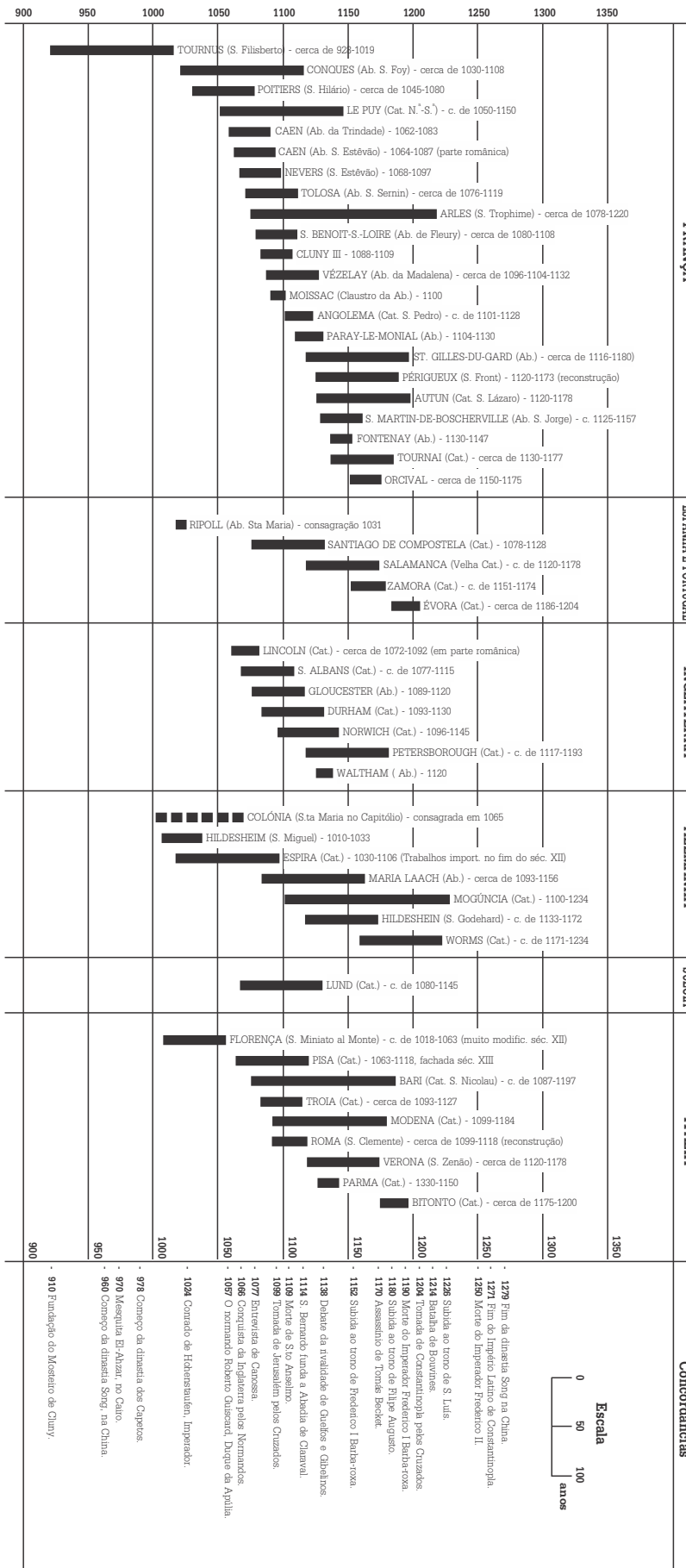
ARTE DO ISLÃO

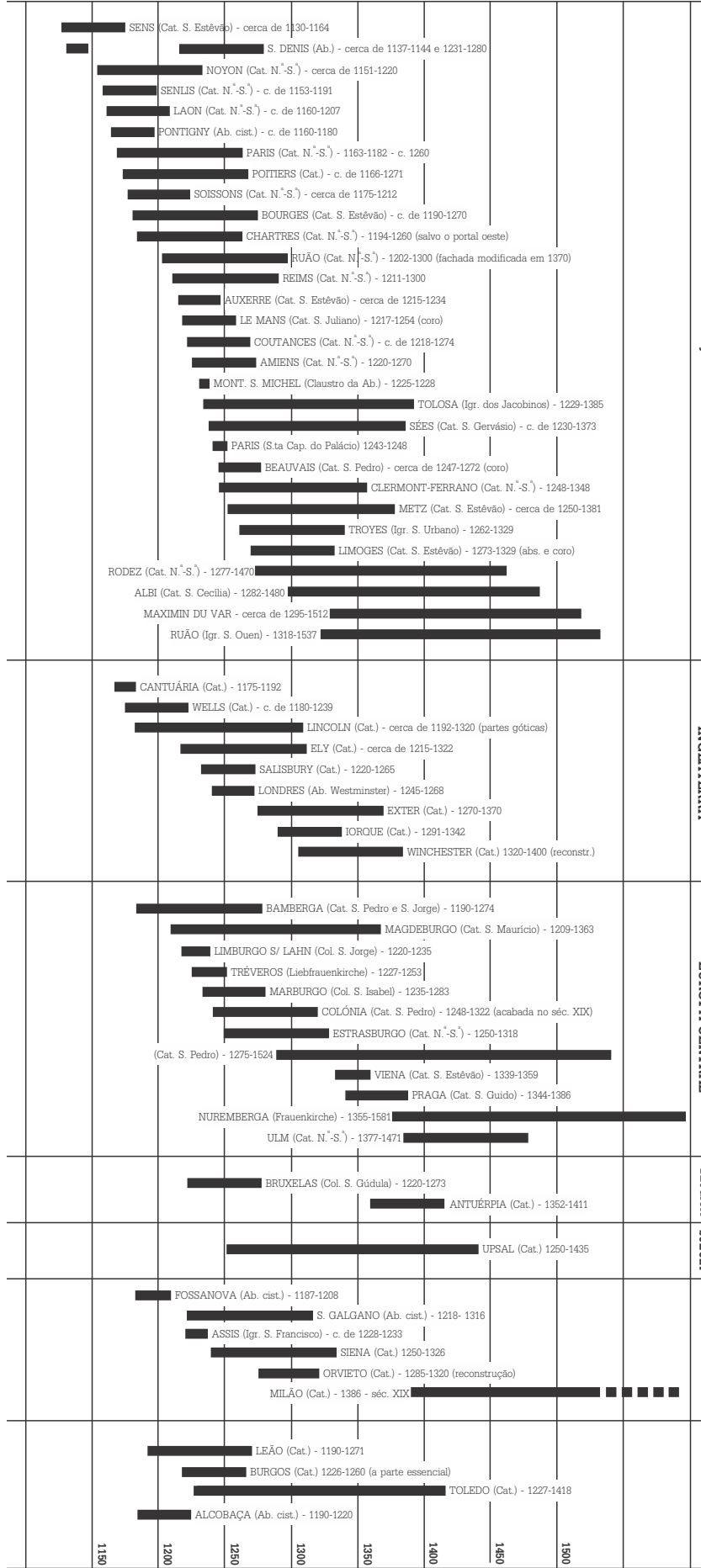
Concordâncias



- 1517 Egípto e Síria profincias otomanas
- 1492 Reconquista de Granada aos cristãos
- 1453 Fundação de Constantinopla por Maomé II
- 1405 Morte de Tamerlão (Timur).
- 1394 Frescos de Goto em Pádua
- 1298 Quilisan (Jardim das Rosas) por Saadi
- 1212 Bat. de Navas de Tolosa
- 1193 Morte de Saladino em Damasco.
- 1183 Construção de N. S. de Paris
- 1099 Tomada de Jerusalém pelos Cruzados.
- 1010 Livro das Reis, de Firdusi
- 980 Começo da dinastia dos Song na China.
- 932 Vislramento do poeta Firdusi.
- 892 Califado em Damasco.
- 832 Morte de Maomé.

- 732 Derrota dos Árabes em Poitiers
- 710 Desembarque dos Árabes em Espanha.
- Harun-el-Rachid - Carlos Magno.





FRANÇA

INGLATERRA

EUROPA CENTRAL

BÉLGICA

SUÉCIA

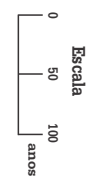
ITÁLIA

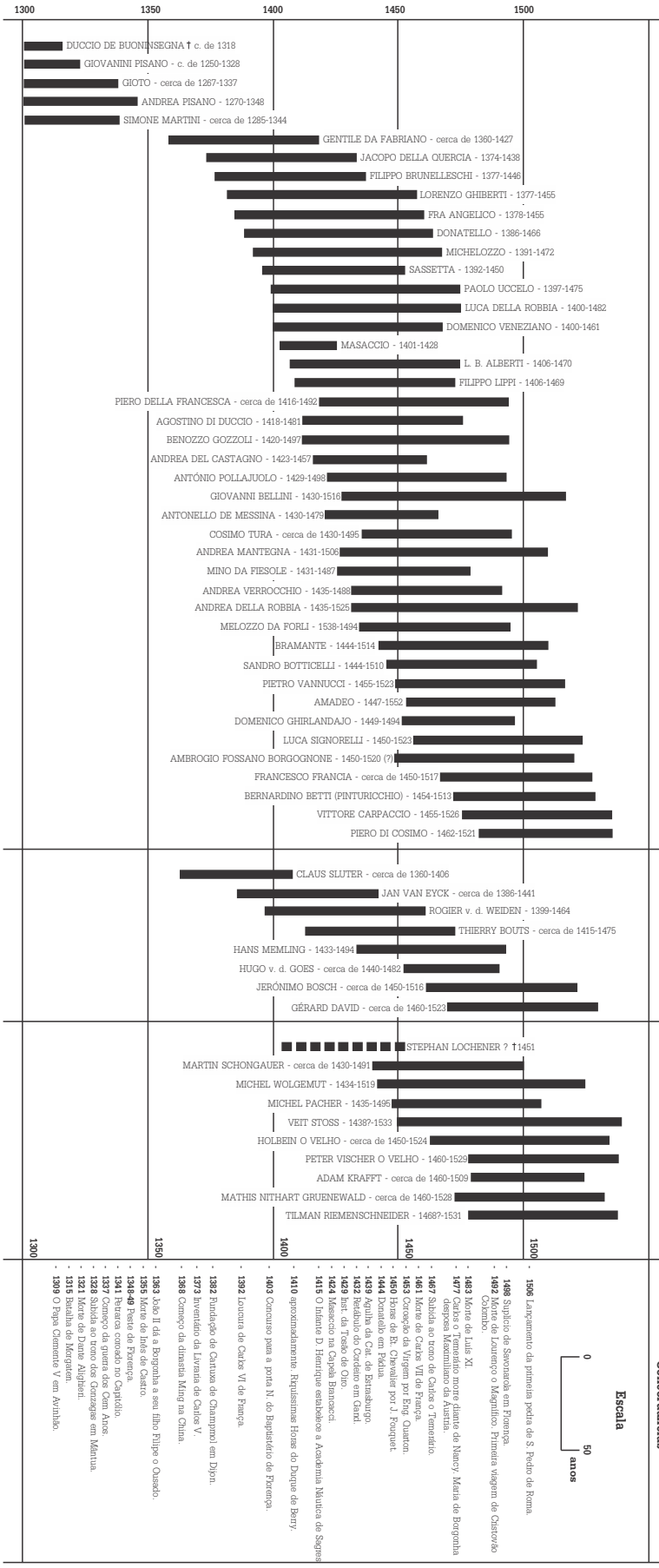
ESPAÑA E PORTUGAL

ARTE GÓTICA

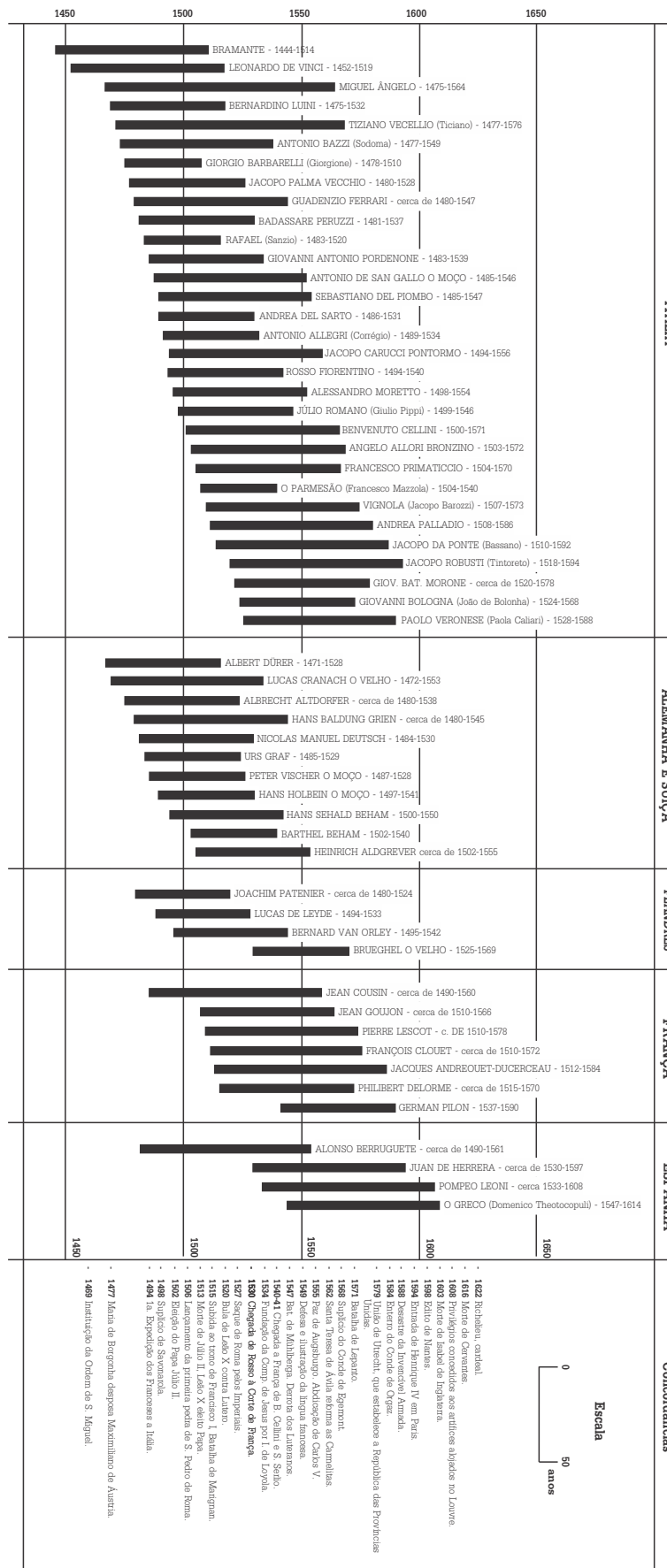
Concordâncias

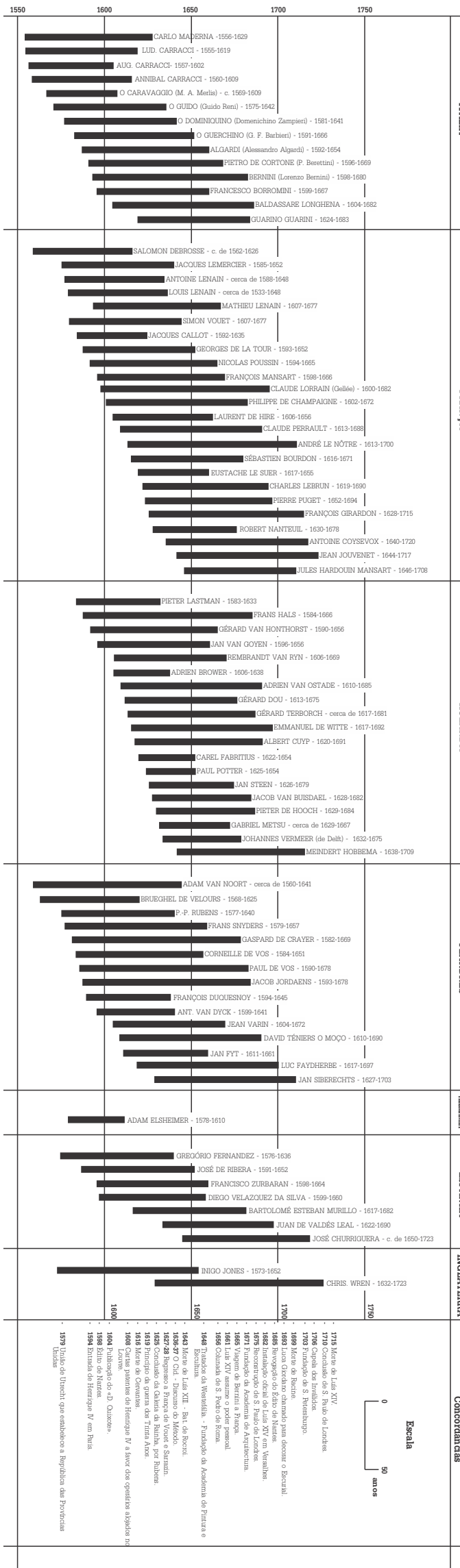
- 1492 Rendição de Granada aos Cristãos.
- 1466 O Grão-Mestre da Ordem Teutónica fixa residência em Conshberg.
- 1465 aproximadamente. Início da Imprensa.
- 1422 Redução de Corceto.
- 1406 Mesquita na Capela Beatrice (Florença).
- 1399 Torre de Marvão.
- 1380 Torre de Carlos V e de Duguesclin.
- 1383 João II dá a Borgonha ao seu filho Filipe o Ousado.
- 1356 Bula de Otto, que fixa os direitos dos Bispos.
- 1341 Penares concedido ao Capitão.
- 1334 Grego diretor dos trabalhos da Cat. de Florença.
- 1321 Morte de Dante Alighieri.
- 1312 Abolição da Ordem dos Templários.
- 1304 Grego na Cap. da Arena de Pédua.
- 1297 Canonização de S. Luís.
- 1287 O arquiteto Pierre de Bonnaill na Suécia.
- 1274 Morte de S. Tomás de Aquino.
- 1268 Morte de Conrado. Fim dos Hohenstaufen.
- 1260 Catedral do Bapstério de Pisa.
- 1250 S. Luís na Palestina.
- 1244 O arquiteto Villard de Honecourt na Hungria.
- 1238 Tomada de Corcova por Fernando III de Castela.
- 1228 Morte de S. Francisco de Assis.
- 1215 Fundação da Ordem dos Irmãos Pregadores.
- 1196 Construção do Castelo Gallard.
- 1187 Tomada de Jerusalém por Saladino.
- 1152 Subida ao trono de Frederico Barba-roxa.
- 1138 Começo da rivalidade entre genoveses e gibelinos.





ORIGENS DA ARTE MODERNA



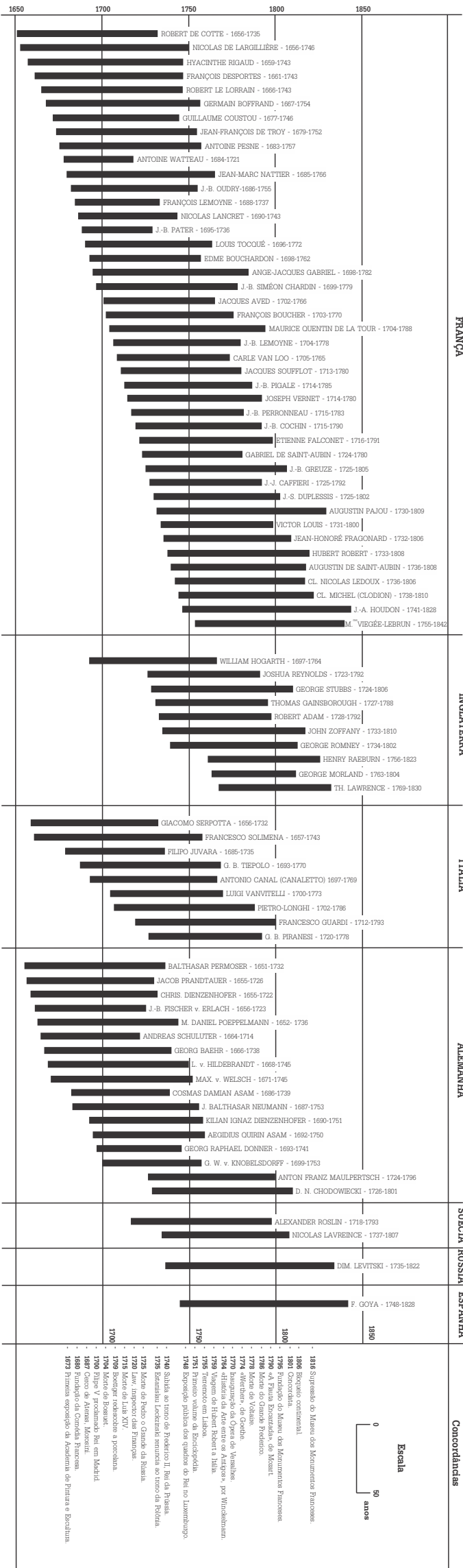


SÉCULO XVII

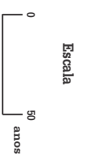
Escala
0 50
anos

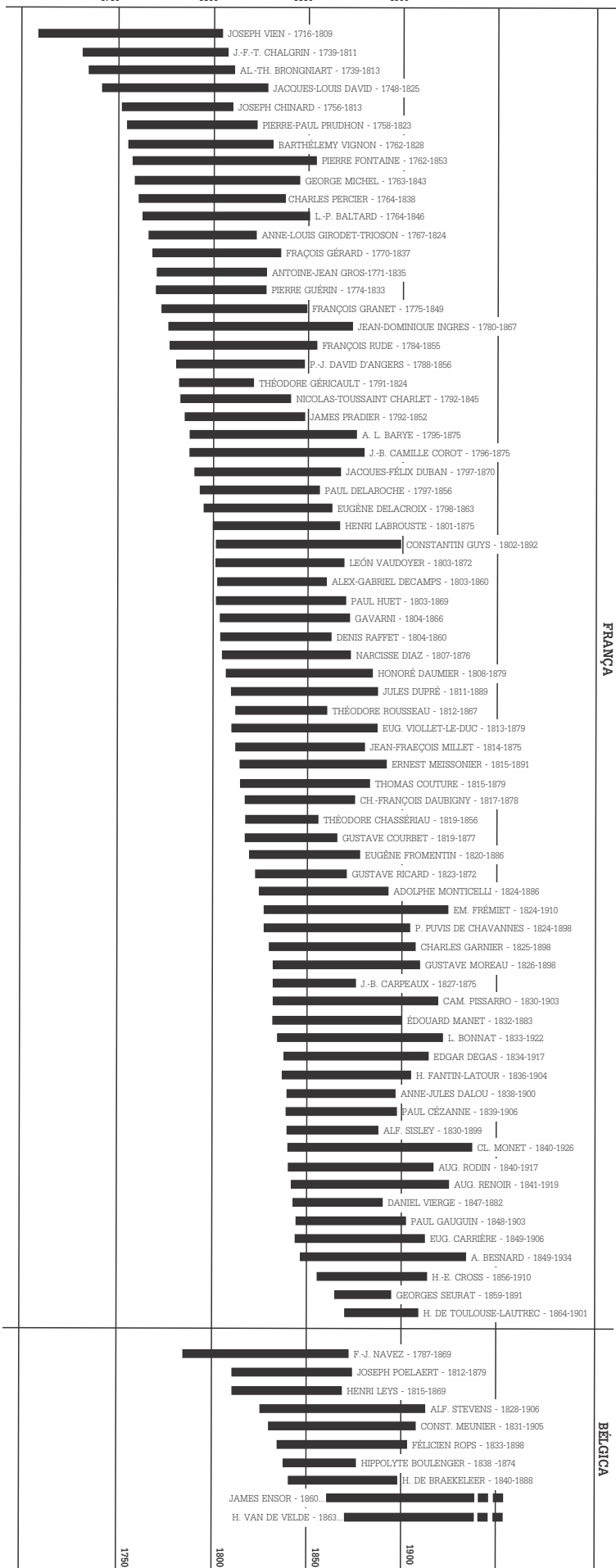
Concordâncias

- 1579 União de Utrecht que estabelece a República das Províncias Unidas
- 1584 Estrada de Henrique IV em Paris
- 1588 Busto de Nantes
- 1594 Estrada de Henrique IV em Paris
- 1600
- 1604 Publicação do «D. Onofre»
- 1608 Curiosas pinturas de Henrique IV a favor dos operários alojados no Louvre
- 1614
- 1616 Tratado de Westfália - Fundação da Academia de Pintura e Escultura
- 1618
- 1624
- 1626
- 1627
- 1628
- 1630
- 1632
- 1634
- 1636
- 1638
- 1640
- 1642
- 1644
- 1646
- 1648
- 1650
- 1652
- 1654
- 1656
- 1658
- 1660
- 1662
- 1664
- 1666
- 1668
- 1670
- 1672
- 1674
- 1676
- 1678
- 1680
- 1682
- 1684
- 1686
- 1688
- 1690
- 1692
- 1694
- 1696
- 1698
- 1700
- 1702
- 1704
- 1706
- 1708
- 1710
- 1712
- 1714
- 1716
- 1718
- 1720
- 1722
- 1724
- 1726
- 1728
- 1730
- 1732
- 1734
- 1736
- 1738
- 1740
- 1742
- 1744
- 1746
- 1748
- 1750



SECULO XVIII



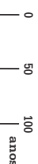


FRANÇA

SÉCULO XIX - 1

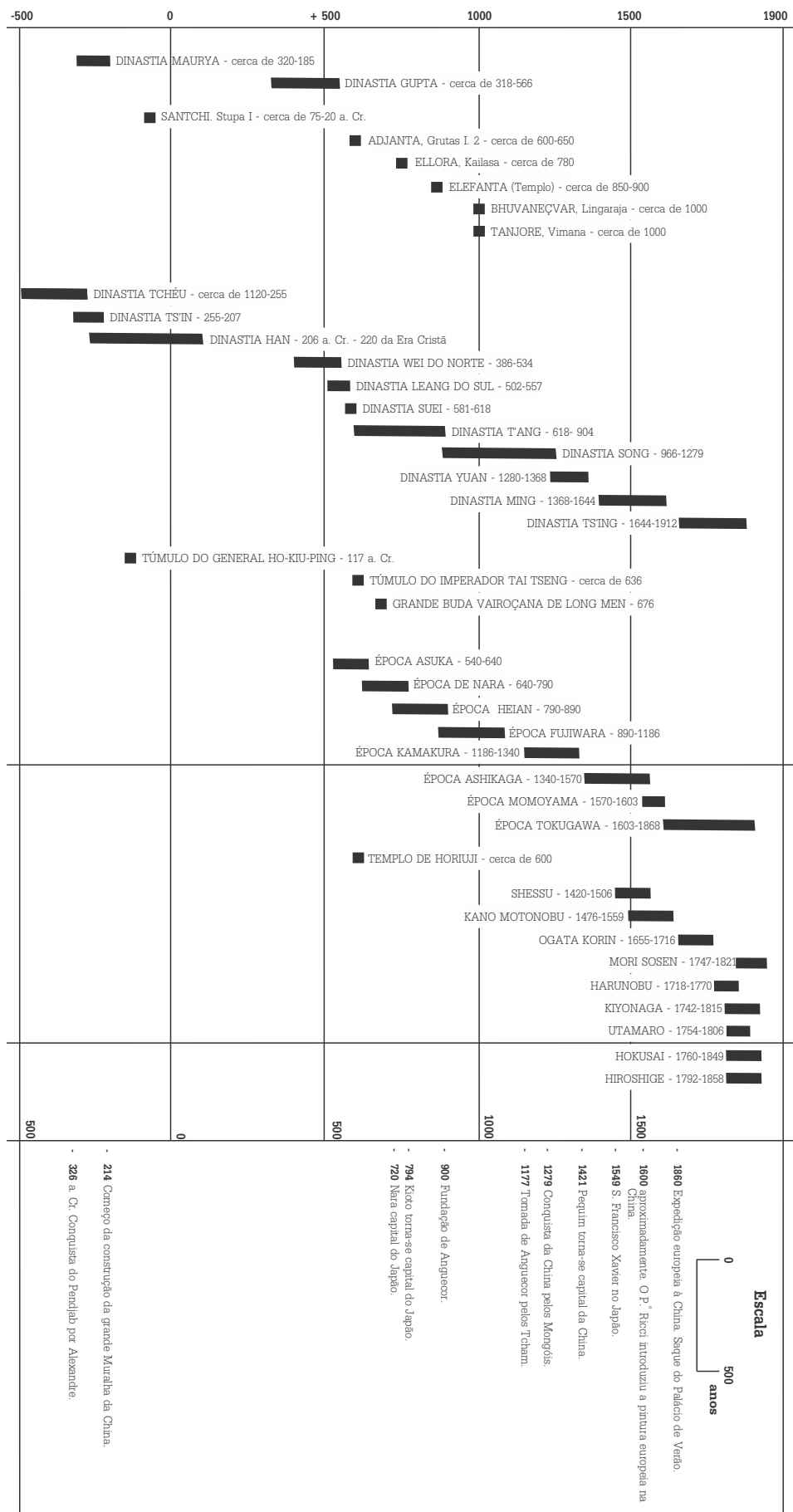
BELGICA

Concordeâncias



- 1809 - Os pintores russos em Paris.
- 1804 - Exposição de pinturas em Berlim, começados em 1897.
- 1890 - Exposição das obras de Rodin.
- 1897 - Feira do Café Gracourt, Paris.
- 1887 - Primeiro Building em Chicago. Primeiro arranha-céus.
- 1880 - Fundação da União Central das Artes Decorativas.
- 1874 - Primeira exposição das impressionistas.
- 1867 - Exposição das obras de Gustave Courbet.
- 1863 - Salão dos recusados de Paris.
- 1851 - Exposição de Paris.
- 1849 - Fundação da Penitenciaría de Cuzco.
- 1849 - Fundação da Penitenciaría de Garmouth.
- 1839 - Invenção do telefone.
- 1837 - Invenção do automóvel de vapor.
- 1831 - Fundação do Museu Histórico de Veneza.
- 1824 - Salão em que triunfa o romantismo.
- 1819 - Precos da Casa Barboddy, em Roma, pelos Nazarenos.
- 1816 - Campanha dos romancistas de Egin pelo Museu Britânico.
- 1810-11 - Campanha de Roma de Overbeck e de Camillo.
- 1806 - «Curso de Desenho», por Caspar David Friedrich.
- 1792 - Invenção da litografia por Alois Senefelder.
- 1789 - Fundação do Museu de História Natural em Berlim.
- 1788 - Fundação do Museu de História Natural em Roma.
- 1784 - Fundação do Museu de História Natural em Roma.
- 1774 - Publicação do «Werther» de Goethe.
- 1769 - «História da Arte entre os Antigos», por Winckelmann.
- 1762 - Canceio da publicação do Repertório de Antiguidade de Caylus.

1750	1800	1850	1900	
		GAVIN HAMILTON - 1730-1797		INGLATERRA
		JOHN ROBERT COZENS - 1752-1799		
		JOHN FLAXMAN - 1755-1826		
		HENRY RAEBURN - 1756-1823		
		THOMAS ROWLANDSON - 1756-1827		
		WILLIAM BLAKE - 1757-1827		
		JAMES GILRAY - 1757-1815		
		JOHN CROME (Velho Crome) - 1768-1821		
		THOMAS GIRTIN - 1775-1802		
		J. M. W. TURNER - 1775-1851		
		JOHN CONSTABLE - 1776-1837		
		ROBERT SMIRKE - 1781-1867		
		JOHN SELL COTMAN - 1782 - 1842		
		COPLY FIELDING - 1786-1855		
		GEORGE CRUIKSHANK - 1792-1878		
		CHARLES BARRY - 1795-1860		
		RICHARD PARKES BONINGTON - 1801-1828		
		G. F. WATS - 1817-1904		
		FORD MADOX BROWN - 1821-1893		
		HOLMAN HURT - 1827-1910		
		D. G. ROSSETTI - 1828-1882		
		JOHN MILLAIS - 1829-1896		
		E. BURNE JONES - 1833-1898		
		WILLIAM MORRIS - 1834-1896		
		AUBREY BEARDSLEY - 1872-1898		
		WALTER SICKERT - 1860...		
		THOMAS JEFFERSON - 1743-1826		ESTADOS UNIDOS
		J. Mc. N. WHISTLER - 1834-1903		
		WINSLOW HOMER - 1836-1910		
		N. H. RICHARDSON - 1838-1886		
		TH. EAKINS - 1844-1916		
		MARY CASSATT - 1845-1926		
		J. SARGENT - 1856-1925		
		L. SULLIVAN - 1856-1924		
		FRANK LLOYD WRIGHT - 1869...		
		RAPHAEL MENGES - 1728-1779		ALEMANHA
		K. C. LANGHANS - 1733-1803		
		J. H. W. TISCHBEIN - 1751-1829		
		ALEXANDER TRIPPEL - 1754-1833		
		A. J. CARSTENS - 1754-1798		
		GOTTFRIED SCHADOW - 1764-1850		
		H. GENTZ - 1766-1811		
		F. WEINBRENNER - 1768-1826		
		JOSEPH ANTON KOCH - 1763-1839		
		CASPAR DAVID FRIEDRICH - 1774-1842		
		CHRISTIAN RAUCH - 1777-1857		
		PH. OTTO RUNGE - 1777-1810		
		K. F. SCHINKEL - 1781-1841		
		PETER CORNELIUS - 1783-1867		
		LEO VON KLENZE - 1784-1864		
		FRIEDRICH OVERBECK - 1789-1869		
		FERD. WALDMÜLLER - 1793-1865		
		KARL BLECHEN - 1798-1841		
		W. V. KAULBACH - 1805-1874		
		A. MENZEL - 1815-1905		
		ALFRED RETHEL - 1816-1859		
		A. FEUERBACH - 1829-1880		
		W. BUSCH - 1832-1908		
		F. V. LENBACH - 1836-1904		
		HANS V. MARÉES - 1837-1887		
		H. THOMA - 1839-1924		
		HANS MAKART - 1840-1884		
		W. LEIBL 1846-1900		
		M. LIEBERMANN - 1847-1935		
		A. MESSEL - 1853-1909		
		MAX KLINGER - 1856-1920		
		PETER BEHRENS - 1860...		
		JOSEPH HOFFMANN - 1870...		
		ANGELICA KAUFMANN - 1741-1807		SUIÇA
		RODOLPHE TOEPPFER 1799-1846		
		ALEXANDRE CALAME - 1810-1864		
		BARTHÉLEMY MENN - 1817-1893		
		ARNOLD BOECKLIN - 1827-1901		
		F. HODLER - 1853-1918		
		JOHANN B. JONGKIND - 1819-1891		HOLANDA
		JOSEF ISRAELS - 1824-1911		
		V. VAN GOGH - 1853-1890		
		HENDRICK PETRUS BERLAGE - 1856-1935		
		J. T. SERGEL - 1740-1814		ESQUIMONIA
		BERTEL THORWALDSEN - 1770-1844		
		ANTONIO CANOVA - 1757-1822		ITÁLIA
		GIUSEPPE VALADIER - 1762-1839		
		GIOV. BOLDINI - 1842-1931		
		G. SEGANTINI - 1858-1899		
		MARIANO FORTUNY - 1838-1874		ESPAÑA
		A. GAUDI - 1852-1928		



ARTES DO EXTREMO ORIENTE

3



Figura 12 -Duque alemão. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Dalmática Cad. 6 – Paramento que os diáconos e subdiáconos vestem sobre a alva. Antiga vestimenta dos bispos. Túnica branca bordada de púrpura que se fabricava na Dalmácia.

Décor Cad. 7 – Decoração, adorno, ornato. Teatro– vistas, cenário.

Diquant Cad. 33 – Lantejoula, palheta brilhante, de ouro, prata, com que se borda.

Dolman Cad. 6 – Casaco curto dos militares

Drawers Cad. 6 – Ceroulas.

Dress coat Cad. 6 – Casaca

ELEGANCIAS

Desenho e Texto de Mme. CARVALHO Directora do Lyceu Imperio.
(Especial Para o DIARIO CARIOCA)



Apresentamos, hoje, alguns modelos para a nossa estação de inverno. Não sendo ella porém muito rigorosa, ou constante, no nosso clima, é necessario que estes vestuarios possam

se transformam de pesados em leves, caso a accenção da temperatura assim o exija.

Jaquetas variadas, pellerines, mangas postças, echarpes, etc., podem re-

formar a nossa toilette, de accordo com as exigencias da hora e das variações barometricas.

DESCRIÇÃO DOS MODELOS

Modelo 1 — Costume

em "romano" de lã beije, de linhas muito simples. Apenas triangulos com vertices convergindo para o mesmo ponto, executados no mesmo tecido em tres tons de marron (emen-

dados sem posponto) dão uma nota original aos punhos e á golla assymetrica.

Uma pequenina flor, de camurça marron, remata o motivo da golla, sobre o peito, deve combinar com o sapato, a bolsa e o chapéo desta mesma camurça.

Modelo 2 — Tambem muito pratico, é um "ensemble" formado por um vestido simples de crepe de lã gris-perle, e um collete muito original, que se prolonga até ás costas, á guisa de um cinto. O traspassse, é abotoado por agráffes metallicos.

A golla é uma tira enviezada, de jersey listado, que deverá ser cosida no collete, completamente postigo do vestido.

Os punhos, tambem em listas, para maior facilidade no vestir, poder-se-á fazer uma especie de meia manga justa, apertada por um elastico, um pouco acima do cotovelo.

Assim permittirá variar a toilette, conforme suggestionou á minha leitora no:

Modelo 3 — Que é um conjunto formado do mesmo vestido simples do modelo 2 e de uma jaqueta em pellerine, de tecido fantasia, ou de velludo preto, se a leitora preferir. Deve acompanhar-o, uma pequena boina do mesmo tecido.

Modelo 4 — Original tailleur em rebouldingue verde-jade, guarnecido de herminete marron na golla, nos punhos e no cinto. Completará a toilette uma boina deste mesmo tecido.

Figura 13 - Elegâncias, coluna de Sophia Jobim no jornal Diário Carioca, década de 1930.

Fonte: Arquivo do MHN.

Effets Cad. 33 – Bagagens, roupas, vestuários, diferentes objetos de uso de uma pessoa.

Effrontée Cad. 7 – Atrevida- uma cabeleireira nas costas.

Enagua Cad. 6 – Anágua

Engageante Cad. 7 – Machette (punho) de cambraia ou renda em várias carreiras, geralmente de 3 larguras diferentes, franzido sobre um punho que se alinhava no cotovelo, na manga do vestido. Os engageantes foram de moda desde 1660 até sob Luiz XV.

Engageants (ou engageantes) Cad. 33 – Manga curta deixando braço nu.

Epitoge Cad. 6 – Epitógio: o mesmo que “tabardo”. Epitoge – capa que os romanos usavam sobre a toga.

Espartilho Cad. 6 – Colete, com lâminas de aço ou barbatanas de baleia, usado por mulheres, para comprimir a cintura e dar elegância ao tronco. Varinha de junco, que outra na feitura de coletes de mulher (de esparto), visto que os primeiros espartilhos eram de “esparto”. (Esparto Cad.6 – do latim spartum. Planta gramínea, de cujos caules se fabricam cordas, capachos etc.) Inquérito sobre o Espartilho (Cad. 22) (Enc. do A.) Essa peça do vestuário, de um detestável coquetismo, que martiriza as mulheres, prejudica-lhes a procriação, indica apenas a frivolidade nos gostos e me faz pressentir uma decadência próxima, disse um dia Napoleão. “Até aos 40 anos, uma mulher faz seu espartilho para sua cintura; aos 40 faz a cintura para o espartilho”. (Ang. Brohan) Origens do Espartilho – Foi somente sob o reinado de Henrique III, que se começou a usar o espartilho. Mas o espartilho formou-se realmente espartilho com Francisco I e Luiz XIII. Era um colete muito fino em linhas retas, alargando-se fortemente para cima e para baixo: a “vasquine”. A vasquine era munida, em frente, de uma barbatana de baleia ou mesmo de um pedaço de madeira, de aço, prata ou marfim, enriqueciam-se mesmo essas barbatanas com pedras preciosas e, não raro, se viam as damas da corte deixar

abertos seus corpetes, a fim de mostrar seus ricos espartilhos. Uma dessas barbatanas de uma coleção traz a seguinte inscrição:

“Possuo de minha senhora a graça
De sobre seu seio longamente ficar.
E daí ouvir suspirar seu amante
Que bem quisera em meu lugar estar”.

A vasquine logo deveria dar lugar ao espartilho assim que a bela Catarina de Médicis, vindo à corte, pôs em moda “esses infames arreios” que receberam o nome de “corps piqué” e que passariam pouco tempo depois a chamar-se espartilho. Não foi realmente senão em meados do século passado, que a moda do espartilho se tornou geral, mas para cair logo em desuso, sendo hoje cada vez mais abandonado.

Esquamata Cad. 6 – Antiga Roma. Couraça feita de pequenas placas de metal, imbricadas como as escamas de um peixe.

Estame – Fio de urdir e tecer. Trabalhado de fios de lã enlaçados por malha uns aos outros. Camisola de estame ou de malha.

Estamenha Cad. 6 – (de estame). Tecido de lã ordinário, pouco apertado.

Exomis ou Exomide Cad. 6 – Esta vestimenta da antiguidade grega deixa o ombro e o braço direito completamente a descoberto e é assim por excelência o traje do trabalho, curto. Ela apresenta dois tipos: o exomide aberto e sem costura e o exomide fechado. Ela é fechada por uma fíbula ou por um nó. Um cinto suspende as pregas e fixa o tecido sobre os rins.

Eyes Cad. 6 – Fêmeas do colchete, furo, buraco, ilhós.



Figura 14 - As exomides. Esquerda: presa por um nó com o cordão da cintura. Direita, aberta e sem costura, presa por uma fíbula. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.



Figura 15 - A esquamata. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.



Figura 16 - O fascio, desenho de Sophia Jobim.
 Fonte: Arquivo MHN.

Falbalas Cad. 33 – Babados de étoffe. Cad. 6 – Ornamento da saia juntamente com o pretintailles (Luís XIV).

Fastener Cad. 6 – Que ata, segura. Colchete, alfinete, passador.

Fichu Cad. 33 – Lenço de pescoço de mulher.

Focale Cad. 6 – Lenço sobre o pescoço; espécie de capuz.

Fourrure Cad. 6 – Peliça, guarnição ou forro de peles.

Fraque Cad. 6 – Casaco curto cujas abas se afastam do peito para baixo.

Frézeaux Cad. 7 – Espécie de plissés finos. Guarnição bouillonné das mangas do b্লাuid feminino na Idade Média.

Fripone ou secrete Cad. 33 – Saia de baixo.

Frock Cad. 6 – Vestido solto de senhora ou de criança, hábito de frade, blusa de operário.

Frock coat Cad. 6 – Sobrecasaca.

Fustanella ou Fistah Cad. 6 – É uma espécie de saia com muita roda plissada ou vários godês de $\frac{1}{4}$ de roda emendados, usado pelos gregos modernos e vinda da Índia, parecido com o rhingrave, usado sob Luiz XIV pelos homens, desde 1650 até 1678. Usada pelos camponeses gregos, a fustanella foi adotada como uniforme distintivo por uma trupe da elite da Armada grega: os evzones. Pode-se ver ainda hoje em Atenas a guarda do palácio real em fustanella.

Fustanelle Cad. 6 – Mesma raiz que fustaine. Jupón curto dos gregos com pregas, bem evasé. Este traje lembra a túnica dos peltastas gregos que se vê nos baixos relevos do “soldado de Marathon”. Os indianos também usaram uma sorte de jupe plissada, curta, e eles usam ainda esta vestimenta, como a fustanelle grega, é sempre branca. A curta saia masculina, dita rhingrave, em uso sob Luís XIV, é análoga.



Figura 17 – A fustanella. Fonte: WikiCommons.



Figura 18 - Globo imperial, desenho de Sophia Jobim.
 Fonte: Arquivo MHN.

Gabão Cad. 6 – Espécie de capote com capuz e mangas (talvez do italiano galbano, do latim cappa).

Galants Cad. 33 – Fitas que guarnecem as vestimentas.

Galons Cad. 7 – Passamanaria chata que se cose sobre as vestimentas ou que se cose sobre os móveis e que pode ser de lã, de seda, de veludo, de prata ou ouro.

Garance Cad. 7 – Desde a antiguidade a garance é uma planta para a tintura do vermelho. Era cultivada em Smyrna e em Andrinople. Depois fez-se criação em Flandres, Alsácia, no sul da França. O comércio da garance foi arruinado pela invenção da anilina. No exército francês, antes de 1914, a calça vermelha da infantaria e de outras armas era chamada “pantalon garance”.

Garcette Cad. 33 – Franja ligeira de cabelos curtos.

Garcette Cad. 7 – Sob Luiz XIII, as mulheres adotaram uma moda de coiffure formando sobre a testa uma franja de cabelos cortados direitos e que se chamava garcette.

Garçonne, La Cad. 6 – Moça emancipada que vive com um rapaz. O termo foi lançado por Victor Margueritte no seu romance *La Garçonne* (1922).



Figura 19 – Um garde-infant. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Acervo MHN.

Garde-Infant – Garde Infante Cad. 6 – Vasto bourrelet circular, colocado em volta dos quadris e sobre o qual as saias. O garde-infant feito de crina cosida entre dois tecidos é sustentado por uma carcaça de ferro. Foi inventado na Espanha no século VII para proteger as mulheres grávidas, do qual vem o seu nome. Passou à França com Ana d'Áustria. Esta moda terminou sob Louis XIV.

Gibão Cad. 6 – Vestidura antiga que cobria os homens do pescoço à cintura. Colete. Espécie de casaco curto que se veste sobre a camisa. No Brasil, veste de couro, usada pelos vaqueiros.

Gibus Cad. 7 – Nome de seu fabricante, o chapeleiro Gibus, dado a um chapéu haut-de-forme (ou haute forme) montado sobre uma mola, o que permitia achatá-lo e de usá-lo sob o braço.

Godrons Cad. 33 – Prega redonda.

Golila Cad. 22 – A golila encanudada aparece em meados do século XVII. Eram tão rijas que, às vezes, recorriam à armação de arame e nasceu aí a arte de engomar. Durante a última década do século XVI e as duas primeiras do século XVII prevaleceram os trajes espanhóis (estreitos e rijos; pouco cômodos, imobilizavam). No século XVII os homens começaram a usar a cabeleira postiça preferindo a cor avermelhada. Na terceira década do século XVII predominou na Europa o traje Holandês, atribuído à pujança da Holanda deste tempo que muito contrastava com o luto da corte francesa e o exílio dos príncipes ingleses. Tudo contribuiu para a expansão da moda holandesa que começou a simplificar o traje. Cobriu os grandes decotes com grandes palas de renda e linho. Cores suaves predominando os trajes de cerimônia. O uso da matinée foi lançado pela moda holandesa que teve sucesso até a primeira década do nosso século. O século XVII foi a época marcante das rendas, que eram usadas nas golas, mangas, nos punhos das espadas, nas botas, nos sapatos, nas ligas. Os homens é que mais usavam (luxo e pouco asseio).

Gourgandine Cad. 33 – Colete atacado entreaberto na frente.

Gouttière Cad. 7 – Goteira, biqueira.

Grègues Cad. 7 – Diminutivo de chaueres à greque, meio recheada em tiras e forro diferente.

Grigues Cad. 33 – Espécie de calções bouffants e franzidos sobre um bourrelet, ou duros e engomados; espécie de calção colante.

Grisaille Cad. 7 – Pintura imitando a escultura, na qual só se empregam os tons alvadios.

Grisette Cad. 7 – Na França, costureiras novas e amigas de galanteios.

Guêpes Cad. 7 – Fim do reino de Luiz XIV: as mulheres ficam sobre o penteado, ou bonnets, alfinetes muito finos, terminados em joyaux que se agitam o menos possível e que se chama guêpes ou papillons.

Guêpière Cad. 6 – Pequeno espartilho estreitamente fechado por lacets e servindo para diminuir a cintura para fazer cintura de vespa “taille de guêpe”. Foi posta na moda mais ou menos em 1945.

Anotações de Sophia Jobim sobre a Grécia Cad.10

Estas são breves anotações de Sophia sobre trajés gregos, provavelmente de quando ela esteve lá.



**Figura 20 – Sophia Jobim em Atenas (1937?).
Fonte: Arquivo MHN, Coleção Sophia Jobim.**

Traje grego atual - De origem turca (atual). **Évzoná** – soldado grego da guarda real que usa fustanella. **Tcholphás** (quando é um, tcholphades quando são vários) é o nome que se dá ao homem que não é soldado e usa fustanella. **Tchárruxia** – sapato grego (de origem turca) de bico ou ponta virada, com um pompom que se chama fudá (pompom). Plural: fudês. É o mesmo sapato do turco que se chama gurno-tchárruxia. Os búlgaros também usam o mesmo sapato. O turco usa este mesmo sapato de bico virado sem o fudá. Para o turco gurrunché quer dizer porco: gurno é abreviação de porco, ou melhor, de gurrunché. Assim o sapato do turco leva em volta da sola, de fabrico muito grosseiro e individual, os pelos de porco bem grandes de maneira que quando o turco ande, levante uma nuvem de pó nas suas poeirentas estradas, o que para ele é muitíssimo elegante. **Caltchonia** é a bota, ou melhor, espécie de meia (espécie de tabi japonês) que usam sob a tcharruxia. **Fudá** – borla. **Fudês** – plural de fudá. **Fez** (pr. fêsse) com fuda – para a cabeça. As joias em geral são feitas na cidade de Joannina. Quase todos os homens e as mulheres em casa só se ocupam das joias bizantinas. Joannina é a capital do Epiro. A joia em X, do tempo de Bizâncio que fecha o casaco que eu trouxe de Atenas no traje da grega chama-se Coliê (plural – coliédes). A joia

que possui uma espécie de pássaro e corrente é típica. Estas aves são chamadas jerraquis – elas vêm raramente à terra para comer galinha (sic). Um enfeite com mãozinhas de Fátima, está cheio de pependentes de moedas (flori). As ricas usavam de ouro. Só as solteiras podiam usar estas joias da época da dominação turca. **Velta** – substantivo formado do grego pelte. Antigo grego: pequeno escudo elíptico cavado em forma de crescente em madeira ou vime guarnecido do couro, que usavam muitos povos da Trácia, os Bárbaros da Ásia Menor, e que se atribui especialmente às Amazonas. **Peltaste** – antiguidade, Infantaria ligeira armada de pelta. Encicl. Antig. Grega. Desde o século IV antes da nossa era, chama-se peltastes os soldados equipados à moda da Trácia com o pequeno escudo, corpo intermediário entre a grossa infantaria dos hoplites e as tropas ligeiras – psiloi – que não tinham armas defensivas. **Iphicrate**, o primeiro a organizar os corpos de peltastes. Imitavam-no cedo em todos os exércitos gregos, depois na Macedônia. **Hoplita** – soldado a pé, armado com armas pesadas, na Grécia antiga. Os hoplitas atenienses levavam armamento completo: escudo, capacete, couraça, polainas (descalços), espada e lança. Hoplomachia – Gr. Hoplon = arma e makhe = combate. Combate de gladiadores antigos, completamente armados. Hoplómacho em grego é gladiador completamente armado.

O Traje Grego (Jardé) Cad 10 – O traje grego se compõe unicamente de peças de tecido nos quais cada um se drapeia à sua fantasia. O princípio das draperies gregas, em oposição com o traje ajustado dos modernos, é que eles não têm forma por eles próprios. Quando o retângulo de tecido foi fabricado com todas as qualidades de Souplesse, flexibilidade, submissão, de éclat (brilho, esplendor, magnificência) de finesse (finura, delgadeza, tenuidade) e de perfeição têxtil que a mão das mulheres conseguiu lhe dar, o uso grego espera este chef-d'oeuvre da indústria doméstica, defendendo-a de cortar ou talhar com a tesoura, substituindo por ourlet (debrum, filete, listra) ou por costuras as lisières (ourelas), que são como as fronteiras naturais e que fazem a solidez do ensemble (conjunto). Esta construção de arte, esta obra de prix (valor, apreço, preço), o grego a aceita tal como o métier (tear) lhe dá, que lhe oferece. A forma parece ausente; será o corpo humano que lhe dará. Assim os arranjos da draperie variam ao infinito, conforme o gosto individual, a moda do momento, a natureza dos tecidos empregados. Antes das guerras médicas, os atenienses seguem as modas iônicas; preferem eles os tecidos de lã, ligeiros e transparentes cobertos

de bordados, as longas vestimentas de múltiplas pregas unidas, juntinhas. Depois das guerras médicas, elas adotam as modas dóricas, os étoffes (tecidos) de lã, mais espessas, todos lisos, as vestimentas mais curtas, largamente plissadas. As duas peças essenciais do traje, para as mulheres, eram o kiton ou o peplos e a himação. O kiton – vestimenta de baixo, é uma peça de tecido dobrada no sentido da altura de tal maneira que um dos lados pode ficar aberto ou ser fechado por agrafes no alto; os agrafes juntando os dois bordos (bordas) e marcando nos ombros as aberturas para a cabeça e os braços; um cinto aperta o kiton na cintura. Os homens o usam curto, e não o fecham do lado direito, de maneira a deixar mais liberdade ao braço direito. As mulheres usam o kiton longo; eles são às vezes debaixo de uma vestimenta mais leve que fazem o papel da nossa camisa. A himação não se usa dentro de casa; é um grande xale que se joga sobre o kiton, para sair e que se drapeia livremente em volta do corpo. O grande manteau de lã que permite (braver – arrostar, desafiar) arrostar o mau tempo se fecha por um agrafe sobre um dos ombros.

A Klamyde se dispõe da mesma maneira, mas ela é mais curta; é o manteau dos avaleiros e em particular dos éphèbes athenienses. A clâmide é um manteau de verão de tecido ligeiro. De Esparta veio a moda do tribon – manteau grosseiro, mais curto que a himação, que adotaram os filósofos. Saia-se geralmente de cabeça nua. No mau tempo cobria-se a cabeça com um bonnet de feltro cônico ou de uma casquette de couro; para grande sol de um chapéu de palha de abas largas. As mulheres têm uma coiffure complicada, presa por um diadema e bandeaux (faixa). Bandeau real = diadema. Algumas adotam uma peruca ou tingem seus cabelos da cor na moda, louro-claro. Eles envolvem a cabeça de sua himação ou de um véu, ou usam os chapéus de formas variáveis. Elas se protegem do sol com um ombrelle (sombriinha) e saindo raramente sem leque. Mesmo fora de casa, ela fica de bom grado descalça. O calçado habitual é a sandália, sola simples mantida por correias. Em viagem usam borzequins atacados. As mulheres usam ordinariamente pantoufles (pantufas, chinela) bastante elegantes e variadas para estender a arte da cordonnerie. As mulheres gostam de se enfeitarem de joias, brincos, colares, anéis, braceletes, anéis para as pernas. O luxo fez tais progressos que precisou se moderá-lo por leis sumptuárias. Muitas cidades tinham magistrados especiais encarregados de vigiar a toilette e a ténue das mulheres.



Figura 21 - Henrique II, desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Hábito Cad. 6 – hábito, costume, estado, condições. Hábito, vestido. Habit-cloth: pano próprio para vestidos de senhoras.

Himação Cad. 10 – Filósofos só vestiam himação sobre o corpo nu. Às mulheres não era permitido usar só a himação. A mulher em casa só usava kiton; quando saía, também a himação cobrindo a cabeça, visível ficavam só olhos e nariz. Sófocles 495-405 a.C. Demóstenes – 385-322 a.C. Não devia ter nem um alfinete ou broche. A himação permaneceu característico traje através do mundo civilizado pelos gregos. E no começo do Cristianismo tornou-se universal entre os intelectuais. Era chamado pelo Romano de Pallium e era monopólio do estudioso e do orador. Supõe-se que Jesus Cristo usou a himação sobre o Colobium, porque ele e seus apóstolos eram mestres. O Palium ou himação era tido como dignidade, na sociedade greco-romana. Medida: 18 pés por 6 pés.



Figura 22 – Desenho original de Sophia Jobim, para Himação ou Pallium. Fonte: Arquivo MHN.

Himação (s.m) Cad. 10 – A himação, forma transportada de heima (vestimenta) designada entre os gregos antigos, no senso geral todas as vestimentas, e no termo restrito, o manteau, o qual compreendia, duas categorias; o tribon, vestimenta de todos os dias e o khlanis, vestimenta mais elegante que comportava a klaina deplé, manteau forrado, e a klaina diplois, manteau não forrado, todas duas vestimentas mais distintas e reservadas para as saídas na cidade. Retângulo de tecido de uma só peça, a himação era drapeada, enrolada em volta do corpo, sem nenhuma atadura fixa. Ela podia ser usada sobre uma túnica, ou uma túnica de baixo (inferior). Ela era geralmente branca. Suas dimensões ordinárias, fixadas pelo tamanho do tear de tecer, era de dois metros por três. Na época de Alcibíades (415) se lançou a moda das himações de cor, indo do rouge franco a um violeta soutenu (sustentado). Esta cor violeta era devido ao uso da coquillage (concha, marisco), chamado pourpre (púrpura).

Himação ou Palium Cad. 2 – Manto ou xale grego. No VI século a.C. era usada como peça tanto pelas mulheres como pelos homens. Tinham barras. Os filósofos e sábios usavam-na sem roupa de baixo para, pela sua simplicidade, se mostrarem superiores.

Hongreline Cad. 33 – É uma espécie de surtout usado no começo do século XVII sobre o gibão, mais ou menos ajustado.

Hongreline Cad. 7 – Uma espécie de surtout (sobretudo) usado no começo do século XVII sobre o pourpoint. Ele é meio ajustado; no começo as mangas não cosidas na cava eram ligadas por agulhetas (aiguilletes), depois fizeram corpo com a vestimenta e usaram grandes punhos. Sob Luiz XIII a hongreline se alongavam e formava 4 basques para exibir sobre a sela. Era um traje de inverno, forrado e debruado de pele. As mulheres usaram até Luiz XIV as hongrelinas com manga e com basques (abas), mas não forradas de pele.

Housse Cad 7 – surtout em forma de dalmática. Vestimenta para os homens, sob Charles V.

Hurluberlu ou hurlupée Cad. 7 – Nome de um penteado feminino usado em 1671. Os cabelos anteriormente juntados em bouffons com cachos pendentes, foram então cortados e frisado com a petit-fer formando 2 cachos em forma de couve-flor. 1671-1672. Descrita por Mme. de Sevigné “Imagine uma cabeça dividida em 2 à camponesa até 2 dedos de bourrelet. Corta-se o cabelo de cada lado em carreiras (d’étage en étage), se faz 2 grossos cachos negligentes que vêm sobre a orelha. Mete-se fitas como comumente e um grosso cacho amarrado entre o bourrelet e a coiffure”.



Figura 23 - Imperador bizantino dos séculos X, XI e XII com a lança sagrada. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.



Figura 24 - Jeune fille (moça) hindu, alta classe. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Jabot Cad. 7 – Ornamento de lingerie que se começa a usar sob Luiz XIV. É uma banda de tecido fino ou de batista finamente franzida e acompanhando a fenda anterior da camisa do homem. Os jabots são assim chamados do nome da intumescência do pescoço dos pombos (da inchação) se faz também de renda que se exhibe no alto da veste ou camisa não abotoada. Conforme a época eles foram feitos mais ou menos volumosos e esta moda durou até o meado do século XIX. De tempos em tempos se vê reaparecer o jabot, mas na lingerie feminina.

Jaquette vague Cad. 6 – Mais romântico, do francês, que na sua linha indecisa não define a silhueta no seu preciso contorno. Ondulante e gracioso.

Jardiniere Cad. 7 – Se chamava no século XVII e XVIII, uma pequena renda estreita servindo a debruar os punhos e outras peças de lingerie.

Joias do Reino – Globo imperial é ao lado da Coroa e Cetro – símbolo do poderio real ou imperial. Reichskleinodien (Joias do Reino ou Joias da Coroa). Em inglês – Orb. Em alemão – Reichsapfel. Em português – Globo Imperial. Reichsapfel – (Maçã do Reino). Globo na mão. Na Inglaterra, Elizabeth II levou na mão a Maçã do reino.

Justilho Cad. 6 – Corpete, espartilho, colete de homem.



Figura 25 - Kitons jônicos, desenho de Sophia Jobim, conforme a foto, para ilustrar seu artigo, sobre a Grécia Harmônica, na Revista Ilustração Brasileira de março de 1949.

Fonte: Arquivo do MHN.

Kakochnick Cad. 6 – Nome russo para designar o toucado em forma de diadema, usado pelas mulheres russas. Esse toucado em geral é bastante alto, bordado de pedrarias.

Khiton (túnica de linho) Cad. 10 – Derivado do aramaico Kittana, do sírio Kouttina e do hebreu Kouttonel. O khiton é, desde a época homérica, a vestimenta essencial dos gregos antigos, homens e mulheres, vestimenta de baixo, interior, feita de linho ou de lã muito leve. Para os homens o khiton é chamado héteromaskhales, quando abotoado sobre o ombro esquerdo, ele deixa o ombro e a braço direito descoberto; e amphimaskhalos quando cobre as duas axilas; neste último caso, ele é retido por duas fíbulas e um cinto lhe faz subir até o joelho, às vezes mesmo acima do joelho. Ele mede mais ou menos a altura de 1m20 de comprimento. Às vezes um segundo cinto permite arregaçá-lo ainda mais para dar ainda mais liberdade aos movimentos. Este khiton curto é utilizado na vida diária. Para as cerimônias, os gregos usam o khiton longo que eles chamam khiton podérès ou tombando até os pés, que os arqueólogos chamam túnica talar e que é usada pelos deuses, sobre os vasos pintados e em Delfos na estátua do Aurige. (aurige, mesmo que auriga, cocheiro). Existe também outra túnica, muito larga, feita de 2 peças de tecido cosido e formando um largo tubo com uma abertura para passar a cabeça e duas para os braços; este modelo pode também comportar duas mangas e era dito então khiton kheiridotos. As mulheres deram prontamente a preferência a túnica iônica, medindo ao menos 7 covados (mais ou menos 3 metros), feito de um tecido extremamente leve, ligeiro, tendo como o peplos, a forma retangular da peça de tecido, como são do tear de tecer, e apresentando uma multidão de pequenas pregas, feitas a unha (os gregos não pareciam ter conhecido o ferro de passar). A túnica jônica era dita stolidotos quando ela oferece aos olhos as pregas sujeitas artificialmente pela pressão de uma atadura (um lien, mesmo que laço, atadura, ligação). Numerosas pinturas de vasos nos mostram as diferentes maneiras pelas quais as pinturas de vasos cujas maneiras gregas drapeiam cada uma, segunda seu gosto, suas túnicas. Por cima do khiton, homens e mulheres usam o manteau, eles mesmos se prestando a numerosos arranjos conforme a moda do movimento. (*ver himação*)

Khlaïne (s.f) Cad. 10 – Manteau dos gregos da época homérica.

Khlamyde (s.f) Cad. 10 – Manteau curto (militar) enquanto himação, manteau civil.

Khlamyde (sf) Cad. 10 – Enquanto a himação é um manteau civil, a Klamyde é, para os gregos antigos, o manteau militar. Feito de lã espessa e quente ele era objeto de uma preparação especial quanto à qualidade do tecido, feito com um fio mais forte, melhor torcido que para o manteau comum. De dimensões medíocres, preso em volta do pescoço de maneira a cobrir os dois ombros a klamyde descia quase em ângulos retos em volta do corpo, e as partes excedentes retombavam em duas pontas flutuantes; com o vento da corrida, ela incha e flutua atrás do cavaleiro que a está vestindo. As medidas parecem ter 1m40 x 3m30. Tingia-se comumente a klamyde de vermelho marrom. Alguns modelos parecem ter levado bandas de cor mais escura. O conjunto da vestimenta é ao mesmo tempo sólido e solto, deixando toda liberdade aos movimentos, como convém para o esporte e a guerra.

Khlamydion (s.m) Cad. 10 – Pequeno manteau, ou pequena khlamyde das mulheres gregas.

Khlanide (s.f) Cad. 10 – Ou khlanis (s.m), manteau de lã fina usada pelos elegantes da antiguidade grega.

Khlanidion (s.m) Cad. 10 – Pequeno manteau dos elegantes da antiguidade grega.

Klamyde ou Khlamyde Cad. 6 – (*Ver clâmide*)

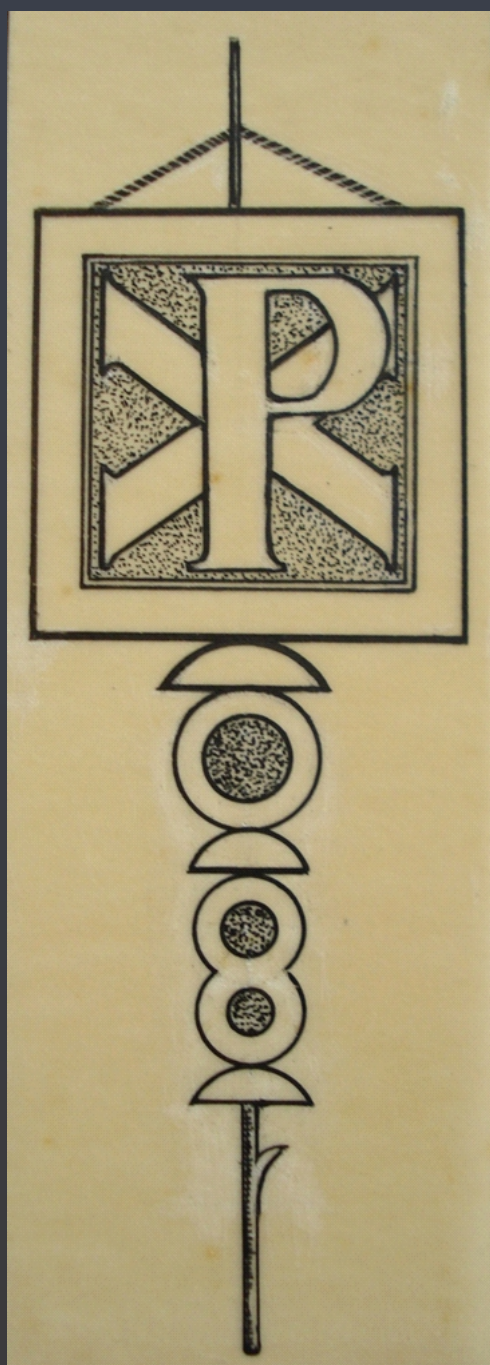


Figura 26 - O lábaro, de desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Lacerna Cad. 6 – Gabão pesado. (espécie de capote com capuz e mangas) que os romanos usavam no inverno. Latim lacerna. Arqueol. Manto pesado, seguro no ombro por um colchete ou por uma fivela; lacerna usada a princípio unicamente pelos soldados, passou depois de ter sido usado pelos soldados romanos, a ser usado por toda a gente. O mesmo que murça ou birro.

Lacerna Cad. 7 – Em Roma, os soldados e os civis usam um manteau aberto na frente e fechado por uma fivela ou fíbula. A lacerna podia se usar sobre todas as outras vestimentas e tinha um capuchon, à cuculle. Esta vestimenta de origem gaulesa se usa mais e mais no fim do Império romano.



**Figura 27 – A lacerna é a peça que vai por cima da roupa, nesse caso. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.**

Ladrine Cad. 33 – Bota que subia até a meia perna e se rebatia sobre a barriga da perna. A bota era decorada de esporas inúteis que se usava mesmo no baile e se fazia os molettes (rosetas) em couro, para evitar rasgar os vestidos.

Laissez tout faire Cad. 7 – Négligée de mulheres no século XVII, consiste em uma vestimenta negra com avental branco.

Luvras (01) Cad. 22 (gauntlet – manoplas) – Nunca foi conhecida a origem das luvas. Mas sabe-se que elas foram inventadas muito remotamente. A primeira vez parece-nos que foram mencionadas luvas foi na Bíblia, quando Rebecca, para assegurar o direito de primogênito para seu filho Jacó botou nele luvas de cabrito, para que seu pai Isaac não distinguisse o filho mais moço do mais velho (que era o muito peludo Esaú). Antes de se inventar as luvas na sua forma primitiva, usadas por ambos os sexos, pelo clero e leigo, a necessidade de cobrir as mãos era provavelmente suprida por longas mangas soltas caindo fartamente sobre os pulsos e as mãos (como os chineses). Vê-se nas ilustrações antigas da Idade Média em estátuas de bronze. Henry II, que morreu em 1189 e foi enterrado em Fontevraud: foi descrito no traje de sua coroação com uma coroa de ouro na cabeça e luvas nas mãos. Quando os túmulos do Rei João em 1216 d.C., e de Eduardo I em 1307 d.C., foram abertos no século XVIII, luvas foram encontradas nas mãos de ambos os monarcas. No reino de Henrique VIII as luvas eram usadas pela nobreza e aristocracia. Eram lindas, elaboradamente bordados, no tempo da “good queen Bess” (rainha Elisabeth I) eram usadas luvas perfumadas que eram para as ladies e os gentlemen da Corte. No século XVI, no começo, um costume curioso prevaleceu, o de abrir fendas (rasgos) nos dedos das luvas para mostrar os custosos anéis de pedrarias. No 14º ou 15º ano do reinado de Elizabeth, o conde de Oxford veio da Itália trazendo com ele luvas, sachets, e outras coisas agradáveis. Naquele ano a rainha teve um par de luvas enfeitadas com quatro bouquets de rosas de seda colorida. A rainha gostou tanto destas luvas que se fez retratar com elas nas mãos. Muitos anos depois aquele perfume de rosas era chamado “Earl of Oxford’s perfume”, ou seja, “O perfume do Conde de Oxford”. Como emblema, ou simbolismo, a luva tem sido usada por séculos passados como uma lembrança amorosa e em outras com sinal de provocação; foram presenteadas a reis e rainhas por súditos leais quando visitando as casas da aristocracia, ou enquanto entravam em cidades e para estas ocasiões as luvas tinham sido fabricadas e especialmente bordadas. Shakespeare fez seus personagens falarem de luvas. No *Mercador de Veneza*, Pórcia pede a Bassânio suas luvas. Em *Romeu e Julieta* e em *Henry V* fala-se de luvas. Chama atenção nas luvas antigas seu grande comprimento e tamanho. Naquele tempo o correto feitio era pouco considerado. O feitio das mittens (mitenes) dos civis era reproduzido mais ou

menos nas luvas de ferro dos guerreiros, onde as gravuras substituíam os bordados e pedras. Depois do reino de Carlos II, as luvas eram simples e não tinham significação importante. Até nossos dias, luvas são distribuídas aos enlutados. Na Inglaterra, nas seções inaugurais, as autoridades locais presenteiam com luvas aos juízes e seus assessores. **As luvas de Jacó na Bíblia (ideia de Rebeca):** Na Bíblia – benção a Jacó. Rebecca induziu Isaac a erro. Isaac e Rebeca tinham dois filhos: Esaú, o primogênito, bastante cabeludo, e Jacó que não tinha pelos. Isaac estava velho e cego e queria dar benção ao mais velho para morrer tranquilo. Mandou-o à caça para que fizesse um bom guisado do que matasse e lhe desse a comer. Por fim lhe daria a benção. Rebeca, que preferia Jacó, o mais moço, lembrou-se de um ardil. Como seu marido estava velho e cego e só reconhecia os filhos apalpando-os, a fim de reconhecer o primogênito peludo Esaú. Concebeu um plano: preparou para Jacó umas luvas de cabrito com o pelo para o lado de fora e calçou-as no filho, pondo também sobre o peito um pedaço do pelo para fingir também o peito cabeludo do irmão. Vestiu-o com os ricos trajes de Esaú e assim foi ludibriado Isaac, que depois de comer os guisados deu-lhe a benção. Quando Esaú chegou era tarde. Chorou muito e jurou matar Jacó, que a mãe aconselhou a se esconder na Mesopotâmia, na casa de Labão, seu tio paterno, até que amansasse o ódio de Esaú.

Luvras (Enc. Do A.) – A história das luvas é a história do mundo, disse o escritor francês Octave Uzanne (1852-1931). As luvas só entraram realmente em moda sob os reinados de Luís XIV, a Regência e Luís X, época tão cheia de futilidades. Três reinos precisaram contribuir para que as luvas fossem verdadeiramente elegantes:

- A Espanha, para preparar, amaciar e perfumar a pele;
- A França, para cortá-la;
- A Inglaterra para a costurar.

Após esse trabalho, obtiveram-se luvas realmente luxuosas. O célebre Dulac, perfumista das luvas das senhoras e de pequenos senhores, achava que a mulher verdadeiramente elegante nessa época devia trocar, pelo menos, quatro vezes de luvas por dia.

M



Figura 28 - Martin Afonso de Souza, desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Manchon Cad. 7 – Sob Henri III aparecem os primeiros manchons. Na Idade Média não usavam, pois passavam a mão nas fendas verticais dos trajas. Sob Luiz XIII, usavam de pequenas dimensões. No começo eram duas bandas de tecido forrados por dentro de pele. Em 1635 foram todos inteirinhos de pele, separadas as duas partes por uma fita. Fazia-se também de veludo acolchoado de algodão ou de pluma. Sob Luiz XIV os manchons eram muito volumosos. Eram todos de pele e tinham no centro um anel que permitia suspendê-lo na cintura por uma fita amarrada ou uma correia, que se chamava passe-caille. No tempo da petit oie a nuvem de fita caía sobre o manchon. Os manchons eram pequenos, (de mulheres) enfeitados de fitas e joias. Sob Luiz XV vemos manchons de tecidos preciosos bem pequenos e bordados. Depois se alargaram e foram feitos de plumas. Em Luiz XVI de grandes tamanhos e no século XIX, grande e pequeno.

Manchon Cad. 22 – Acessório de toailete que até Luiz XIV foi exclusivo das mulheres. Em 1670 os homens o adotaram igualmente para substituir, no inverno, a echarpe bordada de renda jogada por cima do bandrier. Este manchon era de pelúcia ou de pele de leopardo. Era preso na frente do corpo por meio de um cordão amarrado em volta da cintura. Em 1692 as mulheres usavam manchons tão grandes, que serviam para alojar os pequenos cães. Famosos negociantes de moda, os mais famosos, escreviam sobre sua casa como propaganda “Specialités de Chiens-Manchons”: não queriam dizer que vendiam cães, mas que faziam manchons de dimensões apropriadas a servir de nichos protetores.

Mandille Cad. 7 – Casacão que usavam os lacaios.

Marlota Cad. 6 – Espécie de capote curto com capuz, em uso entre os mouros.

Máscaras Cad. 22 – No tempo de Carlos IX, Henrique IV e Luiz XIII em geral o uso da luva e da máscara era para a rua. As mulheres especialmente não saíam sem máscara. Primeiramente esta máscara era de veludo, destinada a preservar a pintura da segura da pele (queimadura, crestação); e de outros inconvenientes do sol e da brisa porque o uso dos guarda-sóis ainda não era conhecido. O uso da máscara persistiu muito tempo por motivos menos virtuosos, fáceis de adivinhar.

Mentonnières Cad. 1 – Nos séculos XII e XIII as mulheres usaram os mentonnières, que foram o primeiro indício de outras modas que visavam cobrir ciumentamente os encantos femininos. O cabelo já naquela época era bastante bem tratado emoldurando a beleza feminina. Os mentonnières foram o ponto inicial de inúmeras outras coberturas de cabeça que, nos séculos XIV e XV fizeram furor, como: a gorgière, a guimpe, o barrete.

Merinaque Cad. 6 – Vem do castelhano merinaque. Saia enfunada por varas flexíveis ou arcos. Saia-balão.



Figura 29 – Merinaque. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Milton Cad. 6 – Coiffure de cabelo curto, enrolado em volta da cabeça usado no século XVIII no tempo de Luiz XVI.

Mitaines Cad. 34 – Os mitaines são os ancestrais dos manicles ou maniques que deixavam livres os quatro dedos, o polegar é o único vestido. A parte envolvendo o polegar se chamava poucier; a outra parte que cobria só a mão se chamava chape ou coquille. Foi só no século XVII que se fez o mitaines tricotées. Sob Louis XIV (1643-1715) fazia-se em geral os mitaines em seda, em veludo, deixando os quatro dedos livres, como hoje, mas com uma ponta alongando sob os dedos e que se podia virar para mostrar o bordado. Não foi senão no século XVIII que se fez em tecido, seja em pele, mitaines abertas

sob o pulso e ajustando por lacets como se fossem as luvas de mulheres. No século XIX, sob Luís Felipe, a moda foi mitaines em filete de seda.

Mocassin Cad. 6 – Espécie de calçado de pele de gamo.

Mochlah (kla) Mechleh Cad. 6 – Árabes (trajes) manteau no qual os árabes de alta categoria se enrolam. É de lã misturada de pele de camelo e de seda e guarnecida sobre as espáduas de uma larga banda de fio de ouro.

Modeste Cad. 33 – Saia de cima.



Figura 30 - Nossa Senhora, estudo. Desenho de desenho de Sophia Jobim.
 Fonte: Arquivo MHN.

Nanquim Cad. 6 – Tecido de algodão amarelo “chamois” (cabra montês, camurça) que se fabricou primeiramente em Nanquim e foi empregado durante muito tempo para a confecção de calças, de colete, e às vezes mesmo de calças. Tecido de algodão amarelo claro utilizado para as roupas (às vezes até casacas de verão) em meados do século XIX.

Nansouk Cad. 6 – Tecido de fino algodão empregado na lingerie feminina.



Figura 31 - Ordem do tosão de Ouro, Desenho de Sophia Jobim.
 Fonte: Arquivo do MHN.

Opa Cad. 6 – Espécie de capa sem mangas, que tem no lugar destas, buracos por onde se enfiam os braços e é usada em atos solenes pelos irmãos de confrarias religiosas.

Orfroi Cad. 7 – O nome vem da Antiguidade, do nome or e do nome frígio, pois era da Frigia que vinham estes tecidos bordados de ouro. Chamavam-se orfrois as barras ornamentais tecidas de ouro, como as dos paramentos das chapes (capas), chasubles (casulas) e dalmáticas. É um sinal de nobreza.



Figura 32 - Persa, desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Paladino Cad. 6 – Cavaleiro do séquito de Carlos Magno. Cavaleiro andante. Homem intrépido e cavalheiroso. Defensor delicado.

Palatines Cad. 7 – De peles.

Pallion Cad. 34 – Manteau usado na Idade Média.

Pallium Cad. 34 – Manteau nacional dos Gregos da Antiguidade mais amplo que a himação, era uma grande peça de lã, quadrada ou retangular e que os Romanos adotaram. No traje litúrgico, o pallium é uma grande banda de lã branca feita da lã de dois carneiros criados num convento e bentos pelo papa. Esta banda de lã, ornada de cruz, flutua sobre os ombros, uma extremidade pendendo sobre o peito, outro sobre as costas. Os papas usam de direito o pallium e o envia aos arcebispos ou bispos que eles querem honrar.

Panier Cad. 22 – No tempo de Luiz XVI, houve muitas mudanças na moda. A mais sensível no lado feminino foi a moda do Panier que não merece o nome de *original* porque não foi mais do que o retorno do vertugale, vertudade et vertugadin do século XVI. A moda do Panier veio de Londres, onde, em 1711, ela excitava a hilaridade e a verve dos satiristas. Era chamado em Londres “hoop-petticoats” o que significa textualmente “jupon cerclé”. Pensa-se que já uma deformação alemã e retardada dos vertugades do século XVI, que deu origem a modas inglesas do hoop-petticoat. Como foi introduzida na moda, duas damas um pouco fortes de quadris tiveram a ideia de fazer suas saias sobre círculos de vime para maior comodidade. Numa tarde de verão elas resolveram ir colher fraise no jardin des Tuilleries, nas suas cômodas saias (no seu cômodo negligé), pensando que não seriam percebidas. Bem ao contrário foram vistas e escandalizaram pelas suas saias e foram muito vaiadas até, a guarda chegou salvando-as envergonhadas. No dia seguinte falou-se muito no escândalo e poucos dias depois a moda adotou a sugestão das duas damas. Assim o Panier se introduziu em Paris em 1711 conservou seu cetro por três gerações seguidas. Muito incomoda, de acordo com a sua forma. Tomou diferentes nomes:

- O primeiro de todos – panier à l'anglaise com 8 carreiras de círculos dos quais o mais alto chamava-se “traquenard”.
- Cadet que parava na altura do joelho.
- Gondoles que fazia as mulheres parecidas com as portadoras de água.
- Paniers à conde que tinha apoio para os braços.
- Les Criardes assim chamada, porque fazia muito barulho a sua tela engomada.
- Jansenisté ou demi-panier de proporções moderadas.

E outros cujos nomes nem chegaram até nós até a moda do aux Considerations inventado por Panard que sustinha a saia sem barbatana e sem arcos. Esta rígida carcaça que fazia as mulheres parecerem vastos sinos não pareceu suficientemente incômoda, pois ainda fizeram mais pesadas as saias de volants e draperies, os falbalas e pretintailles. Falbalas – folhos, enfeites volants. Pretintailles – ornatos de recortes, frívolos, folhas.

Papillons Cad. 7 – Em termo de moda, partido de uma coiffure que se alargava em forma de asas de borboleta. Sob Louis XV os panos, ou abas do justaucorps suspensos por uma almofadinha de crina se abrem sobretudo quando o traje é abotoado sobre o ventre em asa de borboleta. Papillon também é um alfinete nos cabelos.

Pareô Cad. 7 – espécie de saiote usado pelas mulheres do Haiti. Pareô (1965-1966) Taiti – Pareô o traje nativo das Ilhas de Taiti (Arquipélago da Sociedade, grupo de Ilhas da Polinésia, sob a soberania da França, 24.500 habitantes – Capital Papete – Açúcar, tabaco, etc.). Metragem: apenas 1,60m x 1m.

1. Centralize a fazenda a partir das costas no sentido da largura.
2. Cruze a altura meio frente.
3. Amarre as pontas, em frente única na nuca.

Passamanaria Cad. 22 – É originária do Oriente, onde seu fabrico atingiu alto grão de perfeição. Encontram-se em escavações feitas no Egito, artigos de passamanaria, o que leva a supor que de lá eles passaram à Itália, primeiro país do Ocidente que as fabricou e usou. No Oriente, estes artigos eram fabricados de matéria-prima de primeira ordem e com muito esmero. A passamanaria foi usada no Oriente em geral nas vestimentas litúrgicas (cordões, tranças, alamares, borlas, torçais, etc.). Mais tarde nas roupas militares e hoje nas de vestuário das elegantes ou nos estofamentos, costuras, móveis, etc. A renda nasceu decerto da passamanaria.

Patch Cad. 6 – Remendo, sinal no rosto Luiz XIV, XV etc. Pedaco de malha, trecho, fragmento.

Pênula Cad. 6 – Manto, capa.

Pénule Cad. 7 – Na antiguidade, a pénule era um manteau redondo, espesso, usado por cima das vestimentas e descendo em baixo dos joelhos. Ele comportava um capuchon e uma abertura pela qual passava a cabeça. Uma fenda que na frente permitia de a suspender (Mercúrio).

Pénule ou lacerne Cad. 34 – (de origem cartaginense). Na antiguidade em Roma os soldados civis usam um manto redondo, espesso, aberto na frente e fechado por uma fivela ou fíbula. A lacerne podia se usar sobre todas as outras vestimentas e tinha um capuchon, a cuculle. Esta vestimenta de origem gauleza se usa mais e mais no fim do Império Romano. Uma fenda que na frente permitia de a suspender (Mercúrio é representado com Pénule).

Peplo Cad. 10 – Veste comprida usada pelas mulheres de algumas civilizações antigas, em particular a grega e a romana, de rico tecidos e cores vivas, ornada de pregas de ouro e figuras de deuses e heróis “cortesãos egípcios com peplos de linho bordados e franjados, braços nus, caras pintadas despertavam rumor de admiração”, Samuel Maia, Dona sem Dono, p. 169. “peplo” do latim, “peplum”).

Peplo Cad. 10 – s.m. – Antiguidade grega, túnica de mulher, em lã, formada de uma peça de tecido retangular cujos lados se juntam ou aproximam as beiradas sobre um lado do corpo, depois de ter

envolvido o outro. Ele prendia apoio em dois pontos sobre os ombros, por fíbula e conforme seu comprimento se usava ou sem dobra (repi) sobre o dorso e sobre o peito. Finalmente, toda peça de tecido retangular. Enciclopédia – Em Atenas, cada ano na festa das Panatheneas se usava levar em procissão no Partenon o peplos bordado por jovem das melhores famílias de Atenas, e se substituía aquela do ano precedente.

Peplo Cad. 10 – Espécie de túnica sem mangas, chamada também “camisa dórica”, apertada sobre os ombros, que as mulheres gregas usavam. Consistia num tecido retangular, geralmente de lã, que se enrolava ao corpo, caindo solto ou sendo cingido a cintura. O tecido era seguro sobre os ombros a três quartos da sua altura, caindo a quatro superior sobre o peito e as costas, ficando aberto um dos lados. Se bem que muitos lhe chamam “camisa dórica”, não está provada a sua origem dórica, e além disso a camisa dórica era essencialmente uma peça cosida e o “peplo” não. A camisa dórica era feita de um tecido vulgar e o “peplo” era de lã. Não se encontra vestígio algum do peplo na época micênica, pois o broche (fíbula) aparece muito mais tarde e seu uso encontra-se generalizado depois das invasões dóricas. Pode supor-se que o peplo foi introduzido na Grécia como o broche (fíbula), seu acessório indispensável, pelos povos vindos do Norte. Pelo fato de aparecerem depois destas invasões é que muitos lhe chamam dórico. Studniezka demonstrou que o “peplo homérico” é, segundo todos os aspectos, idêntico àquele que se vestiam as mulheres gregas do século V. Em muitos textos se lê que era usado sobre a pele, como a camisa. Os broches (Fíbula) que o apertavam sobre os ombros são mencionados em vários textos. O peplo oferecido a Penélope por um de seus pretendentes tinha doze alfinetes de ouro, o que demonstra que além dos dois broches (fíbulas) dos ombros, se podiam empregar outros para fechar o lado do vestido que geralmente ficava aberto. Comumente, porém, como pode ver-se das figuras expressivas da marcha das pinturas antigas, os movimentos da perna afastavam as extremidades do peplo do lado aberto. O peplo homérico aparece às vezes de uma só cor: açafão, azul-escuro ou encarnado, mas é mais frequente a multicolor e adornado com ricos desenhos de onde se pode concluir que o peplo era feito de lã, que melhor se prestava para as tinturas.

O uso do peplo primitivo, tal como o descreve os poemas homéricos, conservou-se até meados do século VI. Nesta época deu-se uma mudança no traje feminino grego, na Ática, pelo menos, mudança que é confirmada pelos textos e monumentos. Conta Heródoto, sem garantir a veracidade da anedota, que esta alteração no vestuário foi causada por uma expedição infeliz dos atenienses contra a ilha de Égina, de cujo desastre só conseguiu escapar um soldado, que conseguiu ao Pireu. As mulheres de Atenas saíram pressurosas ao seu encontro para saberem de seus esposos e filhos. Ao saberem do desastre, furiosas, abriram os peplos e com os broches (fíbulas) feriam-no até o matarem.

Para evitar a repetição de semelhantes crimes, os atenienses impuseram às suas mulheres o uso de camisas jônicas, que dispensavam os broches. Mas o peplo não foi completamente abandonado, somente deixou de ser usado sobre o corpo, passaram a usá-lo sobre a camisa. Como se pode ver na estátua encontrada no Parthenon: debaixo do peplo, muitíssimo mais curto, é certo, vê-se uma camisa que chega até os pés. O peplo primitivo sofreu, com o tempo, várias modificações, pelo menos quanto à maneira de apertar. O uso do cinturão é já do tempo de Homero, o lado que a princípio era aberto, passou a ser cosido a partir da parte inferior, até a cintura. Somente muito raramente o peplo aparece totalmente cosido. Os braços eram cobertos até os cotovelos, juntando com broches as extremidades do traje. O peplo exterior tomou várias formas, quer chegando aos tornozelos ou não, quer passando abaixo dos joelhos, havia também peplos apertados somente no ombro e braço direito. Parece datar dos meados do século VI a cerimônia do oferecimento à Minerva (Athena), com o qual anualmente revestiam a estátua de madeira (xoanon) nas festas das Panatheneias. Neste peplo riquíssimo, trabalhavam, durante nove meses, as donzelas das melhores famílias dirigidas por uma sacerdotisa. Aí estavam desenhadas as cenas da história da Deusa Athena. Os nomes dos cidadãos que tinham prestado serviço à República. Como os peplos dos anos anteriores se iam guardando, constituíam uma crônica ilustrada da cidade de Athenas.

Peplos ou peplum – Capote de mulher. Grande peça de tecido de lã retangular drapeada, com dobra retombante dita apotygma. Entre os antigos, túnica de mulher sem mangas, acolchetada no ombro, por vezes de rico tecido, de cores vivas e ornada de pregas de ouro, e figuras de deuses e heróis.

Peplum Cad. 10 – Forma latina de peplos.

Petite oie Cad. 7 – Sob Luiz XIV, quando Mazarin lançou editos contra o luxo, proscrivendo os bordados e os tecidos de seda, os homens se recobriram sobre as fitas e foi então uma tal desordem, desregramento que os merceeiros fizeram fortuna. Os elegantes usaram até 300 aunes (jardas?) de fitas sobre um só traje. Eles punham sobre o chapéu, sobre os cabelos, sobre as gravatas, luvas, os sapatos, as espadas, as bengalas. Era esta folia de fitas que constituía a “petite oie”.

Pierrot Cad. 6 – Corsage feminino cujas costas terminam por dois muito pequenos levantados.

Pileus Cad. 6 – Nome latino, derivado de pileus, pelo. Antiguidade romana. Pequeno bonnet de feltro. Tem a forma de uma calotte ligeiramente cônica, com um pequeno rebordo ou sem rebordo. Ele servia sobretudo aos trabalhadores. Colocavam-no na ponta de uma vara numa marcha para indicar que eles tinham escravos a vender. Na cerimônia da franquia, o chefe punha na cabeça do escravo este bonnet. Foi do pileus que saiu o “bonnet phrygien” emblema da liberdade, mesmo entre os romanos.



Figura 33 – Pileus. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Polisson Cad. 6 – Peça de roupa engomada rija que as mulheres usavam debaixo de sua saia para dar amplitude as suas formas. Hoje em dia a palavra designou a “tournure” anquinha.

Pontificar Cad. 2 – Celebrar a missa com a capa de pontificar.

Porfileures – Entretecedoras.

Pouf à La gnès aco (guezacô) Cad. 6 – Bonnet de mulher no fim do século XVIII, foi tirado do uso engraçado que Beaumarchais – fez da palavra Guès-Aco na sua briga com Marin.

Pourpoint Cad. 33 – Gibão. Espécie de veste usada antigamente pelos homens e que cobria o corpo desde o pescoço até a cintura.

Power boom Cad. 6 – Tear mecânico a vapor.

Pretintailles Cad. 6 – Imensos recortes em cores diferentes sobre o fundo da saia (Luís XIV) bordados de um peso insuportável e de mau efeito. Pelo pretintailles chegou-se ao tecido broché de ouro ou de cores que mais pareciam tapeçarias.

Purdah Cad. 1 – A cortina que esconde a mulher da vista do homem nos povos orientais. Uma “purdahnashin” é mulher que se senta atrás da cortina (persa-parda) na linguagem anglo-indiana, “lift the purdah” significa revelar seu segredo.

Q



Figura 34 - Queen Mary, desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Quiton Cad. 6 – Kiton em grego. Túnica jônica e dórica.

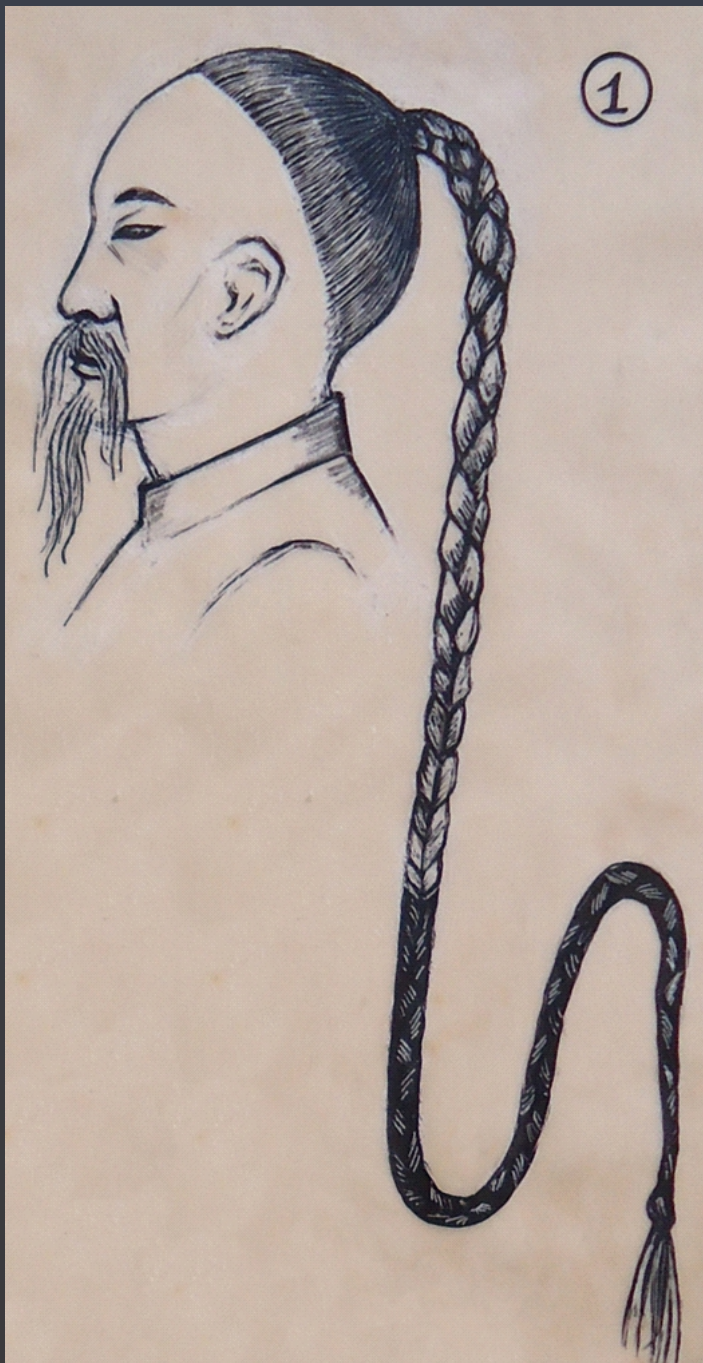


Figura 35 -Rabicho chinês. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Randa Cad. 6 – Renda.

Rebozo Cad. 6 – Echarpe.

Rebras Cad. 33 – Dobra, prega, parte da luva que cobre o braço, punho.

Rhingrave Cad. 7 – Moda masculina da época de Luiz XIV. O nome rhingrave é uma deformação de “Rhein Graf” (conde do reino). Acreditou-se que esta moda que consistia para os homens em uma pequena saia cobrindo os calções, foi importada à corte em 1670 pelo Rhingrave, irmão da princesa Palatine. Indicação inexata porque em 1656, Luiz XIV adolescente saudou a rainha Christina da Suécia usando já o Rhingrave. A moda na realidade, veio das hauts-de-chausses imensamente largas que usaram os Flamengos. Estas hauts-de-chausse (calções) uma vez as pernas reunidas dava o aspecto de uma saia. O rhingrave, guarnido de petite oie se usa indiferentemente de face ou de costas. Em seguida disfarça-se a fenda da “braguette” com um flots, uma nuvem de fitas. Embaixo se usava um calção justo. Quando a moda veio de haut de chausse bouffant, o rhingrave não tem mais dois canons e vem então a ser uma saia verdadeira. Em 1675 os justaucorps se alongaram, o rhingrave de saia plissada que ela era, tornou-se um tonnelet rígido com 2 bolsos horizontais. Foi em 1678 que a calça o substituiu definitivamente.

Roca (A), como emblema na Grécia Cad. 10 – Perséphone (ou Coré divindade grega, filha de Demetér e de Zeus, é rainha dos Infernos; identificada a mais tarde com a Prosérpina dos Romanos). Perséphone e todas as divindades que eles figuram na qualidade de deusas do destino, que fiam o fio da vida humana na qualidade de protetoras dos trabalhos femininos são munidas de uma “roca” (emblema da atividade doméstica). Restam-nos alguns documentos antigos mostrando que as “deusas” se ocupavam em fiar. Vemos isto nos vasos pintados da Grécia. Homero nos mostra a roca e o fuso nas mãos das mulheres nobres. Helena recebeu uma cesta de ouro para conservar o fio com o seu fuso de ouro.



Figura 36 - Scaramouche, personagem da Commedia dell'arte. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Sagun ou sagulum Cad. 34 – Pequeno manto quadrado ou triangular ataché na frente e jogado para trás, que usavam os gauleses. Era um manto curto em pele de cabra ou lã grosseira, manto militar que se dobra em dois prendendo-se por um broche sobre o ombro. Em francês é o saie ou sayon – manto quadrado cobrindo os ombros como uma pelerine.

Saio Cad. 6 – Antigo e largo vestuário com fraldas e abas. Antigo casacão militar.

Saio Cad. 7 – Antigo e largo vestuário com fraldão e abas. Antigo casacão de militares prov. Minh. O mesmo que véstia (do latim sagum).

Sari (cidade persa) Cad. 1 – Capital de Mazenderán sobre o Tedjan, tributário do Mar Cáspio.

Sari Cad. 1 (do neo-árabe sadi) (traje indiano) – Espécie de xale, usado pelas mulheres parsis e cristãs da Índia.

Sarraceno ou Mourisco (Turban) Cad. 34 – é um termo geral que provém de duas palavras árabes que significa “filhos do deserto” e compreende os Persas, otomanos turcos, árabes e mouros da Espanha e Norte da África, Sarraceno ou Mouro é o nome geral dado ao mulçumano ou maometano da Europa e do Norte da África. A representação da figura humana era interdita pela religião maometana. Por isso a documentação de seus trajes não pode ser conseguida antes da Idade Média da Europa. Foi então que os ilustradores primorosos persas e um abandono das antigas crenças produziram cenas de sua vida diária em ricos tecidos persas dos manuscritos e em cerâmicas. A magnificência do Império Sarraceno era inspirada pela mais antiga e mais rica cultura da Pérsia, atingindo o auge no luxo e na erudição nas extremidades dos reinos da Espanha e Pérsia. O período da ocupação moura na Espanha que durou oito séculos, findo em 1492 é conhecido como Hispano Mourisca. O homem quanto a barba, bigode e penteado seguia a moda europeia. O penteado masculino, consistia como hoje, no turban, enrolado em volta da cabeça ou sobre uma coroa ou carapuça, o alto bonnet ou taj (carapuça). Tem também um pano drapeado de cabeça com lenço de pescoço. O turbante de origem obscura oriental é notado como um particular estilo head-tire (adorno de cabeça) usado pelos homens de fé maometana

essencialmente uma écharpe de fino linho, algodão ou seda dobrados em volta a cabeça. Dulband era o seu nome persa significando uma faixa. O nome inglês deriva de turband, toliband ou tulipant, todos derivados da flor tulipa, sugerida pelo desenho das dobras. Um detalhe importante é enrolar o turbante deixando a testa nua, de modo que quando prosternado para a prece a cabeça do que reza toca o chão. É considerado um crime nos países maometanos um descrente usar o turban. O turban varia em feitio, tamanho, dobras e cor de acordo com o grau de categoria, raça e localidade. A simples peça de tecido varia de 20 a 30 polegadas de largura e 6 a 9 polegadas de comprimento. Maometanos descrevem 66 tipos diferentes. A questão teológica de controvérsia gira especialmente em climas quentes de quão cedo depois da oração a écharpe pode ser removida. A carapuça é geralmente usada no trabalho. Tanto os homens e as mulheres maometanas usam o tarboosh árabe de feltro sem aba, um gorro ou barrete de origem grega. O egípcio enrola uma écharpe em volta do tarboosh e algumas raças hindus drapeiam em volta ao Kullah – o nome persa para o gorro pontudo. Sir Sayyid Ahmad – o maometano nascido na Índia, introduziu o gorro no século XIX. No Afeganistão, a écharpe é enfaixada em volta de um barrete cônico e que o indú enrola sua écharpe a sua cabeça raspada. Algumas raças da Índia usam o turban já pronto. Na mesma categoria como o tarboosh, pode ser colocado o fez e a Chéchia, variando levemente na forma. Chéchia – é o nome para o berbere tashashit ou carapuça que tem uma borla. O fez turco, comumente vermelho e com uma borla azul ou preta, obteve este nome de Fez, cidade principal de Marrocos. É suposto que a cor carmesim sombria é produzida pelo suco de um grão que crescia na vizinhança de Fez e que não se encontrava em lugar mais nenhum na terra; mas recentemente o red cap (barrete vermelho) é com sucesso feito na França e na Turquia. Quando os turcos conquistaram Constantinopla em 1453, eles adotam, com modificação o traje bizantino incluindo o barrete grego. Mas os toucados dos seguidores de Maomé, o turban era drapeado em peças em volta do barrete, assim significando “right of conquest”. Uma pintura com indicação do século XVI diz-nos que o turco “cujo turban” é sempre muito limpo usava uma larga forma de chapéu de feltro sobre seu turban quando ia na chuva. O reformador Sultão Mahmud do começo do século XIX decretou o turban não obrigatório, mas o solidéu carmesim foi mantido. Depois

da primeira Guerra Mundial em 1923, Turquia sob Mustafá Kemal, decidiu ser uma nação moderna e proclamou ela própria a sua República. O código maometano de leis foi abolido e em 1925 a forma Ocidental de vida foi adotada. O traje nacional da mulher e do homem foi proscrito, tomando com isso a carapuça (solidéu) dos vários séculos. Pérsia seguiu em 1928 adotando roupa ocidental para homens e em 1936 para mulheres.

Sayon Cad. 7 – Sorte de casaca de guerra dos gauleses que se continua a usar na Idade Média = saio.

Sayon Cad. 7 – Sorte de casaque de guerre dos Gauleses, que se continua a usar na Idade Média embaixo da armadura. Os sayons eram de lã. De couro e de malha. Os cavaleiros a faziam descer até a barriga da perna, os de infantaria até os quadris. O sayon se tornou a “cotte de mailles” ou o “haubert”.

Shakespeare (Drama) Cad. 22 – Dormiam de smock de linho do século XVI bordado em seda de cores na gola e na barra e nas aberturas laterais (para alta classe). Usavam os stomachers e as coifas douradas, stomacher ou placard é uma espécie de escudo usado sobre o abdômen. As cores tinham muito simbolismo. O cinza era muito usado porque sendo neutro se prestava a toda a espécie de bordado colorido. Comumente a saia era aberta na frente deixando aparecer o forro ricamente bordado às vezes. Sapatos de mulher eram os chopines. Para os homens as botas ou meias “venezianas”, espécie de calça justa e até o joelho (era mais uma bota). Calças bombachas curtas. As camisas dos homens com ricas rendas grossas. O verde era a cor do amor por isso só os jovens deviam usá-las. Cintos ricos em relevos dourados e coloridos com “hanger”, espécie de cauda de pavão nos bordados. Os homens usavam jalecos pontudos na frente, botas com canon de rendas até os joelhos. Muitas fitas, golilla de renda e altos punhos. Corpete acutilado. Cabelos longos. Barba em ponta, bigode. Sempre luvas e espada. Os guerreiros armaduras. Mantos soltos.

Shako Cad. 33 – É a imitação da coiffure dos hussard húngaros que foi criado o Sharo. Passou por várias formas. Sérvio de bolso para diversos objetos e era muito pesado.

Sheer Cad. 6 – Puro, claro, consumado, completo, ligeiro, numa vez, de um golpe.

Smoking jacket Cad. 6 – Casaco de cerimônia.

Snood Cad. 6 – Fita para o cabelo numa donzela.

Socque Cad. 6 – Do latim soccus – sandália. Calçado de madeira alto de 3 a 4 polegadas que usam certos montanheseiros e adotados por certos religiosos. Calçado de madeira e couro adaptado ao calçado comum para garanti-lo contra a umidade. Entre os antigos romanos era o calçado baixo empregado nas peças cômicas. Figurado se diz “brodequin” opondo a comédia a tragédia. “Quitter le socque pour la cothurne”. Sceptum – insígnia dos reis e soberanos imperadores. Consiste em uma vara de ouro ou de matéria rica, luxuosamente adornada. De madeira recoberta de prata, pintado ou dourado usam os capelães em certos atos da Igreja e os deputados e mordomos das confrarias. Na antiga Grécia os viajantes levavam o skeptron bordão de altura de um homem, com que se apoiavam ao andar e como nos primeiros tempos de sua história eram os anciãos que governavam seu bastão chegou a ser a insígnia de soberania. Os magnatas egípcios, assírios e persas, aparecem com grandes bordões mais ou menos decorados e preciosos que simbolizam a autoridade. Também se representavam certos deuses providos de cetro. Júpiter, Juno, Amon. O cetro romano tinha no alto uma águia, quando imperou o cristianismo se substituiu por uma cruz.

Sombrinha Cad. 22 – A sombrinha ou o parasol como lhe chamavam outrora as nossas avós foi introduzido na França como muitos outros objetos de luxo, foi Catarina de Medicis em meados do século XVI. Como todos os objetos de enfeite; a sombrinha, nas finas mãos de uma mulher, torna-se objeto gracioso. A sombrinha é o “pêndulo das graças”.

Sotaina Cad. 6 – O mesmo que batina de padre.

Sous-pied ou Soupied Cad. 6 – Bande de couro ou de tecido que passa sobre o pé e se prende embaixo de uma polaina, ou de cada perna da calça. Não se usa mais polaina de soupied senão para montar a cavalo.

Stays Cad. 6 – Justilho, espartilho, corpete.

Steeple Cad. 6 – Torre, campanário, alta chaminé steeple headdress = o alto hennin.

Swagger-coat Cad. 6 – É um Sport cloth largo, solto, com cavas profundas em corte oval ou quadrado, geralmente em tweed. Swagger top coat. Em inglês.



Figura 37 - Turco. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Tabard Cad. 6 – Casaco sem manga, curto, bordado dos escudos do portador por isso a expressão “coat of arms”.

Tabard Cad. 7 – Tabardo dos antigos, vestido longo, utilizado na idade Média para o frio. Sobre a armadura como a housse que no século XIII, mesmos os oficiais civis a usavam. Era um sourtout flutuante, curto e seu cinto, aberto e redondo para passar a cabeça. Unindo só dois lados. No século XV o tabard é usado sobre as armas mais ou menos igual à “cotte d’armas”. Coberto de armoriais os arautos usam chamado “dalmática”.

Tabardo (port.) Tabard (francês) Cad. 7 – Casaco, ou melhor capote antigo de capuz e mangas – prov. Minh. tabardilha – pequeno tabardo.

Tail coat Cad. 6 – Ou dress coat (tail=aba).

Tcharchaf Cad. 1 – Duas saias, a de cima, mais curta aberta na frente sobre a cabeça e presa embaixo do queixo. Um quadrado de peça escura de seda ou musselina presa naquela por alfinetes, caindo sobre o rosto. Outras preferem o Yashmach.

Tênue – Vestido.

Tênue Cad. 10 – Vestido uniforme do traje militar grande tênue. Traje de parada; petit tênue o traje de serviço comum. Tênue de sortie, tênue de serviço, tênue de corvée. Tênue de campagne.

Terêdjè Cad.6 – Entre os turcos e os Kurdos primeira vestimenta externa com gola e mangas longas em drap, guarnecida de pele que é usada no inverno pelos altos personagens. São feitos mais leves para o verão. Segundo longo manteau sem cintura que as mulheres metem sobre o seu traje. No Egito se chama fereghié.



Figura 38 – Terêdjè. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Tinsel Cad. 6 – Ouropel, lantejoulas, brocatel, vistoso sem valor, superficial.

Tire-bouchons Cad. 7 – (anglaises) = cacho em espiral.

Toge Cad. 7 – Veste talar que usavam os Romanos, túnica.

Toilette – Pano de embrulhar, enfeite, ornato, toucador.

Toilette Cad. 10 – Designa o ensemble da vestimenta feminina, elegante e luxuosa. Toilette de soir, de été, toilette de interior etc. Vem da peça de pano, bordado a mão que as mulheres estendiam sobre uma mesa para se pentear e sobre a qual se punha um espelho etc. Do pano passou ao móvel.

Toilette – toalha de renda.

Top coat Cad. 6 – Sobretudo.

Toque Cad. 6 – Coiffure de pano, sem aba, ou com aba muito pequena, e constantemente plissado toda em volta – toque de magistrado. Linge de channe (?) ou de linho donde as religiosas do Saint-sacrament se cobrem as espáduas e a garganta. Arqueologia – espécie de mousseline de algodão que se importava da Índia na França nos séculos XVII e XVIII. Espécie de bonnet em forma larga e redonda montada sobre “entrada” carneira, que se usa sobretudo no século XVI.

Toquet Cad. 6 – Pequeno toque.

Tortil Cad. 33 – Diadema em cabeça de mouro, godrons, pregas redondas no punho e na gola.

Tricorne (o tricórnio) Cad. 7 – O chapéu de feltro sob Luiz XIV, depois de ter as abas levantadas e ligeiramente enroladas, tinha um dos bordos suspensos e preso na forma como sob Henrique IV; mas este bordo em vez de se dirigir sobre o centro, se levantou um pouco do lado esquerdo. No chapéu militar, esta forma se acusa, e se dirige 2 lados do chapéu. No fim do século XVII eleva a terceira e desde este momento, o tricórnio foi completo. O chapéu de feltro sob a Regência tinha a forma de sino, e os bordos levantados faziam levantar os três lados tão altos (trois cornes). Sob Luiz XV a forma do chapéu se abaixa pouco a pouco e o tricórnio vem a ser com bordos chatos, ao ponto que o chapéu de abas com calotte mole (copa mole) não tinha mais espaço do que o de um caderno. Sob Luiz XVI o chapéu à la Suisse tinha um corno anterior levantado verticalmente, os 2 cornos laterais muito alongados e o bordo posterior achatado sobre a forma. Foi desta forma que vieram os chapéus à lampons ditos “chapeaux lampions”. Sob a revolução e o Império, os chapéus e os côrnos dos soldados se põem de “viés” para não incomodar o manejo do fuzil posto em fogo. Os oficiais o usam “en colonne”, isto é, com o bico para frente e pra trás. Em vez de o usar o “en bataille”.

Tricorne Cad. 22 – Influência pessoal de Luiz XIV. Ele baniu o feltro a mosqueteiro e todos os gentis homens de sua corte começaram usar um feltro redondo e muito alto, com abas médias, mas sempre soberbamente enfeitado de plumas. No fim do reino de Luiz XIV, as abas foram quebradas em 3 lados dando o nascimento ao tricorne ou lampion. O chapéu tricorne ou “lampion” foi o chapéu essencial do

século XVII, foi só tempo da anglomania que alguns preferiam o chapéu redondo “jackey ou jockey”. Mas o tricorne ficou sendo a coiffure de cerimônia.

Trois Gouttières Cad. 7 – No fim do século XVII suspendem-se o 3º lado do chapéu que já tinha 2 lados levantados então ficou completo o tricórnio (tricorne). O feltro do chapéu sob a Regência tinha a forma de sino e as abas bem levantadas se alteravam em 3 chifres (côrnos) bastante altos. Sob Luiz XV o tricorne (era chato) o “chapéu de bras”. Portanto o da regência com os cornos altos se chamam “trois gouttières”.

Tule Cad. 22 – (M.V.) Inventado na Inglaterra no século IX. Mecanizado em 1810. Entre os pseudo-tecidos, o tule é o mais delicado e o mais valioso sob o ponto de vista industrial. Incontestavelmente é o primeiro entre os tecidos transparentes. Sua fabricação é bastante difícil e obtida por teares muito complicados. Antes de aparecerem esses teares, era o tule fabricado à mão. Por muito tempo supôs-se que esse tecido fosse de origem francesa. Mais tarde constatou-se ser ele uma criação inglesa do século IX. Em todo o tempo foi considerado uma espécie de renda de fabricação difícil, e por essa razão sempre foi vendido por preço muito elevado, o que o tornou um tecido privativo dos grandes senhores. Os industriais desde 1768, procuraram construir um tear que produzisse esse tecido, mas só em 1810 é que foi possível produzi-lo mecanicamente de malha semelhante à feita manualmente. O tule (filó) mecânico foi produzido em Calais em 1810. Os bordados sobre tule apareceram no tempo de Napoleão I. As malhas eram hexagonais. Era aplicado o filó sobre filó com fio metálico (cortinas, vestidos). Mais tarde as cambraias eram aplicadas. Depois começaram a bordar o tule fingindo renda verdadeira, com pontos antigos. Em 1840 bordava-se lamê dourado e prateado sobre tule. A Bélgica contribuiu muito (toalhas, mantilhas, altar etc.). Primeiramente eram feitos à mão esse trabalho sobre o tule. Depois à máquina.

Túnica Cad. 10 – A túnica grega é o Khiton com ou sem cinto, longa para as mulheres, curta ou longa para os homens (ver khiton e khlamyde). As mulheres adotaram a túnica de linho justa de 3m a túnica iônica com repli (dobra, prega) e com diversos manteaux. Em Roma, a túnica laticlave com duas

bandas estreitas de púrpura, usada pelos senadores, era ornada de duas bandas de púrpura, insígnia de suas funções. Os cavaleiros usavam a angusticlave com duas bandas estreitas de púrpura. A túnica feminina era uma banda vertical do pescoço à base (à barra) chamada patagium. No costume militar moderno, a túnica foi levada pelas tropas da África, ajustada à cintura e com a saia plissada. Nos nossos dias a única militar é curta e seus panos são apenas évasés. É a túnica a vestimenta litúrgica do subdiácono.

Túnica Cad. 6 – Vestuário antigo comprido e ajustado ao corpo. Dos Romanos.

Turban Cad. 22 – O turban usado pelos hindus e frequentemente pelos mulçumanos tem geralmente 9 a 12 polegadas de largura e 15 a 25 jardas de comprimento. Mais frequentemente tecido com 60 jardas de comprimento com largura proporcional. Com bandas de ornamentação de ½ polegada até várias polegadas de largura. Estas bandas ornamentadas são tecidos. Atravessados na extremidade das peças e frequentemente acrescidas com estreito debrum ou baixo ao longo da peça. Tarbouche em turco, ou bouch coiffure de turcos e dos gregos, consistindo numa espécie de bonnet vermelho com borla de seda azul.

2

Uncial Cad. 6 – Diz-se de uma escrita romana em letras capitais de grandes dimensões (vem do latim Uncialis). Diz-se também de uma escrita menor derivada da precedente e empregada a partir do século IV ao VII e depois do século IX. A semiuncial, era menor que a uncial ordinária.



Figura 39 - Viking, desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Vair Cad. 22 – É uma pele cinza e branca, usada antigamente. Era formada do dorso cinza e dos ventres brancos alternados do écureuil, que no século XVII se chamava esquilo de Holanda ou petit-gris. Quando a pele era formada unicamente das costas, chama-se “petit-gris”. Distingue-se o “gros-vair” e o “menu-vair”, conforme o tamanho dos quadrados em heráldica nos escudos. Na Idade Média, os mantos do rei, dos presidentes à mortier, dos conselheiros da corte eram formados de “vair”. Os decretos, ou éditos suntuários, proibiam o uso de vair para certas pessoas, notadamente as cortesãs.

Veludo Cad. 34 – Antigamente, veluian, nome vindo de villosus, velu (que tem pelo). Tecido liso de um lado e coberto de outro de pelos em pé muito juntos, mantido por fios de tecidos e cortados em escova. Conforme o número de pelos reunidos e em pé, o veludo é chamado de dois, três ou quatro pelos. Chama-se veludo liso (velous plain) quando sem figuras ou listras.

O velours de Utrecht em lã de pelo longo e com figuras é utilizado para móveis.

O velours figure tem desenhos sobre o fundo.

O velours cannelé (com estrias) tem listras veludas alternando com listras acetinadas.

O velours épingle não tem bordas cortadas.

O velours miroir é rigorosamente liso.

O velours ciselé forma desenhos veludosos com fundos salpicados.

O veludo se faz de seda, de lã, de algodão, de linho, de cânhamo e de juta.

O velours frappé se fazia sobretudo para móveis e era obtido por meio de esmagamento do ferro quente para constituir uma ornamentação; com a umidade o pelo se levanta e torna a ser veludo liso.

Chama-se peluche um veludo de pelo comprido e meio deitado. O panne é um veludo de pelos mais raros e mais deitados.

O veludo foi antigamente fabricado na Índia. Era na Idade Média um tecido de grande luxo, importado do Oriente por meio de Gênova e Veneza. Em 1536, alguns teares se instalaram em Florença, Milão, Genebra e também em Lyon e esta indústria especializada tomou rapidamente em França um voo considerável. Desde a revogação do Édito de Nantes em 1685, os fabricantes que pertenciam em

grande maioria à religião reformada se expatriaram, e foi assim que essa indústria passou nessa época para a Alemanha e para a Holanda.

Velours Maurienne – Grosso tecido que se fabricava em Savoie.

Velours uni – Tecido de lã moderna.

Veloutine – Tecido de seda do séc. XVIII. Comumente era bordado com desenhos em ouro e prata.

Velouian – Antigo nome do veludo na Idade Média.

Velverette – Veludo de algodão.

Velvet – Espécie de veludo de algodão, da palavra inglesa “velvet” – velours.

Vestido Cad. 22 – O vestido, desde a antiguidade é o vestuário por excelência da mulher. 1. Na Grécia as mulheres usavam o Kiton, comprido ou duplo – kiton (kolpos) harmoniosamente drapeados. 2. Em Roma, as mulheres usam a túnica stola, muito semelhante ao duplo kiton. 3. Na Idade Média e nos tempos mais modernos o vestido passou pelas formas mais variadas, seguindo os caprichos da Moda. Cotte era o nome do vestido justo da Idade Média. 4. No século XII, cottehardie é justíssima e tem longas caudas – moda gótica. 5. Em Bizâncio usam a dalmática (dois sexos). No tempo dos primeiros Valois, começa a Moda de saias recortadas e abertas. 6. Na Renascença – robe, no Barroco também. As caudas dos vestidos são muito longas enquanto os corpetes e as mangas se ajustam mais. 7. Barroco manteau é corpete com cauda da mesma cor em veludo, em tecido diferente da saia. (O vestido feminino compõe-se além da vasquinha de um pequeno corpete sem mangas de talha justo e um saiote de lona em forma de balão; os manteaux completavam os trajes.) Manteau também se chama no estilo Império. 8. No Diretório, túnica. O vestido tornou-se uma espécie de capa justa ao corpo e arrastando; mas no reinado de Luiz XIV a moda retorna aos talhes justos ao corpo, vestidos longamente abertos e decotados. 9. Em Luiz XVI – camisa (chemise à la reine). Predominam os vestidos de “anquinhas” com corpetes que apertavam com varas de baleias. 10. Depois da Revolução, as anquinhas desapareceram. 11. O vestido Diretório, de talhe muito subido, de saia solta, reproduz os trajes antigos, compridos e de arrasto. 12. No século XIX, é impossível enumerar todas as transformações por que tem passado o vestido que, em virtude dos acidentes da moda, é uma vez

largo e aberto (restauração), e sobrecarregados de fitas e ornamento (Luiz Felipe); formado com auxílio de várias rodas de crinolina (segundo Império) ou pelas “tournures” (1887); outras vezes retorna ao aspecto de uma simplicidade maior com os penteados soltos ou justos, transformando-se em forma de balão ou em talhe curto e ainda encurtados, desde os tornozelos até o meio da perna.

Véu Cad. 22 – Tecido destinado a cobrir ou proteger: cobrir uma estátua com um véu. Peça de tecido transparente, de renda, de seda etc., com que as mulheres cobrem o rosto. Peça de tecido fino que algumas religiosas e noviças prendem na cabeça e com que cobrem o rosto. Poeticamente: vestuário considerado como próprio para ocultar uma parte do corpo. Por extensão: objeto que cobre, que esconde; um véu de nuvens, o véu diáfano da fantasia. Obscuridade, objeto que a produz: o véu da noite. Aparência, pretexto: sob o véu da amizade. Aquilo que nos encobre ou esconde o conhecimento de alguma coisa: a ciência cada dia levanta um pouco o véu que nos oculta os segredos da natureza. Véu da morte, últimos momentos da vida. Véu da noite, as trevas. Tomar o véu: fazer-se religiosa. Anatomicamente: véu do palato ou véu palatino, parede músculo membranosa que continua a abóbada palatina e que separa da boca as fossas nasais. História religiosa: grande véu que no tempo dos Judeus, separava o Santo dos Santos do resto do edifício. Liturgia: pano com que se cobre o cálice durante uma parte da missa. Amargura.

Véu Cad. 1 – Em contradição com a crença geral, até mesmo entre as mulheres, essa reclusão das mulheres não é uma lei mulçumana, nem um hábito do Islã: o véu foi usado em muitas nações do Oriente e do Ocidente, antes de ser usado pelo Islã, que ainda não existia. A mulher beduína, árabe, desde os dias de Maomé até agora nunca usou véu. Até bem pouco tempo as mulheres do Iraque usavam véu, tanto as mulçumanas, como as cristãs e judias. (*Ainda Sophia pode ver em Bagdá, em agosto de 1955 muitas mulheres completamente veladas, assim como no Egito e em Damasco, onde eram vestidas totalmente de preto. Quando estive na aldeia de Jericó, ouvi de um intelectual árabe uma história que tinha sabor de lenda, mas bem pode ser verdadeira, que as romanas que vinham tomar banho no Mar Morto, cuidavam muito da pele e como aquela região a 400 metros abaixo do*

nível do mar é bastante quente, as elegantes protegiam-se dos raios solares.) Quem não dirá que o uso do véu não vem dos primeiros cristãos? Que no início precisavam se ocultar?

Véu Cad. 1 – A arte de se cobrir o rosto com véu é mais antiga do que o pudor e a *coquetterie* das mulheres e talvez do que o ciúme dos maridos. Licurgo decidiu em Esparta-Grécia que as moças saíssem de rosto descoberto e que as mulheres casadas com véu, a fim de que as filhas encontrassem um marido, mostrando o rosto e as mulheres guardassem o que eles já tinham, escondendo o rosto para se garantirem contra os homens seduzidos pela sua beleza. Plutarco nos relata que Licurgo decretou isto. A primeira dessas razões não tocou aos árabes, entre os quais as moças a partir da infância, são escrupulosamente “veladas” e o marido que as toma, obrigado a se fiar nas informações das matronas: não conhecem o rosto de sua esposa senão depois da cerimônia, o que torna curto todos os romances. O hábito de aparecer em público com véu sobre o rosto parece que teve nascimento nos hábitos poligâmicos do Oriente. O véu existia na Índia desde a mais alta antiguidade. Segundo o que nos contam os Sutras budistas, a bela Gopâ, depois de ter esposado o futuro Buda, tomou a resolução de não mais usar o véu apesar da exigência do seu uso:

“As mulheres, dizia ela, que dominam suas paixões, domam seus sentimentos e sua inteligência, satisfeitas com seus maridos, não pensam jamais num outro, e podem aparecer sem véu, como o sol e a lua. Os deuses conhecem meus costumes, meu comedimento, e minha modéstia. Por que então terei em de cobrir o rosto?” (Fonte não identificada)

As mulheres israelitas usam véu. Na bíblia, no Genesis, Rebecca cobre o rosto quando percebe Isaac, e Tamar quando ela quer tentar Judá. Entre os gregos, o véu é um emblema da mulher casada. Helena aparece diante da Assembleia dos Troianos com a cabeça coberta por um “véu mais branco do que a neve”. E Penélope se apresenta velada diante de seus pretendentes. Um deles lhe oferece um véu magnífico, preso por 12 anéis de ouro à guisa de alamar. Na Theogonie de Hesíode, Minerva completa com um véu a toilette de Pandora.



Figura 40 - A Calyptra. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

A calyptra – do grego Kaluptra, que quer dizer véu, era um antigo véu de linho com o qual as mulheres da época homérica cobriam o rosto em sinal de luto, para não serem reconhecidas. Envolvia o rosto deixando só os olhos ou só um olho descoberto. Esse uso se conservou no Oriente. As estatuetas de Tânagra representam as gregas envoltas em véus. As romanas cobriam às vezes o rosto, como nos mostra a estátua da matrona “Pudicícia”. Mas logo que elas gozaram de uma certa liberdade fizeram do véu uma espécie de *coiffure* (tocado) dos quais análogos ainda existem hoje no mezzaro de Gênova e na mantilha das espanholas. Tácito diz de Pompeia: “Ela aparecia raramente em público e sempre com o rosto meio velado “demi-voile”, fosse para excitar a curiosidade, fosse para que ela parecesse mais bela”. Em Roma, os casamentos exigiam que a *jeune fille* tivesse a cabeça coberta por um véu, e isto será mais tarde, segundo Jestus a significação do nome nocēs (nuptiae a nubere), formalidade cujo símbolo se perpetuou até nós. O Cristianismo nascente fez do véu uma obrigação de modéstia para as mulheres. “Todas as mulheres que rezam”, diz São Paulo, “sem ter a cabeça coberta de um véu, desonram sua cabeça”. Tertuliano, não menos severo, declara que toda a virgem que se mostra se expõe a não ser mais; ela cessou de ser virgem. Na época Carolíngia, os regulamentos dos Concílios impõem às mulheres a obrigação de não se apresentar à comunhão e mesmo de não se apresentar ou entrar na Igreja senão de véu. Agora ainda em Roma durante as cerimônias da Semana Santa as mulheres não são admitidas na Capela Sistina senão de cabeça coberta por um véu. O

catolicismo manteve para as religiosas enclausuradas a obrigação de esconder seus traços por um véu, pois elas são reputadas como se tendo tornado as “esposas do senhor” e a expressão “tomar o véu”, vem a ser para elas sinônimo de entrar para a vida monástica. O véu, ou melhor, a “voilette” não é mais que quase nada, um ornamento para as mulheres dos nossos dias, emancipadas pela civilização; mas nos países muçulmanos, a tirania dos costumes poligâmicos continua a impor com rigor a obrigação de sair à rua com véu. Os turcos de Constantinopla, pervertidos pelo exemplo dos cristãos e desejados de gozar das mesmas liberalidades, tiveram há pouco tempo a veleidade de rejeitar o martírio do véu. Mas um decreto do governo lhes lembra as conveniências dele, com estas considerações:

Visto que, pela lei do Alcorão o véu é imposto às mulheres muçulmanas e que a obrigação de o usar é absoluta; visto que não obstante um bom número de mulheres não observam esta prescrição no seu curso na cidade e através dos bazares, bem como nos lugares de passeio; atendido que ele é constatado que elas passeiam em trajes ridículos incompatíveis com a moral, o pudor, os usos do país e a castidade islâmica; visto que estas exhibições escandalosas são vistas com desgosto pela gente honesta e virtuosa... uma ordem especial de sua majestade o Sultão, prescreve de punir, conforme a lei, toda mulher que for vista numa atitude, num modo de trajar ou numa maneira de ser contrária as prescrições do Alcorão e da Moral”.(Fonte não identificada)

Mas por toda parte onde os costumes do uso do véu são exigidos, as mulheres mais desejosas de deixar entrever sua beleza do que de observar cuidadosa as conveniências, souberam por um compromisso sagaz, astuto, conciliar a compostura oficial e a invencível *coquetterie*, adotaram para cobrir o rosto os tecidos mais finos e mais transparentes quanto elas puderam. Dos nossos dias as rendas, as blondes, filós e musselinas que elas procuram de preferência para este emprego, tornam ilusória a instituição moralizadora dos véus e isto que as damas se dignam ainda de pôr às vezes sobre o rosto, é mais um adorno hipócrita, próprio a irritar ou excitar os olhares dos homens, do que um obstáculo capaz de os inibir. Mencionamos, como singularidade única, o costume bizarro dos Touaregs do Sahara de cobrirem o rosto com um véu negro, uso que para os homens, não pode nem de leve ter a *coquetterie* como causa. Deve-se explicar pelo desejo de evitar as ofensas e danos do *simoun* e amortecer a luz muito crua do deserto e talvez mesmo assegurar as vantagens do “incógnito” aos saqueadores. Alguns ingleses experimentaram ajustar as “voilettes” ao chapéu. Mas a Moda ainda

não as tomou. Talvez para o futuro. Para as “amazonas” do Hyde Park de Londres os grandes véus em volta do pequeno chapéu masculino é uma questão apenas de estética que amplifica num gesto esvoaçante e romântico a graça das lindas cavaleiras. O véu foi usado em muitas nações do Oriente e do Ocidente antes de existir o Islã.

Em contradição com a crença geral, a reclusão da mulher não é uma lei muçumana. Não é uma lei do Alcorão, ou uma criação de Maomé. Este na realidade exigiu que a sua filha predileta – Fátima, linda e leviana não excitasse os homens pela sua beleza perturbadora. Assim ele pôde evitar que Ali, seu primo, dela não se divorciasse, pois Maomé predispunha as coisas de maneira que seu primo e genro continuassem as suas obras. Exigindo que Fátima usasse o véu, Maomé politicamente fez dele um uso para todas as mulheres. A mulher beduína nunca usou véu desde os dias de Maomé até hoje. Por lei, foi abolido o véu para as mulheres maometanas em 1928; no entanto, elas continuaram a usá-lo, em tecidos muito transparentes para sugerir mistério e porque as dirigentes aconselham chamando o Alcorão em testemunho do egoísmo masculino. A reclusão da mulher tem sido o maior entrave nas comunidades muçumanas para o desenvolvimento feminino. O véu foi adotado da Europa Medieval e só foi usado no Ocidente pelas classes médias e altas. Véu da mulher muçumana que toda gente pensa vem da religião de Maomé. Como os árabes gostavam da violência, Maomé com seu alto tino político considerou-o coisa sagrada. Assim todo o movimento maometano que procurara de início converter com a “verdade abstrata” transformou-se num crescente militarismo religioso. Deu a esta nova religião o nome de “Islam”, que quer dizer submissão. Pouco depois do começo desta guerra no ano 632, Maomé morreu. Os partidários de Maomé prosseguiram no seu movimento de expansão e conquistaram a Arábia, Egito, Palestina, Síria, Babilônia e Pérsia, toda a Costa Norte da África e quase toda Europa. Mais tarde entraram no interior da França.

O véu – O véu da mulher muçulmana, ao contrário do que se supõe, não é lei do Alcorão nem imposição de Maomé. Ele o sugeriu a sua filha predileta Fátima.

- A mulher beduína nunca o usou.
- Usou-se o véu em Esparta como distintivo da mulher casada: Licurgo.

- As romanas quando iam tomar banhos no mar Morto, que gozava de grande prestígio de fazer a pele boa, enrolavam seu rosto em espessos véus que lhe protegiam do calor, pois as cidades ali estão a 400 metros abaixo do nível do mar.
- As primeiras cristãs adotaram os véus talvez mesmo para se disfarçarem.
- Os próprios homens do Sahara se defendem do sol causticante com véus espessos e evitam as ofensas e danos do simoun. Ou talvez para garantir o anonimato aos saqueadores.
- As turcas de Constantinopla só há bem pouco tempo deixaram por decreto de usar véu, mas o sultão aconselhava obedecer ao alcorão.

Vest Cad. 6 – Camisola, jaleco, colete, jaqueta antiga, vestido, traje.

Velum Cad. 7 – Toldo grande que cobre um anfiteatro, um vasto espaço.

Vertugadin Cad. 6 – (do espanhol verdugado, baguette) sorte de círculo que as mulheres usam em volta dos quadris para fazer bufar a saia. O vertugadin era primitivamente vertugale, depois vertugade. Foi na moda do século XVI ao XVII. Era uma saia endurecida sobre uma armadura de ferro e formando um cone ou sino. Em 1563 foi proibido lhe dar mais de uma “aune” de diâmetro. Desenvolveu-se sobre Henrique III, e mais ainda no começo de Louis XIII antes de desaparecer. Ainda na Espanha tomou o nome de garde-enfants e se tornou uma curta crinolina de grosso tule engomado, vestido por uma carcasse de ferro, cuja amplitude era de tamanho de uma roda de carruagem.

Vertugadin Cad. 22 – Original da Espanha.

Vertugade – Adotado na França por Claude de France, primeira esposa de Francisco I, que reinou desde o seu casamento em 1514 com seu primo Francisco I até a sua morte em 1524. Na Espanha se chamava vertugado. A adoção deste acessório da toilette, que durou três séculos, com suas variantes, será uma fonte de inspiração. A vertugade criou a vertugadin, os paniers e a crinolina. A vertugade ou vertugale, mais tarde vertugadin, era uma saia de baixo, jupon, de grossa entretela (canevas)

recoberta de uma barra de tafetás espessos, às vezes armado embaixo por um anel de vime ou junco, o que alargava a saia na sua parte inferior. Sua forma era cônica e ela se prendia à cintura sobre o pano da basquine.

Ela dava à robe, na parte inferior a forma de um cloche. Esta moda incômoda durou mais de 100 anos. A vertugade sob Luiz XII continuava a ser usada porém com o nome de vertugadin. A saia continuava, pois, a mesma em cloche. A grande reforma foi no corsage (corpete). As mangas não foram mais crevées, mas bouillonnées, “rebras” no punho, isto é, grandes manchettes de renda. No decote rabats ou golas. Pela primeira vez no século o busto se mostra sem ser deformado pela robe. Declínio do vertugadin: sabe-se no que consiste o vertugadin do século XVI, espécie de jupon (anágua) em forma de cloche que no fim do século XVI e sob Henrique IV, foi sustentado por círculos de ferro dando à mulher a aparência de estar dentro de um barril ou cilindro. Até 1630 o vertugadin subsistia, mas se modificando. Não mais essa inchação em volta dos quadris, inchação tão desgraciosa que ele tinha no começo e de outra parte ele foi atenuando, diminuindo nas suas duas extremidades e formou ponta. Não foi mais que uma armação achatada. Este efeito (mais sábio) do vertugadin e do corps de cotte (isto é, do corset) e todas as formas gerais nós constatamos nos admiráveis trajes de Isabelle de Bourbon e de Anne d’Autriche, célebre quadro do Louvre “L’échange des deux princesses”.

Vertugadin Cad. 33 – Anquinhas.

W

Wimple Cad. 6 – Touca, véu de freira, flâmula, cobrir com véu, ondear, encorpar-se ligeiramente.

X

Xoanon Cad. 10 – Primitivas estátuas gregas de madeira. Xoanon = singular. Xoana = plural. Pausânias na sua descrição da Grécia faz referência de mais de sessenta xoana existentes nos santuários quando os visitou no 2º século depois de Jesus Cristo. Todas pintadas, com exceção das cabeças, das mãos e pés cor de carne.



Figura 41 - Yemanjá. Desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.

Yelek Cad. 51 – Longa veste parecida com o caftan usado pelas mulheres egipcianas.



Figura 42 – O Yelek. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.

Yelek ou ieleque – Vestuário comprido semelhante ao caftan que é usado pelas mulheres egípcias.

Yeoman – Pequeno proprietário na Inglaterra. Peão. Oficial inferior da casa real. Yeomen da guarda, veteranos, trajando a moda do século XV, que figuram nas cerimônias reais.

Yeomanry Cad. 6 – Conjunto de yeomen. Na Inglaterra, cavalaria dos yeomen, que forma uma espécie de guarda nacional a cavalo e serve voluntariamente.



Figura 43 – Yeoman. Desenho de Sophia Jobim. Fonte: Arquivo MHN.



Figura 44 - Zuavo, desenho de Sophia Jobim.
Fonte: Arquivo MHN.



Ilustrações de
Sophia Jobim



No
1

O LENDÁRIO EGITO
I

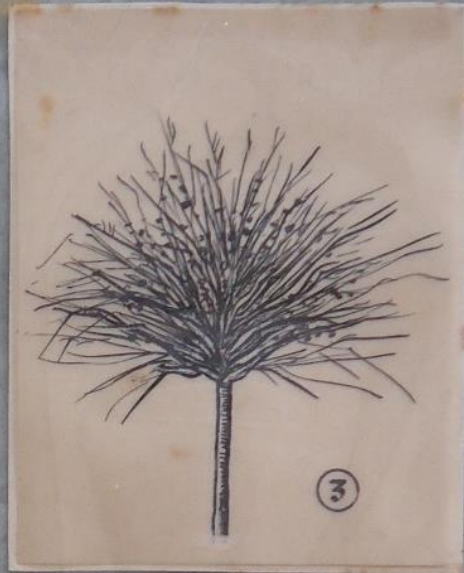
CURSO DE
USOS E COSTUMES
(ESPECIALIZADO)

SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO
Prof. da Escola Politécnica Universidade de Brasil

111.269

SM 1

PAPIROS



① BASE E CAULE. ② BOTÃO ③ FASE FINAL DO CRESCIMENTO.

PAPIROS - PLANTA CIPERÁCEA NATURAL DA AFRICA. CRESCER NAS MARGENS PANTANOSAS DOS LACOS E RIOS. ALASTROU-SE ATÉ O SUDOESTE DA ÁSIA E SICÍLIA. CHEGA À ALTURA DE 3 METROS. COMPÕE-SE DE RAIZES E CAULE QUE É COROADO DE UM TUFO DE FLORES E FOLHAS SUPERPOSTAS. O CAULE ERA UTILIZADO PELOS ANTIGOS EGÍPCIOS PARA A FEITURA DE PAPEL PARA MANUSCRITOS. AS RAIZES SERVIAM COMO ALIMENTO, AS FOLHAS E TALOS PARA FAZER SANDALIAS E TRABALHOS DE TRAMA.

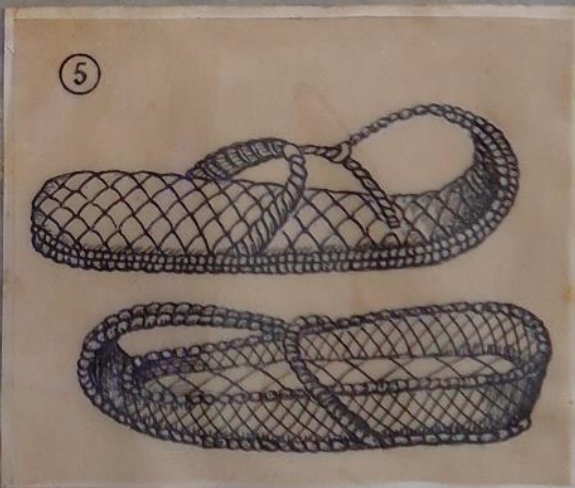


④ LOTUS.

(ESTILIZADO.) PLANTA SAGRADA PARA OS EGÍPCIOS. É O SIMBOLO DO NILO.

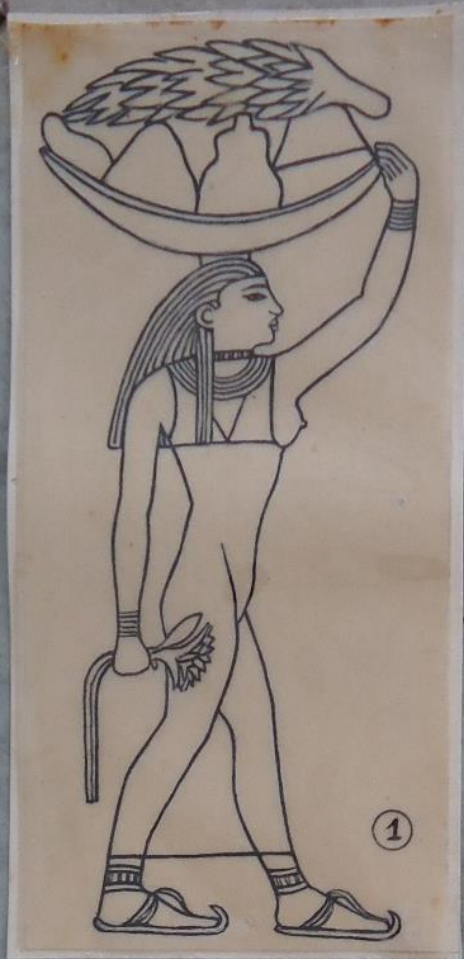
SEGUNDO UMA LENDA, O LOTUS BROTOU DA "ÁGUA PRIMORDIAL" E DE SUA FLOR SURTIU A CRIANÇA DIVINA, O DEUS SOL.

UTILIZADO COMO ORNAMENTO NA ARQUITETURA, CAPITEIS DE COLUNAS, ETC.



⑤ SANDALIAS - TABTEBS.

AS SANDALIAS EGÍPCIAS ERAM FEITAS DE TALOS DE PAPIROS, FOLHAS DE PALMEIRAS OU MATERIAL SEMELHANTE. QUANDO FORMAM PARTE DO TRAJE, SÃO QUASE SEMPRE USADAS POR PESSOAS IMPORTANTES. EM GERAL O EGÍPCIO ANDAVA DESCALÇO. (OS ORIGINAIS DESTAS SANDALIAS ENCONTRAM-SE NO MUSEU DE BERLIM.)



2



① ② ③ ④ CLASSE BAIXA. 4ª, 5ª, 6ª DINASTIA.
(2980-2475.A.C.)



SAIOTE-TANGA



SAIOTE-TANGA FEITA DE JUNCO



SACERDOTE (COM PELE DE LEOPARDO)



① CORÔA DO ALTO EGITO. ② CORÔA DO BAIXO EGITO ③ CORÔA DUPLA (PSHENT)
TIARA BRANCA COM LITUUS, CORÔA VERMELHA COM URAEUS, BARBA CERIMONIAL.



ESCARAVELHO. EMBLEMA DA IMORTALIDADE. PEDRAS-SINETE EM FORMA DE ESCARAVELHO ASSEGURAVAM A BOA SORTE. TAMBEM USADO COMO AMULETO.



INSÍGNIAS DE REALEZA.

④ FALCÃO ⑤ URAEUS
⑥ ANKH (INVARIAVELMENTE ACOMPANHA OS DEUSES. EM SARCÓFAGOS E SEPULTURAS SIGNIFICAVA A IMORTALIDADE DA ALMA.
TAMBEM CHAMADA CHAVE DO NILO E CRUZ DE ALÇA.



⑦ HORUS DE EDFU. REPRESENTADO COMO DISCO SOLAR ALADO
⑧ LOTUS
⑨ ABUTRE REAL (INSÍGNIA REAL DO ALTO EGITO)
O ABUTRE SUSTENTA NAS GARRAS O ANEL DO FARAO.
⑩ E ⑪ TECIDOS.



111.269

SMel



Nº
1a.

**O LENDÁRIO EGITO
II**

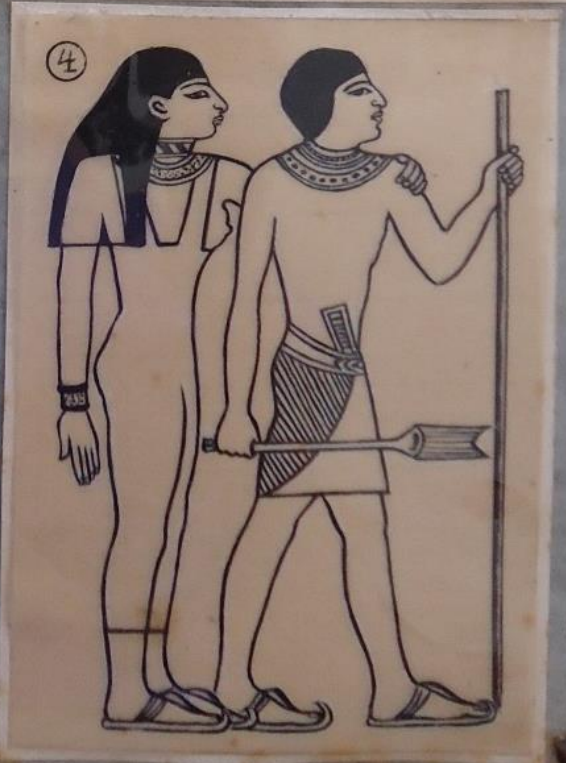
**CURSO DE
USOS E COSTUMES
(ESPECIALIZADO)**
SOPHIA JOHIM MAGNO DE CARVALHO
Prof. da Escola Brasileira de Universidade de Brasília

111.270

542

1

- ① FARAO
- ② PORTA-FLABELIUM
- ③ DEUSA EGÍPCIA (ANTIGUIDADE)



④ PRINCÊSA SEDET E O PRINCIPE NEREB
 USANDO AS ROUPAS TÍPICAS DE PESSOAS DE ALTA CLASSE. (PERÍODO VELHO REINADO) 4ª DINASTIA (2789-2715 A.C.)



① REI PERNES
EM TRAJE DE RIGOR
(5ª DINASTIA)
② DEUSA EGÍPCIA
(ANTIGUIDADE)
③ RAINHA EGÍPCIA
(ANTIGUIDADE)



④ OSIRIS
DEUS EGÍPCIO, IRMÃO E
ESPOSO DE ISIS, PAI DE
HORUS. VENERADO COMO
DEUS DOS MORTOS.
SÍMBOLO DE OSIRIS:
FLAQUELO E CAJADO.



①

① ISIS
DEUSA DA ANTIGUIDADE EGÍPCIA. IRMÃ E ESPOSA DE OSIRIS, MÃE DE HORUS. SIMBOLO DAS FORÇAS PRIMITIVAS. (NATUREZA) REPRESENTADA COM DISCO SOLAR LADEADO DE CORNOS DE VACA SOBRE A CABEÇA.



②

② MECHA OU CACHO DE HORUS
RAMSÉS II - 19ª DINASTIA - (SEGUNDO PRISSE D'AVENNES)
DIADEMA CIRCULAR COM URAEUS ENROSCADA. PERUCA CURTA DA QUAL PENDE A MECHA DE HORUS. TRÊS FAIXAS DEPENDURADAS ATRÁS, NA BASE DA PERUCA.



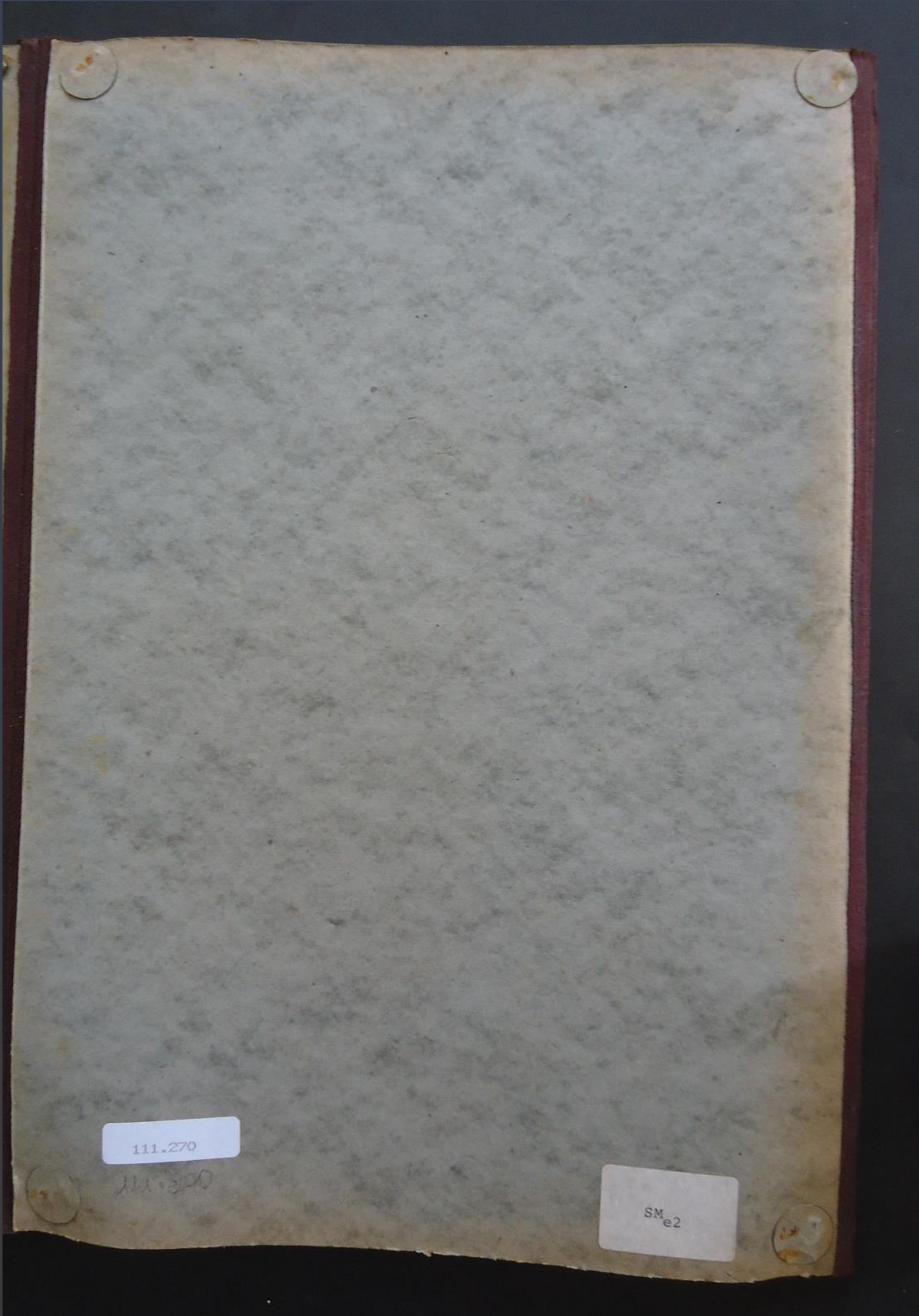
③

③ HORUS, DEUS DO SOL
A LENDA DOS DEUSES EGÍPCIOS SEPARA DIVERSOS DEUSES HORUS. O JOVEM HORUS HARPOCRATES, FILHO DE OSIRIS E ISIS. HORUS MAIS VELHO, HAROERIS, E O HORUS DE EDFU, QUE ERA IMAGINADO COMO DISCO SOLAR ALADO. GERALMENTE HORUS É REPRESENTADO COM CABEÇA DE FALCÃO.



④

④ ANI, O ESCRIBA
FIGURA PRINCIPAL DO CELEBRE "PAPIROS DE ANI". ESTE PAPIROS TEM 78 PÉS DE COMPRIMENTO E 1 PÉ E TRÊS POLEGADAS DE LARGURA. NA 5ª. E 6ª. DINASTIA FOI PERMITIDO A OUTRAS PERSONAGENS (ALEM DOS REIS) DE SEREM SEPULTADOS COM MANUSCRITOS QUE OS GUIAVAM E PROTEGIAM NA VIDA DE ALÉM TUMULO.



111.270

111.270

SM_{e2}

Nº
2

A GRÉCIA CLÁSSICA

**CURSO
DE USOS E COSTUMES
(ESPECIALIZADO)**
SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO
Prof. da Escola Brasileira Universidade de Brasília

111-271

5425





①



②

① MULHER EM PEPLOS DE GROSSAS PREGAS SOBRE OMBRO DIREITO E GRANDE DOBRA. (440 A.C.)

② BAILARINA DE HERCULANUM.

③ O PEPLOS ERA A ROUPA PRINCIPAL DA MULHER AQUÊA NO PERÍODO ARCAICO (CERCA 1200-600 A.C.) FEITO DE UMA PEÇA RETANGULAR DE TECIDO, AS VEZES RICAMENTE BORDADO E CONSEQUENTEMENTE PESADO E GROSSO. VESTIDO COMO O "KHITON" DÓRICO, SENDO POREM DE MATERIAL MAIS RESISTENTE, ERA "ENROLADO" FIRMEMENTE EM VOLTA DO CORPO, SEM PREGAS. AMARRADO NA CINTURA E ABERTO DE UM LADO, A PARTE SUPERIOR CAINDO SOBRE A FRENTE E COSTAS. SEGURO NOS OMBROS E AS VEZES PRÊSO DOS LADOS COM GRANDES ALFINETES.



③



①
GRECO-
ROMANA
COM EPUMIS



②
KHITON DORICO

① GRECO-ROMANA
COM EPUMIS.

② KHITON DORICO E
HIMATION, UM AÇALHO
DE LÃ, DE CORTE RETAN-
GULAR, USADO SOBRE O
KHITON.

③ KHITON JONICO
HERODOTO NOS DIZ QUE,
COMO RESULTADO DO INTER-
CAMBIO CONSTANTE COM
OS HABITANTES DAS ILHAS
JONICAS, OS ATENIENSES
ADOTARAM O KHITON JONICO.
AS MULHERES FORAM OBRIGADAS,
POR LEI, DE MUDAR SEU TRAJE USUAL,
O PEPLOS, PELA KHITON JONICO,
PORQUE FOI CONSTATADO QUE
OS GRANDES ALFINETES
COM QUAIS SE PRENDIA O
PEPLOS, ERAM DEMAIS PERIGOSOS
EM MÃOS DE UMA MULHER
ENFURECIDA; O KHITON JONICO
NÃO EXIGIA, EM GERAL, ALFINETES.



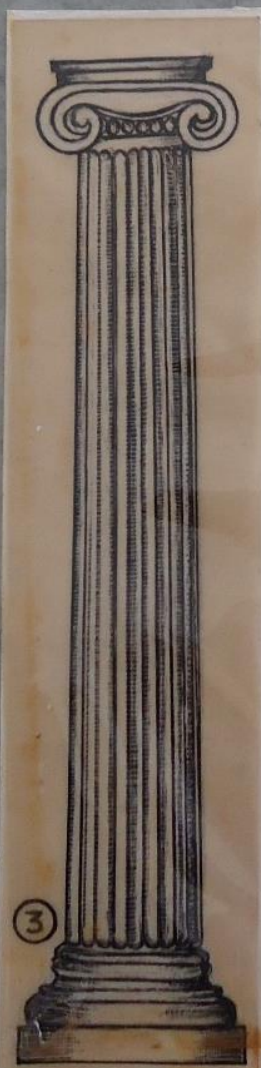
③
KHITON JONICO



① e ② **COLUNA CORINTIA** COM BASE E FUSTE LEMBRANDO A JONICA TEM GERALMENTE A ALTURA DE 10 VEZES DE SEU DIAMETRO, E, COMO AS OUTRAS ORDENS DE COLUNAS ERA COLOCADA SOBRE O "STYLOBATE". A FEIÇÃO CARATERÍSTICA É O CAPITEL. SUA ORIGEM É INCERTA É POSSÍVEL QUE SE DESENVOLVEU DO TIPO JONICO QUE TEM A ESCULTURA DO "ANTHEMION" SOB AS VOLUTAS (COMO NO ERECHTEYON) OU PODE SER UMA COMBINAÇÃO DO CAPITEL EGÍPCIO EM FORMA DE BINO COM A ESPIRAL ASSÍRIA. CALLIMACHUS, UM OPERÁRIO QUE TRABALHAVA EM BRONZE CORINTIO É ÀS VEZES CITADO COMO O DESENHISTA ORIGINAL DESTA CAPITEL. SEGUNDO VITRUVIUS, CALLIMACHUS TEVE A IDEIA QUANDO VIU UM CESTO SOBRE A SEPULTURA DE UMA JOVEM CORINTIA COBERTO POR UM AZULEJO E CERCADO DE FOLHAS DE ACANTHUS QUE FORMAVAM VOLUTAS NOS CANTOS.



CAPITEL CORINTIO, DO OLYMPIEION, ATENAS.



③ **COLUNA JONICA**
O FUSTE (ENTRE O CAPITEL E A BASE) EM CANELURAS SUGERE AS PREGAS DO KHITON DO COCHEIRO DE DELPHOS. O CAPITEL (ACIMA DO FUSTE) A PARTE DA ARQUITRAVÉ, FRISO E CORNIA SUGEREM O PANEJAMENTO DAS MANGAS.

④ **COCHEIRO DE DELPHOS**
ENTRE AS OBRAS DO CLASSICISMO SEVERO O COCHEIRO DE DELPHOS OCUPA UM LUGAR DE DESTAQUE. O KHITON COMPRIDO, JUSTO E CINTADO, COM A PARTE SUPERIOR ATADA COM CORDÕES ERA O TRAJE CARACTERÍSTICO DOS COCHEIROS.

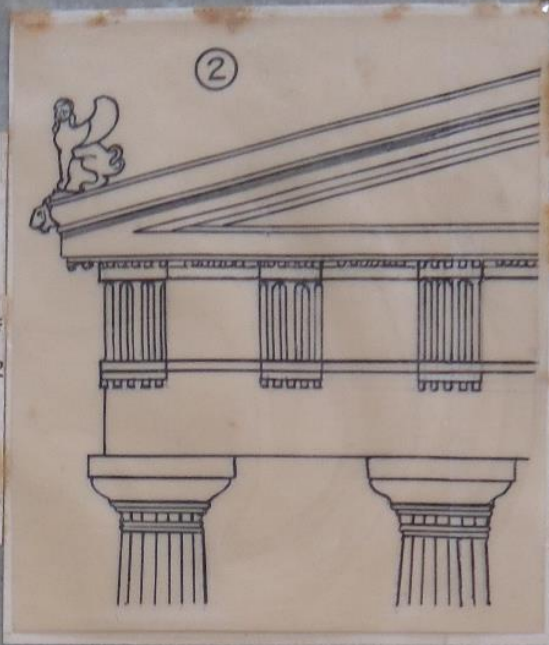
4



① **CARIATIDE (ERECHTEYON)**
ESCULTURA DE FIGURA FEMININA USADA COMO COLUNA OU SUPORTE. TRADICIONALMENTE EMPREGADAS PARA REPRESENTAR A MULHER DE CARIA (NA ASIA MENOR.)

NOMENCLATURA DA ARQUITETURA GREGA:
COLUNA - PILAR CILÍNDRICO, SERVINDO DE ORNATO OU SUSTENTANDO A BOBADA, ENTABLAMENTO (BASE, FUSTE E CAPITEL.)
ENTABLAMENTO - PARTE DE UM EDIFÍCIO QUE COMPREENDE ARQUITRAVE, FRISO E CORNIJA.
ARQUITRAVE - PARTE INFERIOR DE UM ENTABLAMENTO ENTRE O FRISO E O CAPITEL.
CORNIJA - MOLDURAS SUPERPOSTAS QUE FORMAM UMA SALIÊNCIA NA PARTE SUPERIOR DE UMA PAREDE, DE UMA PORTA, E DE UM MOVEL.

② **VIGAMENTO E CAPITEL DORICO**



A ARTE DOS GREGOS, NO PERÍODO DE 600-146 A.C. É FAMOSA POR SUA GRANDE BELEZA E ELEGÂNCIA. OS GREGOS ERAM UMA NAÇÃO DE ARTISTAS INTELLECTUAIS QUE LEVARAM SUA ARTE A TÃO ELEVADO NÍVEL DE PERFEIÇÃO QUE JAMAIS FOI ULTRAPASSADA. COMO RAÇA, SUA ÁPRECIÇÃO DA VERDADE ERA INTENSA E SUA ARTE EXPRESSAVA A SIMPLICIDADE LÓGICA CONSEQUENTE DESTE ENTUSIASMO - MARAVILHOSOS EFEITOS ALCANÇADOS PELOS MAIS SIMPLES METODOS.



③ **ANTHEMION**
ORNAMENTO EM FORMA DE LEQUE, REPRESENTANDO FOLHAS E FLORES EMPREGADO NA PINTURA E ARQUITETURA GREGA.



④ **ESTATUA DECORATIVA REPRESENTANDO UMA CANEFORA** (JOVEM QUE EM CERTAS CERIMONIAS GREGAS LEVAVA NA CABEÇA UM AÇAFATE (CESTO SEM ALÇA) CONTENDO OBJETOS DESTINADOS AOS SACRIFICIOS.)

111.271

111.271

SM_{e3}

Nº
3

CHAPERON

UMA "COIFFURE" EM TECIDO QUE FOI USADA DESDE O SÉCULO XII ATÉ O SÉCULO XVI. SUA ORIGEM É O "CAPUCHON" DA "CHAPE" QUE NO SÉCULO XII FEZ-SE INDEPENDENTE.



**CURSO DE
USOS E COSTUMES
(ESPECIALIZADO)**

SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO
Prof. da Escola Belas Artes Universidade de Brasília

O INFANTE DOM HENRIQUE, "O NAVEGADOR"

Chaperon S.M.

O Chaperon é uma coiffure que foi usada desde o século XII até o século XIII. Sua origem vem do capuchon, da chape e foi no século XII que chegou a ser independente.

O princípio do Chaperon é uma longa cagoule. Cagoule = é um manto longo a capuchon pontudo, usado pelos penitentes de certas confrarias religiosas ou laicas, nas procissões; atualmente só usada na Espanha e na Itália. No começo o chaperon era uma longa cagoule, aberta "en forme" ao nível dos olhos; comportando 3 partes: 1º: le guleron, pelo qual se pode coiffir le chaperon, a entrar e a dispor em volta do pescoço, 2º: la visagière permitindo meter a nu o rosto; 3º: la cornette, chamada também coquille ou patte cuja extremidade pendia do crânio de diversas formas.

Passado o pescoço e não deixando nu sinais o rosto o Chaperon era dito enformé. Então a abertura da visagière se avançava em forma de largo tubo e se encolhia para emoldurar o rosto. Se ele avançava retomando como um capuchon o chaperon era dito embranche. É assim que se vê os chaperons usados pelos pleurants (chorões) do tombau de Philippe le Hardi.

No século XVI esta coiffure não foi mais que uma coiffure de luto. Esse Chaperon figura no enterro de Charles Quint e no século XVIII na pompa fúnebre de M^{me} Henriette, segunda filha de Luiz XV

Na Idade Média o Chaperon tomou formas diversas. Ele foi uma espécie de turban, formando um rouleau pela sua cornette e uma crête de coq (crista de galo pelo seu guleron).

Faz bem chaperons de forma como os chapéus ou burrelets rígidos, donde emergiam em pregas rígidas, unidas, o guleron e d'onde pendia a corneta "cornette" seguida de um comprimento desmesurado.

Quando não se usava o chaperon sobre a sua cabeça, se posava sobre a espada esquerda, o burrelet fazia contra-peso à cornette.

Nesta maneira e desta forma que se reduziu a um tamanho minúsculo, a insignia dos magistrados e professores da Universidade.

O Chaperon é característico do traje masculino do século XIV. É a coiffure de Dante e de Petrarca.

Épitoge fixada sobre o ombro, orna-se de uma rondelle (escudinho) Épitoge - surcot do meio do século XV, tornou-se a insignia de dignidade dos magistrados e do corpo docente. Épitoge fixada sobre o ombro, se orna de uma rondelle (escudinho) em forma de anel de onde pende em redução cornette e guleron. (Ver Simarre e Épitoge)

Simarre Para as mulheres é uma longa "robe" de cauda, de tecido suntuoso, análogo ao surcot. Para os homens é uma "robe" de brocart, com vastas mangas que usavam os senadores venezianos - do século XVI. Os magistrados e Professores da Universidade ainda usam a Simarre



FIG. 1. MANTEL À CAPUCHON, L'AUMUSSE. CAPA FECHADA NA FRENTE. NO SÉCULO XII OS DOIS SEXOS USAVAM SOBRE A CABEÇA E AS ESPÁDUAS UMA VESTIMENTA CUJA ORIGEM ESTÁ NOS MONUMENTOS GALO-ROMANOS. ESTA PEQUENA CAPA TEM A FORMA DE UM FUNIL COM A ABERTURA A B PARA ENFIAR O ROSTO. EXCELENTE PARA PROTEGER CONTRA A CHUVA OU FRIO. A PARTE B C, ESCORREGA E ENRUÇA-SE SOBRE OS OMBROS OU EM VOLTA DO PESCOÇO. O VENTO PODIA DESARRANJAR AS PREGAS QUE CAÍAM SOBRE O ALTO DA CABEÇA. A PARTE INFERIOR C D É TORCIDA E A EXTREMIDADE DA CAPA CAI SOBRE A ORELHA



FIG. 2 - 3 CHAPERON COPIADO DE UMA FIGURA DA CORNISA SUPERIOR DA IGREJA DE SAINT NAZAIRE DE CARCASSONNE DOBRAVA-SE A PONTA SUPERIOR DE MANEIRA QUE CAÍA SOBRE A ORELHA, E FAZIA-SE UMA TORSADE* EM VOLTA DA FRENTE. ESTA MANEIRA DE USAR O CHAPERON JA FOI ADOPTADA NO SÉCULO XIII. ERA, EM GERAL, FEITO DE DRAP OU DE SEDA.



FIG. 4. A ABERTURA CENTRAL FICA SOBRE A CABEÇA, DEIXANDO CAIR A EXTREMIDADE INFERIOR DE UM LADO. A PONTA É ESCONDIDA SOB UM MAÇO DE PREGAS.



FIG. 5 CHAPERON FORMANDO UMA CRISTA DE BALDOTE* DEBETE DE COGJ NO ALTO DA CABEÇA.



FIG. 6. MANUSCRITOS DO FIM DO SÉCULO XIV DESCRIVEM CHAPERONS DE EXCESSIVA AMPLITUDE. O CHAPERON DISTENDIDO ALCANÇAVA, ÀS VEZES, UM COMPRIMENTO DE 2 METROS. ENROLAVA-SE TODO ESTE TECIDO EM VOLTA DA CABEÇA, DEIXANDO CAIR AS PONTAS DE UM LADO.



FIG. 7. CHAPERON USADO POR PHILIPPE LE BON, DUQUE DE BORGONHA COM O TRAJE DE GALA DA ORDEM DO TOSÃO DE OURO, ORDEM POR ELE FUNDADA EM BRUGES, BÉLGICA, EM 1429.



FIG. 8. CHAPERON USADO SOB UM CHAPEAU DE PELE (CHAPEAU DE FOURRURE) ORIGINAL NO MANUSCRITO DE TERENCE, NA BIBLIOTECA DO ARSENAL, METADE DO SÉCULO XIV.



FIG. 9-10. NO COMEÇO DO SÉCULO XIV TORNOU-SE GERAL O USO DO CHAPERON PARA HOMENS E MULHERES. ERA USADO COMO UMA ECHARPE, SOBRE OS OMBROS. USADO PELOS HOMENS COMO "AUMUSSE" DE CAPUCHON REVIRADO.



FIG. 12. DEPOIS DA BATALHA DE POITIERS OS PARISIENSES ADOTARAM UM CHAPERON "MI-PARTI" DE DRAP VERMELHO E VERDE. A ESSE CHAPERON ACRESCENTARAM UMA "AGRAFFE" DE PRATA "MI-PARTI" VERMELHO-AZUL COM UMA DIVISA: "A BONNE FIN!" (A BOM TERMO). SOB ESSE CHAPERON (DURANTE O SÉCULO XIV USARAM UMA COIFA, ESPÉCIE DE "SERRETÊTE" QUE PRENDIA OS CABELOS. FOI MUITO USADA ENTRE AS PESSOAS LAICAS, DURANTE O SÉCULO XIII E XIV

FIG. 11. COMPOE-SE DE UMA ESPECIE DE "BOURRELET" UNIDO SEM PREGAS, DE UMA CRISTA E UMA LONGA CAUDA QUE CAIA DELAS COSTAS E ATINGIA OS TORNOZELOS. ESTE CHAPERON ERA FIXO, PODIA-SE TIRAR E POR COMO UM CHAPÉU, USADO PELA NOBREZA E PELA BURQUEZIA, MEIADOS DO SÉCULO XV.



FIG. 13. COIFA USADA SOB O CHAPERON. ESTAS COIFAS ERAM DA MESMA CÔR DO CHAPERON. SÉCULOS XIII E XIV



FIG. 14. CHAPERON USADO PELO CLERO, PRESO NO OMBRO E PELA CAUDA QUE DAVA UMA VOLTA NO PESCOÇO.



Cabo Bojador

Cabo ocidental da África a Noroeste do Deserto do Saara, e que por dezenas de anos foi o limite da navegação portuguesa, na Costa do Saara.

Gil Eanes em 1434 conseguiu passar ao sul do Bojador, feito que animou o Infante D. Henrique a mais arrojados empreendimentos.

A seguir Affonso Gonçalves Baldaia, navegou 50 léguas para o sul até a Angra dos Cavalos.

Infante Português - D. Henrique - o Navegador
Filho de João I e D.^a Felipa a Lancaster, nasceu no Porto, um dos homens mais ilustres não só da História de Portugal, como da História da Civilização Europeia.

Tomou parte gloriosa na expedição à Ceuta, e aí colheu informações que o confirmaram na crença de que havia muitas terras a descobrir para além do Cabo Bojador, limite das navegações desse tempo.

De volta de Ceuta, foi se estabelecer no Promontório de Sagres, perto ao Cabo São Vicente, e aí, segundo velha tradição não confirmada, por documentos históricos inofismarvis, teria fundado uma Escola de Navegação, um Observatório Astronômico e Estaleiros para a construção de navios.

Chamou do Estrangeiro Cosmógrafos e Matemáticos ilustres e com eles e alguns cavaleiros de sua casa se entregou ao estudo das Cartas Marítimas. Todos os anos, uma Caravela armada à sua custa e capitaneada por um cavaleiro ou escudeiro do seu serviço, partia à descoberta, mar em fora.

Quando o Infante morreu, deixava reconhecida a Costa Africana até Serra Leoa e preparado o que feito Vasco da Gama realizou 38 anos depois.

O Infante D. Henrique jaz no Mosteiro da Batalha (1394 - 1460).

Ceuta cidade de África, ao Norte de Marrocos 50.000 hs. no Mediterraneo, em frente de Gibraltar. Tomada aos Mouros por D. João I de Portugal - 1415.

Foi o início das conquistas portuguesas na África.

Pertence hoje, Ceuta, aos espanhóis.

Nº
4

**RABICHO
CHINA**

**CURSO DE
USOS E COSTUMES
(ESPECIALIZADO)**

SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO
Prof. da Escola Belas Artes Universidade de Brasil

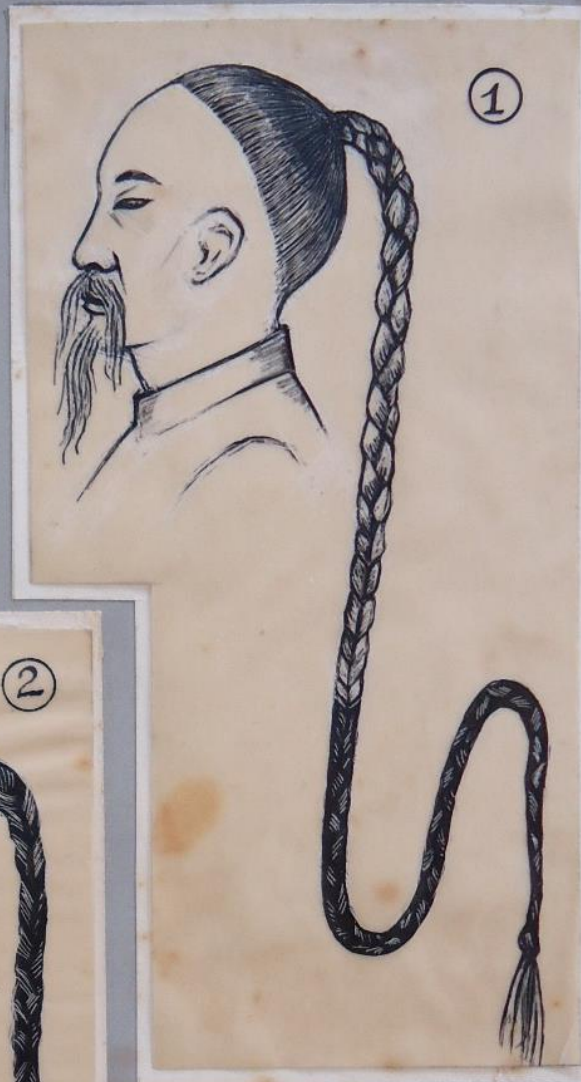
RABICHO

OS ANTIGOS CHINESES USAVAM O CABELO COMPRIDO, ENROLADO NO ALTO DA CABEÇA.

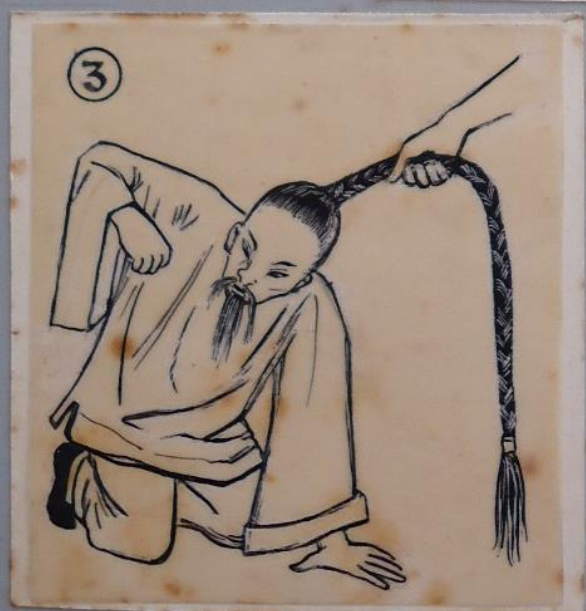
EM 1627 QUANDO OS MANDCHUS ESTAVAM DE POSSE DE LIANGTUNG, ORDENARAM QUE, SOB PENA DE MORTE E COMO PROVA DE SUBMISSÃO TODOS OS HOMENS USASSEM O CABELO COMO ÊLES O TRAZIAM, ISTO É, FAZENDO UMA TRANÇA QUE PARTIA DO ALTO DA CABEÇA, A QUAL ERA RASPADA ECETO NUM CIRCULO DE 0^m1 DE DIAMETRO.

A APARECER DIANTE DE UM SUPERIOR COM A TRANÇA ENROLADA NO ALTO DA CABEÇA É SINAL DE PÓUCO RESPEITO, DA MESMA FORMA QUE CORTAR A TRANÇA A UM CHINÊS É O MAIOR INSULTO QUE SE LHE PODE FAZER.

A REVOLUÇÃO NA CHINA (PARA A REPÚBLICA) COMEÇOU EM 10 DE OUTUBRO, 1911. DUROU 3 MÊSES. A FUNDACÃO DA REPÚBLICA FOI EM 1 DE JANEIRO DE 1912. O "RABICHO" FOI PROIBIDO NO SÉCULO PASSADO.



1 E 2. QUANDO A TRANÇA NÃO ATINGIA O COMPRIMENTO EXIGIDO, ERA CONTINUADA COM RETROZ PRETO, ATÉ QUE O COMPRIMENTO TOTAL CHEGAVA AOS TORNOZELOS. NAS CRIANÇAS E JOVENS A TRANÇA ERA PROLONGADA COM RETROZ VERMELHO EM VEZ DE PRETO.



3. PELA TRANÇA OS PRISIONEIRO ERAM ARRASTADOS À PRESENÇA DAS AUTORIDADES (OS MANDARINS) NA CERTEZA QUE ASSIM NÃO PODIAM FUGIR.



4. A MULHER DA POPULAÇÃO MARÍTIMA QUER SOLTEIRA, QUER CÁSADA, USA A TRANÇA ENROLADA EM VOLTA DA CABEÇA COBRINDO-A COM UM LENÇO.



5. AS MULHERES USAM TODO O CABELO COMPRIDO ARRIPANDO-O PARA TRAZ; DEIXANDO-O EXCESSIVAMENTE LEVANTADO NA NUCA. FORMAM SOBRE AS ORELHAS UMA ESPECIE DE BANDÓS MUITO VOLUMOSOS QUE ORNAM COM TRAVESSÕES DE OURO E PRATA.

6 e 7. QUANDO A MENINA CHINESA TEM QUATRO MÊSES DE IDADE, SUA CABEÇA É RASPADA; DEIXANDO-SE APENAS PEQUENOS TUÇOS DE CABELO NO ALTO E DOS LADOS. QUANDO ELA ATINGE A IDADE DE QUATRO ANOS, DEIXAM O CABELO CRESCER FORMANDO UMA TRANÇA. NA FRENTE O CABELO É CORTADO EM FRANJA.



8. OS OPERÁRIOS, CREADOS DE SERVIR E OUTROS HOMENS DE TRABALHO, USAM A TRANÇA EM TORNO DA CABEÇA. FORA DISTO USAM-NA COMO OS HOMENS DA CLASSE SUPERIOR.



9. SAUDAÇÃO "TSG-YIH" QUANDO DUAS PESSOAS DE IGUAL CATEGORIA SE ENCONTRAM OU SE DESPEDEM, FECHAM AS MÃOS, CONSERVANDO OS POLEGARES PARALELOS; MOVEM OS BRAÇOS VAGAROSAMENTE CURVANDO O CORPO, DIZENDO "TSING-TSING" (SALVE, SALVE)

Rabicho (China).

Proibição do Rabicho no seculo passado.

Em 1627, quando os Madchis estavam de posse ^{de} Liantung - Siaotimãg ordenaram sob pena de morte e como prova de submissão que todos os homens usassem o cabelo como des o traziam, isto é, fazendo uma trança que parte do alto da cabeça, a qual é raspada excepto num circulo de 0,1 de diametro. A trança cae pelas costas abaixo que é até continuada com retrôz preto até que o comprimento total chegue até aos antelhos.

A trança na cabeça das crianças, em vez de retrôz preto emprega-se retrôz encarnado.

Na classe baixa a trança serve aos pais afim de castigar as crianças e é pelas tranças que os soldados levam à presença das autoridades (mandarins) os prisioneiros na certeza de que estes não lhes fogem.

Os operarios e criados de servir e outros homens de trabalho, usam a trança enrolada em torno da cabeça qdo trabalham. Forá disso usam-na solta como os da classe superior.

Nos qdes agrupamentos divertem-se alguns, prendendo pela trança 3 a 4 individuos, q. ao se separarem se ríem presos uns aos outros.

Aparecer diante de um superior com a trança enrolada no alto da cabeça é sinal de pouco respeito, da mesma maneira que cortar a trança de um chinês é o maior insulto que se lhe pode fazer.

As mulheres usam todo o cabelo comprido, anepiando-o para trás, deixando-o successivamente levantado na nuca e formando sobre as orelhas uma especie de bandeap mto volummosos q. ornam com trançoes de ouro e prata.

As raparigas solteiras formam de todo o cabelo uma trança caída pelas costas. Usando as mulheres da população maritima, quer solteiras, quer casadas, esta mesma trança, mas enrolada à cabeça, que cobrem com um lenço.

Nº
5

A DEFORMAÇÃO DO PÉ CHINÊS
(DINASTIA "CHOW" 1100- 225 AC.)

VULGARIZOU-SE NA ÉPOCA DA SEXTA
DINASTIA (220-520 D.C.)

CURSO DE
USOS E COSTUMES
(ESPECIALIZADO)

SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO
Prof. da Escola Belas Artes Universidade de Brasília

O DESUMANO COSTUME DA DEFORMAÇÃO DO PÉ DA CHINESA

AULA de USOS e COSTUMES

SOPHIA JOHIM MAGNO DE CARVALHO
Prof. da Escola Superior de Medicina da Universidade de Brasília

ESCLARECIMENTOS PRESTADOS PELO DR. COOPER
A ASSOCIAÇÃO DE MEDICINA DE LONDRES.

Os músculos da barriga da perna dão à perna a forma cônica do joelho para baixo. Os pés, quando lhes tiram as ligaduras em que andam sempre envolvidas, são extremamente desagradáveis à vista, já pela forma que apresentam, já porque a pele que envolve o pé toma um aspecto repugnante, parecendo ter sido coberta de espuma de sabão.

A lenda chinesa diz que a origem provável deste bárbaro costume começou no tempo da Dinastia "Chow" (1100-225 A.C.) vulgarizando-se na época da Sexta Dinastia (220-580 D.C.)

Os ritos determinam assim os pés minúsculos. Há milhares de anos cumpriu-se por seus antepassados assim quizeram. (Callado Crespo, Lisboa, 1898).



O grande dedo do pé (diz Dr. Cooper) é dobrado para cima e para baixo é esticado muitas vezes até se deslocar completamente. O 2º e o 3º são dobrados para baixo de forma que fiquem sob a planta do pé.



A cabeça do dedo grande separa o 2° e o 3° do 4° e 5° dedo, sendo estes também dobrados mais obliquamente, ficando o 5° entalado entre o 4° e a planta do pé.



Com o tempo o osso calcaneo toma um grande desenvolvimento de cima para baixo, ficando em linha reta com a tibia e o peroneo.



O calcaneo, a extremidade do metatarso do dedo grande, e os dois dos menores dobrados para baixo constituem os três pontos que se apoiam no solo para se andar, não ficando o pé com mais de 3 polegadas de comprimento por 3/4 polegadas de altura.



Em ligados os dedos, dobra-se o pé aproximando os dedos tanto quanto possível do calcaneo, fazendo com que o pé forme um arco que mais tarde é cheio de um tecido celular muito compacto.



SM_{a6}

11.264 SMe6

FLORES DE LYS



PRIMITIVA



IDADE MÉDIA



SÉCULO XVII



LUIZ XIV



LUIZ XVI



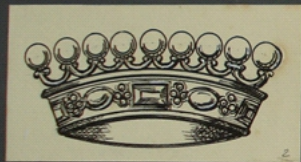
LUIZ XVIII



CORÔAS



NAVAL



CONDE (ANTIGA)



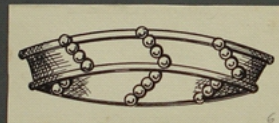
CONDE (MODERNA)



VISCONDE (ANTIGA)



VISCONDE (MODERNA)



BARÃO (ANTIGA)



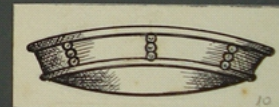
BARÃO (MODERNA)



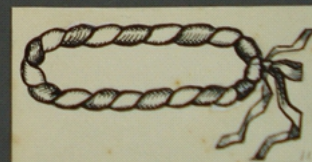
MARQUÊS (ANTIGA)



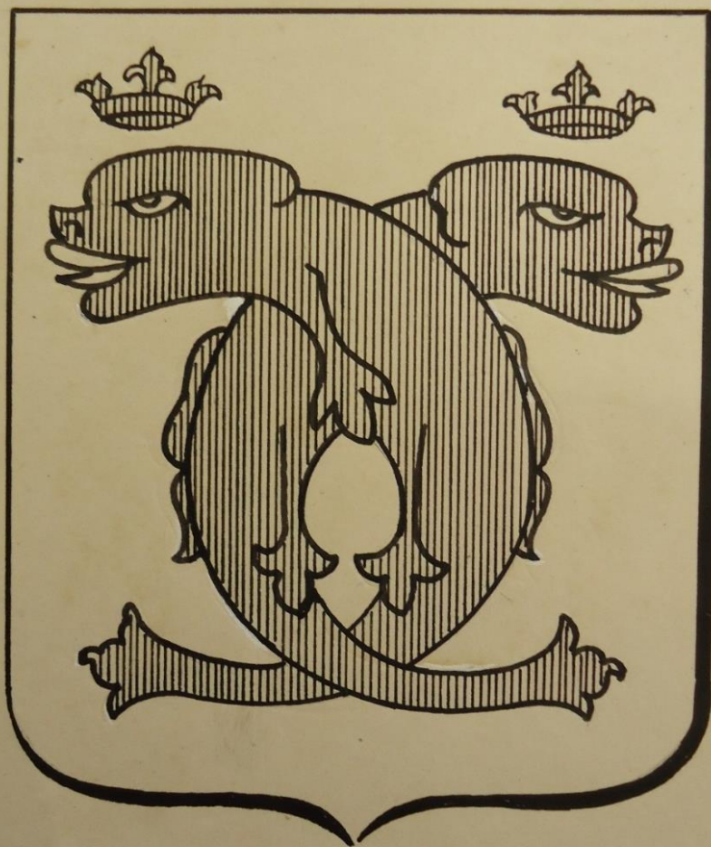
MARQUÊS (MODERNA)



SENHOR DE PENDÃO



CAVALEIRO E GENTILHOMEM



Anotação no verso:
Pássaros e insetos 13ª aula. De prata com
2 golfinhos passados e repassados em
santor e corado de goles.
Fonte: Acervo MHN.



IMPERADOR





Anotações no verso:
Judeus. Sumo sacerdote.
Ephod. Thummim e Urim.
Candelabro-Menorah.
Fonte: Acervo MHN.





Anotação no verso:
Judias. Mulheres de
posição elevada.
Fonte: Acervo MHN.
Registro: 111.162.









Anotação no verso:

Assírios. 1. Roupas couraçadas. 2. Escudo tapume (assírio) em varinhas, ou em couro com placas de metal (protege dois arqueiros e um porta-escudo). 3. Bandas de tecido de cor com placas. O "fantassin" é coberto por uma túnica curta de tecido espesso; o peito é protegido por uma cote com guarnição de metal, um capacete e uma cimeira ou capacete em ponta.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.156.



Anotações no verso:
Persa. Guarda pessoal - barrete
frígio, aljava, capacete de aba
sobre a orelha e cobre-nuca.
Fonte: Acervo MHN.
Registro: 111.160.



Anotações no verso:

Persas. 1.Rei dos persas (púrpura e branco, kydaris, sapato amarelo).

2.Padom - entourage do rei. 3.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.161 SMi141/3.





Anotações no verso:

Persas. 1. Guarda pessoal - barrete frígio; aljava; capacete de aba sobre a orelha e cobre-nuca. 2. Sumo sacerdote (tiara tronco de cone invertido, canelada). Caniço - castão bola de ouro, espada de sacrifício.

Fonte: Acervo MHN.











Anotações no verso:
turca de posição social elevada.
Fonte: Acervo MHN.



Anotações no verso:
Turcos. Padishah - título de soberano
islamita. Turquia. Mufti - turban.
Fonte: Acervo MHN.



Anotações no verso:
Imperador Bizantino dos séculos X,
XI e XII com a louça sagrada.
Fonte: Acervo MHN.





Anotações no verso:

ao traje imperial se juntam as calças cor de púrpura e um diadema guarnecido de pérolas; um cetro de ouro que se chamava labarum;

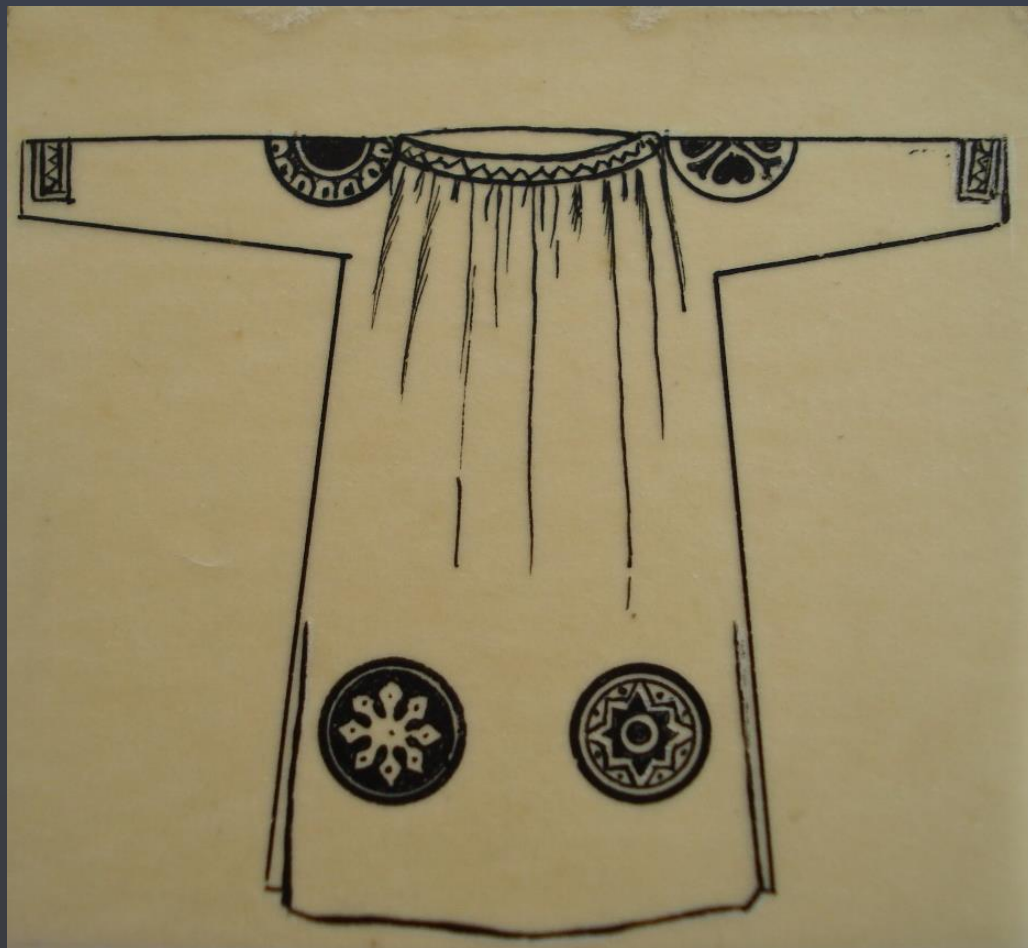
este cetro era uma longa baguete com o “monograma de Cristo” sobre o alto, ou com um transversal ao qual era suspenso um pedaço de drap púrpura, sobre o qual era representado o mesmo monograma.

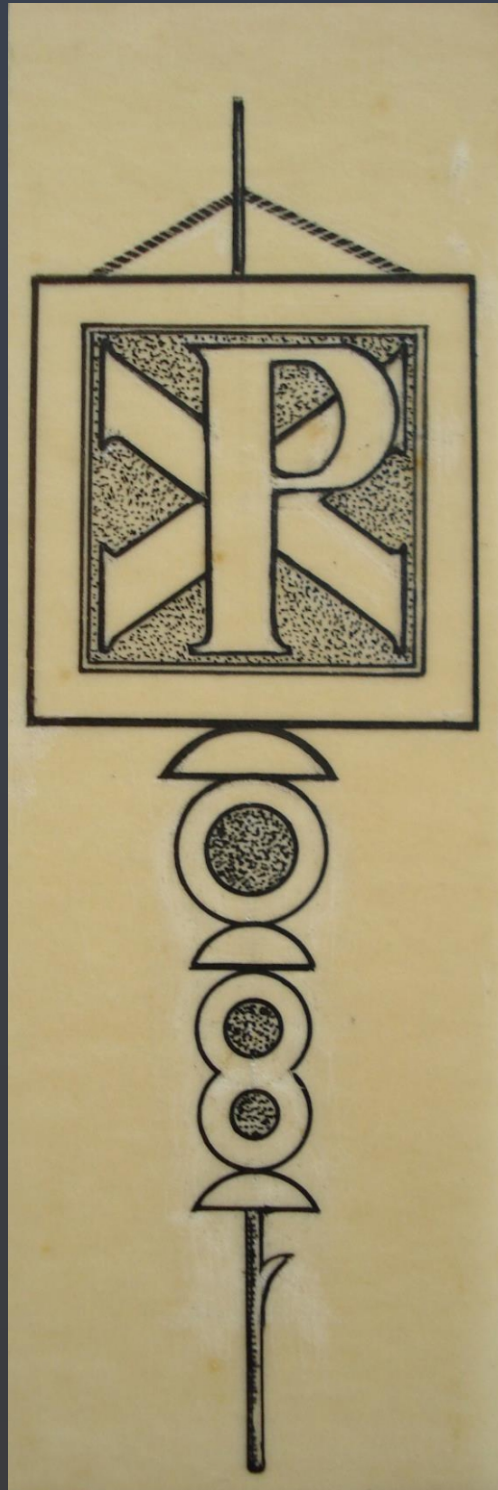
Os sapatos ou borzequins púrpuras, bordados de pérolas, eram as primeiras insígnias da dignidade imperial – a tal ponto que o uso ilegal destes sapatos eram punidos de morte.

“Pôr sapatos de púrpura” significa subir ao trono. Os imperadores romanos dos dois primeiros séculos usavam uma coroa de louro (...).

Fonte: Acervo MHN.

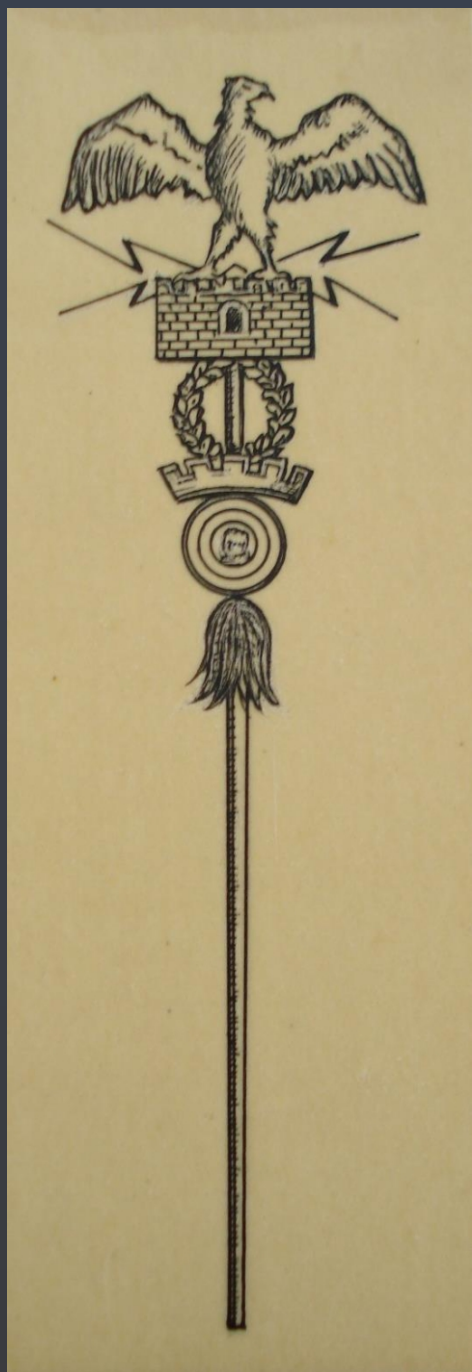






Anotações no verso:
o lábaro. Sob este estandarte,
Constantino venceu Maxêncio na ponte
Milvia, perto de Roma. O Monograma XP
são as duas primeiras letras da palavra
grega: Christós.
Fonte: Acervo MHN.
Registro: 111.178 SMi145/3a.





Anotações no verso:

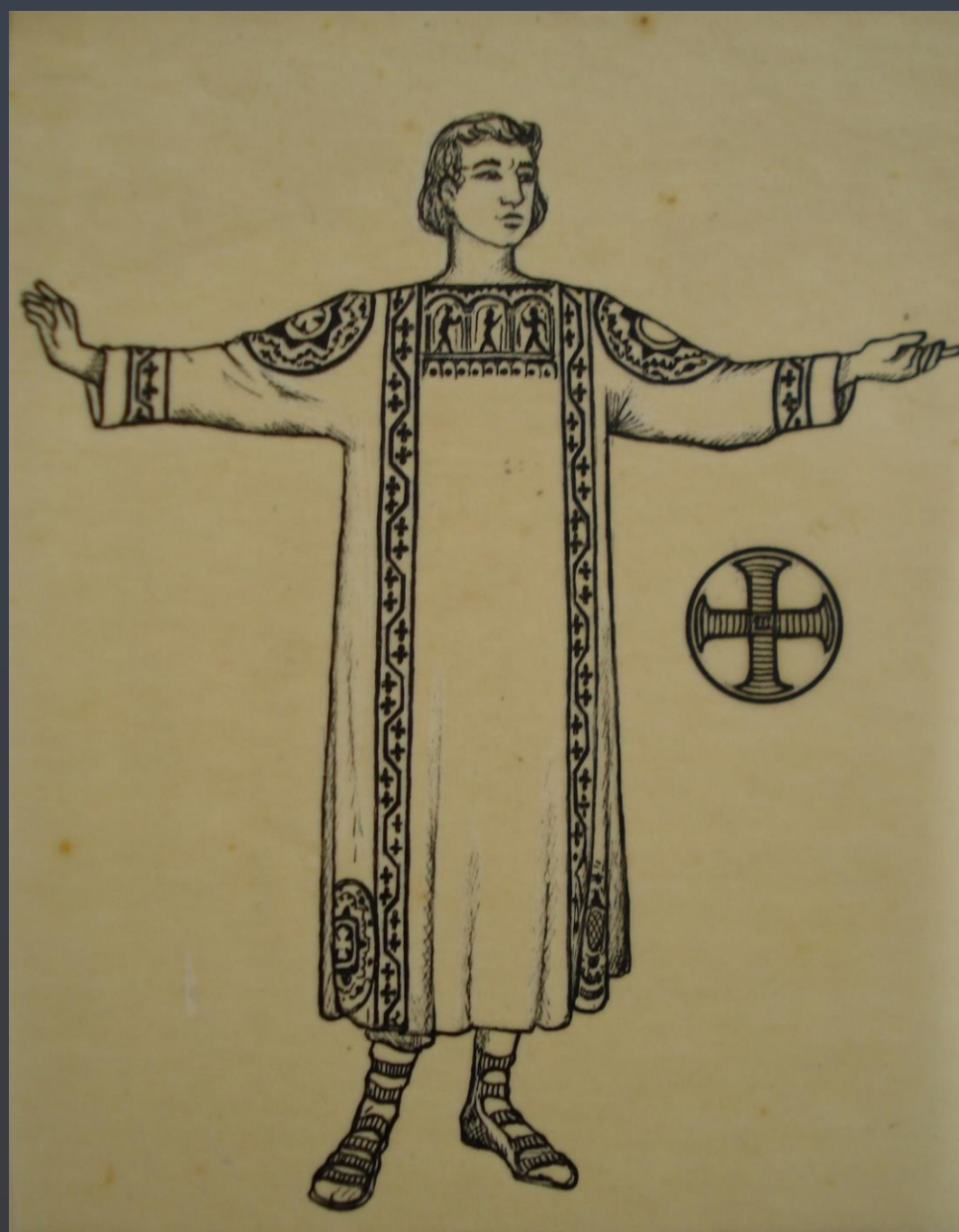
A águia. O emblema de tipo mais importante tinha no alto uma águia que segurava em suas garras os raios de Júpiter (pai e soberano dos deuses na religião dos romanos). Como

Júpiter era o deus do céu, da luz divina, do tempo que fazia, do raio e do trovão reinava no capitólio que lhe era consagrado. A águia ficava montada sobre um castelo, o

globo, que por sua vez eram montados sobre diversas placas, medalhões ou grinaldas ou coroas. Este emblema foi adotado durante o Segundo Consulado de Caius Marius, no ano 104a.C. e continuou em uso durante o Império. A águia veio a ser o emblema do poderio imperial.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.181 SMi145/3d.



Anotações no verso:
tunica talaris.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.189 SMi145/6b.



Anotações no verso:

Suabia (do alemão Schawaben), região e antigo ducado da Alemanha, hoje a parte sudoeste da Baviera. Capital Ausburgo. Os suavos tingiam seus cabelos de amarelo com uma lixívia de cal (protóxido de cálcio) e leite coalhado. Os suavos velhos ou jovens suspendiam seus cabelos junto da risca e os prendia em penacho. Os germanos eram orgulhosos de sua cabeleira, que era para eles a marca de um homem livre; os escravos eram tonsurados. As figuras indicam que as calças eram de uso comum entre os germanos que moravam na Gália. O uso da calça entre os suavos é provado por pedras tumulares de guerreiros romanos encontrados perto de (...). As tribos germanas, habitantes do Reno e do Danúbio, os suevos e os alemães vestiam esse traje sumário.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.191 SMi146/2.



Anotações no verso:

Viquingues (sic) (em escandinavo Vikings), salteadores que no século XI ao século XII devastaram a Europa.

Varegues – tribo escandinava que durante a segunda metade do século IX penetrou na Rússia e submeteu os finlandeses e eslavos; o seu chefe Rurik tomou o título de grão-duque e fundou um estado.

Fonte: Acervo MHN.



Anotações no verso:

Carlos Magno em traje solene. Séc. IX. Carlos Magno – rei dos francos. Filho de Pepino, o Breve, e Bertha do Pé Grande. Nasceu em Aachen em 742, morreu em Aix-la-Chapelle em 814. Sucedeu a seu pai em 768. Reinou com seu irmão Carlomano até 771, ficando rei único na parte de Carlomano. Submeteu os aquitanos, os lombardos. Promoveu uma expedição contra os árabes da Espanha. Os últimos dias entristecidos pelas primeiras invasões dos Normandos. Em 800, o Papa Luiz III corou-o Imperador do Ocidente. Organizou o seu império à maneira do romano. Carlos Magno casou-se quatro vezes. Maior figura da Idade Média.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.195 SMi148.





Anotações no verso:

Jóias do Reino. O Globo Imperial, ao lado da coroa e do cetro, é o símbolo do poderio real ou imperial. Reichs kleinodien - jóias do reino e da coroa. Em inglês: orb. Em alemão: reichsapfel (maçã do Reino). Em português: globo imperial. Elizabeth II da Inglaterra, na sua coroação, levou na mão a Maçã do Reino.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.199 SMi150/2b.





Anotações no verso:

Isabel da Baviera, 1395, cuja beleza muito grande permitia a moda francesa se exagerar ainda mais do que na Alemanha. Com estes hennins, usavam durante o século XV (primeiros anos) o escoffon, com ou sem véu.

Bourrelet de hennin - 1395.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.205 SMi150/4c.



Anotações no verso:

Coiffure inglesa. Vejamos o exagero desta coiffure que se encontra em muitos monumentos ingleses, datando de 1410-1430. Este exemplo foi tomado da estátua da condessa Beatriz (1382-1439), deposta no coração da Igreja da Trindade em Aroundel (Sussex). Casou-se com Thomas Fitzalan (1381-1415), conde de Aroundel em 1405. Esta nobre dama desposou em 1432 John Holland (1395-1447), conde de Huntingdon, depois duque de Exeter. A coiffure é um pouco anterior a esta época.

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.207 SMi150/4e.





Anotações no verso:
Duque ou príncipe alemão, de
alta linhagem.
Fonte: Acervo MHN.
Registro: 111.212 SMi150/7.



Anotações no verso:

Martim Affonso de Souza (século XVI). Da Galeria dos Governadores da Índia, Goa. Expedição Martim Affonso. Primeiro veio para Pernambuco e descobriu uma nau francesa que aprisionou. Depois mandou duas caravelas para tomar posse do Maranhão. (...)

Fonte: Acervo MHN.

Registro: 111.217 SMi151.



Fausto Viana é pesquisador de trajes de cena e professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros: *O figurino teatral e as renovações do século XX*; *O traje de cena como documento*; *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion*; *Os trajes da igreja católica –um breve manual de conservação têxtil* e um dos organizadores dos livros *Diário dos pesquisadores: traje de cena*; *Traje de cena, traje de folgado*; *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*; *Roland Barthes e o traje de cena*, dentre outros. Ligados à obra de Sophia Jobim, publicou: *Dos cadernos de Sophia Jobim: desenhos e estudos de história da moda e da indumentária*; *Estilo no traje*; *As vestimentas primitivas*; *A moda pela imagem do século XII ao século XVIII* e *Almanaque da Indumentarista Sophia Jobim: um guia de indumentária, moda, reflexões, imagens e anotações pessoais*. Todas as obras ligadas ao trabalho de Sophia Jobim podem ser baixadas no Portal de Livros Abertos da USP.

Maria Sophia Pinheiro Jobim nasceu em 1904 em Avaré, no estado de São Paulo. Educadora por excelência, feminista daquelas que defendem o lar e a feminilidade, encarando o problema da mulher na contingência da vida moderna, considerando que esta não está preparada para auxiliar o marido, e é muitas vezes obrigada por necessidade a fazê-lo: fundou há anos o Liceu Império (escola de artes femininas) desenvolvendo na mulher a noção da sua capacidade realizadora. Foi professora de História na Escola Normal de Santos Dumont (Palmira) em Minas Gerais. Mais tarde no “Instituto Orsina da Fonseca”, do Rio de Janeiro e no Seminário de Arte Dramática do Teatro do Estudante. Exerceu ainda a função de professora do Conservatório Nacional de Teatro do Ministério da Educação. Regeu por vários lustros a disciplina de Indumentária Histórica da Escola Nacional de Belas Artes, com grande brilhantismo. Fundou em sua residência o Museu de Indumentária Histórica e Antiguidades, cujo acervo, com seu falecimento em 1968, passou para o Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro.





ECA USP
2021